



ATÉ O FIM DO ANO

PBGás projeta 36 mil clientes com a expansão de gasoduto

Ampliação do acesso ao gás natural promove eficiência, segurança e sustentabilidade no estado. *Página 4*

Foto: Evandro Pereira



Merenda escolar: 130 milhões de refeições são servidas na Paraíba

Alimentação ofertada pelo Governo do Estado é planejada com antecedência por nutricionistas e atende cerca de 208 mil estudantes, durante os 200 dias do ano letivo. Parte dos ingredientes utilizados vem da agricultura familiar, por meio de contratos realizados com pequenos produtores locais.

Página 3

■ “Bato com as vistas nuns enormes caixões de cimento que sobem apertados entre montes, empanando a visão da sinuosa várzea que o Rio Jaguaribe desce descrevendo entre o Cristo e Oitizeiro, até se perder na restinga do Bessa”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

Imóvel mais acessível à classe média

Início da Faixa 4 do Minha Casa, Minha Vida, para quem ganha até R\$ 12 mil por mês, deve beneficiar 120 mil famílias neste ano.

Página 17



Foto: João Pedrosa

Parque Tecnológico oferecerá suporte a 100 startups

Cerca de 40 empreendimentos devem utilizar o espaço logo após a inauguração, prevista para o mês de junho.

Página 18

Há 29 anos, urna eletrônica reforça a democracia do país

Após quase três décadas, o equipamento consolida-se como importante instrumento de segurança do processo eleitoral.

Página 13

Botafogo-PB busca sua segunda vitória na Terceira Divisão

Time enfrenta o Maringá-PR, hoje, às 16h30, em duelo válido pela sexta rodada do Campeonato Brasileiro da Série C.

Página 21

Quadrilhas juninas fazem os últimos ajustes antes de iniciarem os festejos

Grupos aceleram o ritmo da confecção dos figurinos e dos ensaios de coreografias para as apresentações no São João.

Página 8

Foto: Julio Cezar Peres



Sete artesãos paraibanos expõem trabalhos em museu de São Paulo

Obras integram exposição n' A Casa do Objeto Brasileiro e poderão ser visitadas a partir do próximo dia 24.

Página 9

Editorial

Luta sem trégua

A vida nunca foi fácil, daí a importância de se continuar envidando esforços, no sentido da construção de uma sociedade verdadeiramente democrática, alicerçada em valores como o amor, a paz e a prosperidade. A essa tríade poderia ser acrescentada a criatividade, para que a imaginação alargue as fronteiras dessa vida nova, que quase todas as pessoas intimamente idealizam, mas que se desfaz diante da implacabilidade do dia a dia.

No plano social, são muitos os obstáculos que se interpõem entre o que se almeja e o que a realidade concreta oferece. O abuso e a exploração sexual de crianças e adolescentes, por exemplo, são alguns dos mais sérios entraves para se chegar a esse mundo que espelhe o mais fielmente possível o que se entende por felicidade. Que espécie de amanhã podem fantasiar as pessoas que são brutalizadas na infância e na juventude?

E essas mil vezes condenáveis sevícias de meninos e meninas, inclusive das mais tenras idades, continuam acontecendo, não só em clínicas e escolas, por exemplo, mas dentro de suas próprias casas e, o que é mil vezes pior, causada por aqueles ou aquelas que os trouxeram ao mundo. Quando não perde a vida no ato, o que pode esperar do futuro uma criança judiada sexualmente por um pai, um padre, um médico ou um professor?

É preciso uma convergência muito forte de profissionais das ciências sociais e da saúde, com a participação de familiares que façam justiça a esse elo, para o desenvolvimento e a aplicação de uma terapêutica capaz de, se não remover, pelo menos atenuar, o máximo possível, os traumas psicológicos oriundos do abuso e da exploração sexual sofridos na infância e na juventude. Na maioria dos casos, a religião também se torna uma forte aliada.

O dia 18 de maio celebra nacionalmente este combate oportuno e sem trégua ao abuso e à exploração sexual de crianças e adolescentes, de maneira a materializar, com as ações diversas, contínuas e coordenadas que irão pontilhar pelo país inteiro, os direitos desta tão importante parcela da sociedade brasileira. Os escudos legais contra a violência sexual, nessas faixas etárias, não podem baixar ou trincar em hipótese alguma.

Cidadãos e cidadãs de todas as localidades do país, alinhados com os anseios por uma civilização pacífica e menos desigual, devem romper o isolamento e acostar-se tanto aos projetos independentes como aos planos federais, estaduais e nacionais, com destino a não só revigorar as já existentes, mas criar novas políticas públicas, de maneira a robustecer e tornar plenamente eficaz uma cultura de proteção integral às novas gerações.

Artigo

Rui Leitão
ruileitao@hotmail.com

Os “fiscais de Sarney”

Na segunda metade da década de 1980, o Brasil experimentava os primeiros anos da redemocratização, impactado pelos efeitos de uma crescente inflação herdada da ditadura militar. O presidente José Sarney, preocupado em combater os preços abusivos então praticados, decidiu adotar uma série de medidas emergenciais, por orientação do ministro da Fazenda, Dilson Funaro. A taxa de inflação havia chegado a 350% em apenas um ano.

Em 28 de fevereiro de 1986, os brasileiros foram surpreendidos pelo anúncio de um plano de estabilização não recessivo, denominado Plano Cruzado, que, entre as diversas normas apresentadas, previa a troca da moeda — o cruzeiro — pelo cruzado. A nova moeda nascia com três zeros a menos; ou seja, um cruzado correspondia a mil cruzeiros. Além dessa alteração monetária, determinava-se que os preços, os salários e a taxa de câmbio ficassem congelados por tempo indeterminado.

Na ocasião, o presidente pronunciou um discurso nos seguintes termos:

“Cada brasileiro ou brasileira será, e deverá ser, um fiscal dos preços. E aí posso me dirigir a cada brasileiro ou brasileira para investi-lo num fiscal do presidente na execução fiel desse programa, em todos os cantos deste Brasil. Ninguém poderá, a partir de hoje, praticar a indústria da remarcação. O estabelecimento que o fizer poderá ser fechado, ensejando a prisão dos responsáveis. Convoco o povo brasileiro para viver este grande momento. Este programa não é um programa meu. Ele é do Brasil. É pelo Brasil que nós estamos lutando.”

Os brasileiros estavam sendo convocados a atuarem como “fiscais de Sarney”. O governo distribuiu tabelas com os preços uniformizados. Nos primeiros meses, os consumidores se engajaram na fiscalização, apontando os comerciantes que não estavam obedecendo às determinações, chegando, inclusive, a provocarem o fechamento temporário de estabelecimentos.

A princípio, as medidas tiveram repercussão popular positiva, até porque, logo após o anúncio, a inflação cedeu de 14,98%, em fevereiro, para 5,5% em março e -0,58% em abril, e o poder de compra

dos assalariados aumentou. A ação dos “fiscais de Sarney” aqueceu o comércio, agradando a uma população que estava penalizada com a inflação constante, graças à participação voluntária dos consumidores, nos pontos de venda, na vigilância do congelamento.

As dívidas deixadas pela ditadura militar proporcionavam uma fantasiosa sensação de melhoria real de vida para os brasileiros. O entusiasmo dos “fiscais de Sarney” foi desaparecendo quando se viram impotentes diante da força do capital. Porém, já no segundo semestre do ano, o governo passou a enfrentar desgastes em razão da falta de alguns produtos nos supermercados — dentre eles, a carne — como manifestação de insatisfação dos pecuaristas. O congelamento de preços entrava em choque com a lógica dos mercados capitalistas.

Em setembro, ocorreram várias greves de trabalhadores em nível nacional, iniciadas pela categoria bancária, contra o Plano Cruzado. A inflação voltou a crescer desenfreadamente no fim do ano, forçando a edição de um novo plano econômico em 21 de novembro: o Cruzado II. Segundo economistas, o fracasso do Plano Cruzado I se deu pela incapacidade do governo em atacar a causa principal da inflação, que era o financiamento do déficit público por meio da emissão de moeda pelo Banco Central.

“

Nos primeiros meses, os consumidores se engajaram na fiscalização, apontando os comerciantes que não estavam obedecendo às determinações

Rui Leitão

Foto Legenda

Carlos Rodrigo



Ariano Suassuna, o inesquecível

Gonzaga Rodrigues

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Tempo de rever

Demorei aguardando a chegada do lanterneiro que me recomendaram. E do batente onde resolvi esperar, bato com as vistas nuns enormes caixões de cimento que sobem apertados entre montes, empanando a visão da sinuosa várzea que o rio Jaguaribe das origens desce, descrevendo pelos desfiladeiros entre o Cristo e Oitizeiro até se perder na restinga do Bessa.

Pelo que se avista na descrição do padre visitante da Companhia de Jesus, antecipando a fundação da cidade, as intervenções nessa paisagem, ao longo dos séculos não têm sido suficientes para deformá-la. Mas do ponto em que me acho agora, na cabeça da ladeira do que se chamaria Conjunto João Goulart, o mural verde do Altiplano sai perdendo. Vai ser encoberto.

Ainda assim, menos mal. Afinal, são os modernos cortiços disfarçados em edifícios compactos que o urbanismo de metrópoles como o Rio de Janeiro, sob o velho impulso da cobiça imobiliária, não se advertiu em tempo de evitar a pujança da favela numa cidade feita para o espetáculo majestoso da montanha. E, olhando ao redor, acode-me a lembrança do mirante privilegiado que Hermano Sá escolheu para mais um conjunto do Ipase, antigo instituto previdenciário ao qual muito deve o crescimento e a melhoria habitacionais desta cidade.

Censurei Hermano por localizá-lo numa escarpa de Tambauzinho, quando ainda sobrava espaço deixado livre pela febre construtora da Caixa e dos demais institutos que vieram juntar-se ao antigo Montepio na obra iniciada pelo bolso de Duarte da Silveira, a quem Flávio Tavares, pelo imaginário de sua arte, tem tudo para dar cara ou feição a uma merecida estátua ao homem que pagava do seu bolso as nossas primeiras habitações.

Não sei se a placa que dava nome ao conjunto chegou a ser pregada, tanto era o clima de pânico imposto à opinião do país contra o projeto das Reformas de Base propostas por Jango ao Congresso e propagada pela grande imprensa, e por todas as tevês, como golpe para implantar o comunismo no país. João Pessoa sai de mãos postas numa de suas maiores concentrações da gente bem sob a invocação de “Deus, Pátria e Família”. Era a réplica da assombrosa passeata fei-

“

Nos 21 anos de Constituição militar, não houve conjunto habitacional que não consagrasse o nome da série de ditadores

Gonzaga Rodrigues

ta antes pelas Ligas Camponesas.

E deu no que deu. Nos 21 anos de Constituição militar, assinada em 1968 pelos civis que lembram o Centrão de hoje, não houve conjunto habitacional que não consagrasse o nome da série de ditadores. Há propostas de se derrogar esses nomes, endereços, hoje, de mais de meio século com inscrição de duas gerações de registro civil.

Em vez disso, por que não restaurar o nome de um presidente que ainda há pouco me foi lembrado, não só por Darcy Ribeiro, de quem era amigo dileto, mas por Celso Furtado, econômico, ou de excessiva sovínice, em seus elogios. A direita, desde JK, apenas tolerava o pensamento em ação do criador da Sudene. JK, Jânio e Jango tiveram de resistir às pressões dos próprios aliados e até de auxiliares para mantê-lo no lugar. A Sudene não financiava eleições. E isso indignava a maioria aliada. Mesmo conciliadores como Tancredo, primeiro-ministro de Jango, cederam às pressões e encarregaram Virgílio Távora, o mais próximo de Jango, de advertir o presidente. Celso, ao saber disso, entrega o cargo e ouve do homem acusado de fraco, esta reação: “Olhe, Celso, me cortam a mão, mas eu não assino a sua exoneração.”

Já é tempo de se rever muita coisa.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$385,00 / Semestral R\$192,50 / Número Atrasado R\$3,30

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br



Foto: Evandro Pereira

Nas escolas em tempo integral do Governo do Estado, cada aluno come três vezes durante o dia, antes de voltar para casa

NAS ESCOLAS ESTADUAIS

Governo fornece cerca de 130 milhões de refeições

Alimentação de 208 mil estudantes está garantida durante 200 dias do ano letivo

Bárbara Wanderley
 babiwanderley@gmail.com

Os pais e responsáveis de estudantes da rede estadual de ensino da Paraíba não precisam se preocupar com a alimentação das crianças. Isso porque as escolas estaduais fornecem aproximadamente 130 milhões de refeições por ano para 208 mil estudantes, durante 200 dias letivos. Nas escolas em tempo integral, cada aluno come três vezes durante o dia, antes de voltar para casa.

É o caso da Escola Cidadã Integral Técnica (Ecit) Raul Córdula, localizada no bairro da Torre, em João Pessoa. Lá os estudantes têm um intervalo para o lanche da manhã, às 9h, almoço ao meio-dia e mais um intervalo para o lanche da tarde, às 15h. Além disso, os alunos da Educação de Jovens Adultos (EJA), que estudam na escola à noite, também recebem um lanche. No total, são 465 alunos alimentados na escola.

No dia da visita da repor-

tagem do Jornal A União, o cardápio do lanche da manhã era pão com ovos e suco de cajá, que alguns alunos chegaram a repetir várias vezes. Enquanto o lanche era servido no pátio, o almoço já era preparado na cozinha: feijão, arroz, farofa, legumes e frango guisado.

Todas as refeições são balanceadas, sendo planejadas com antecedência por profissionais. De acordo com a nutricionista da Secretaria de Estado da Educação, Shimene Rodrigues, o planejamento do cardápio escolar é realizado conforme as leis e recomendações do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), respeitando as necessidades nutricionais, os hábitos alimentares, a cultura local e a diversidade agrícola da região.

Ela também ressaltou que a própria opinião dos alunos também é levada em consideração. “A confecção do cardápio começa de um ano para o outro, quando a equipe de Nutrição da Secretaria de Estado

da Educação realiza pesquisa de satisfação do cardápio, obtendo levantamento das preparações mais aceitas pelos estudantes, como também coletando sugestões para a inserção de novas preparações nos cardápios da alimentação escolar”, comentou.

O cardápio é, então, disponibilizado aos gestores de todas as escolas, que vão encasilhando as opções de acordo com a disponibilidade dos ingredientes, conforme explicou o coordenador administrativo e financeiro da Ecit Raul Córdula, Mateus Campos. “Sempre usamos o cardápio como um guia. O pão com ovo que está sendo servido hoje, por exemplo, é uma das opções de lanche. Ontem, foi sanduíche de frango”, contou. Mateus também explicou que envia, com antecedência, o cardápio do dia para os responsáveis pelos alunos via grupo de WhatsApp. Dessa forma, se algum estudante tiver alguma restrição aos alimentos servidos, pode

levar outra opção de casa, algo que ocorre esporadicamente, devido à seletividade alimentar de alguns alunos autistas.

Joceline Rodrigues tem um filho estudando na escola e não poupa elogios à merenda que é disponibilizada diariamente. “Ela é muito bem feita, as profissionais dão o seu melhor. Não falta, não tem aquela questão de dizer que está faltando merenda. São bem cuidados, limpos, bem manuseados, saindo tudo na hora certa. Então, os alunos em si, eu acho que eles gostam, porque eu já passei algum período, já vi com meus próprios olhos, como mãe”, comentou.

Ela também contou que, embora só tenha um filho estudando atualmente, a filha mais velha e até mesmo Joceline já passaram pelo Ecit Raul Córdula. “Eu já passei pelo Raul Córdula na minha infância, minha filha também, e meu filho, que já está concluindo o terceiro ano. Então tenho prioridade para dizer que as refeições, aqui, sempre foram excelentes”, afirmou.

Um número facilmente por 10, colocando todas as cooperativas de agricultura espalhadas pelo estado”, disse. Ele explicou que a Paraíba é dividida em seis gerências regionais e que a Cooperativa Nordeste está presente nas seis, ofertando um portfólio de mais de 20 produtos para mais de 300 escolas. Frango, ovos, feijão, macaxeira, leite, carne, queijo e polpas de frutas são alguns dos itens disponíveis para aquisição.

Parte dos alimentos vem da agricultura familiar

Parte dos ingredientes da merenda é adquirida da agricultura familiar. A legislação federal do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e a legislação estadual do Programa de Auxílio à Alimentação Escolar (PAAE) determinam que ao menos 30% dos recursos para merenda sejam destinados a esses produtores.

No entanto, a Paraíba tem buscado superar esse percentual, chegando a 35%

e 40% em algumas regiões. Com isso, além de obter uma alimentação mais saudável e de melhor qualidade para os estudantes da rede pública estadual, também há a garantia de que os agricultores conseguirão escoar sua produção e garantir seu sustento.

De acordo com o gerente comercial da Cooperativa Nordeste – Central de Cooperativas Agropecuárias, Hiago Felipe Curioso, a aquisição de alimentos

por meio desses programas tem um impacto imenso para as famílias envolvidas na agricultura familiar. “Para você ter uma noção da dimensão. Hoje a Central Nordeste, que é a maior central de cooperativas da Paraíba, tem nela seis cooperativas. E essas cooperativas têm mais de mil famílias associadas. São mais de cinco mil pessoas beneficiadas, só da cooperativa que represento. Mas você pode multiplicar esse

número facilmente por 10, colocando todas as cooperativas de agricultura espalhadas pelo estado”, disse.

Ele explicou que a Paraíba é dividida em seis gerências regionais e que a Cooperativa Nordeste está presente nas seis, ofertando um portfólio de mais de 20 produtos para mais de 300 escolas. Frango, ovos, feijão, macaxeira, leite, carne, queijo e polpas de frutas são alguns dos itens disponíveis para aquisição.

Opinião

Sylvio Porto Filho
 Subdefensor Público-Geral Administrativo

Devotos da Justiça

O sol ainda nem raiou no Sertão, no Cariri, no Agreste, no Brejo ou no Litoral, mas já há quem esteja de pé, enfrentando a vida dura e a injustiça que não espera. Para muitos, o sistema judicial é um labirinto de obstáculos, um pesadelo de burocracia ou, pior ainda, uma porta fechada. É aí que entra o defensor público: aquele que escuta quando ninguém quer ouvir, que luta por quem foi ensinado a se calar.

O defensor público é o sopro de esperança para quem mais precisa, é o guardião do art. 5º da Constituição Federal, que afirma que todos são iguais perante a lei. É uma ponte entre a exclusão e a cidadania, o elo entre o povo e a esperança; é a tradução das leis em ações concretas. Falar sobre o que é ser defensor público é falar sobre humanidade, escuta ativa, empatia e coragem.

Histórias que chegam cotidianamente com a roupa do corpo e com os olhos marejados. São comuns os casos de defensores públicos viajarem horas por estradas para garantirem que uma mulher violentada encontre amparo e proteção, que uma mãe consiga alimentos para seu filho, que crianças tenham o nome do pai no registro, que idosos acessem medicamentos pelo SUS, que comunidades não tenham remoções injustas. O defensor público percorre o chão batido da realidade, e cada conquista é uma prova de que a justiça só é justiça quando é para todos.

O trabalho vai além das petições e andamentos processuais. O defensor público é conselheiro, psicólogo, amigo. É quem segura a mão trêmula de uma vítima de violência doméstica e diz: “Você não está sozinha.” É quem enfrenta a desigualdade de frente, com a caneta e a coragem como escudos. Para os mais vulneráveis, o defensor público é o único contato com o conceito de justiça.

O trabalho do defensor público é a justiça social medida por rostos, histórias e esperanças reacesas. É o pão partilhado, na mesa de quem foi excluído. É a criança amparada, que dorme sem medo. É a mulher que rompe o ciclo de violência. É o silêncio da discriminação rompido pelo grito da dignidade. É quem passou uma vida empurrando barreiras maiores que o próprio corpo e agora encontra rampas, portas abertas e olhares que não desviam.

O defensor público está presente no direito penal, defendendo o contraditório e a ampla defesa, não para acobertar crimes, mas para garantir que ninguém seja condenado sem o devido processo legal. No direito de família, ajuda a garantir vínculos afetivos e responsabilidades que constroem uma sociedade mais justa. No direito da saúde, é a diferença entre viver ou morrer para quem precisa de um leito de UTI, de um remédio de alto custo, de um exame urgente. No direito da infância e juventude, atua pela proteção de adolescentes em conflito com a lei e crianças em situação de vulnerabilidade. Na execução penal, é o olhar da legalidade dentro dos muros do cárcere. Também está presente em atuações especializadas, voltadas para populações em situação de rua, mulheres vítimas de violência doméstica, comunidades quilombolas, indígenas, pessoas LGBTQIAPNB+, migrantes. Onde há vulnerabilidade, há atuação do defensor público, há transformação de vidas.

O trabalho do defensor público é a arte de costurar dignidade nas dobras da vida. Não é favor, é direito. É a necessidade urgente de atuação para quem não pode mais esperar. É ouvir histórias e segurar lágrimas. É dizer, com firmeza, que todos têm direito à defesa. É escrever uma petição com pressa e com cuidado, rabiscando sonhos, abrindo portas e desatando nós porque o resultado da ação pode ser a diferença entre uma vida salva e uma vida esquecida.

Neste Dia do Defensor Público, o povo paraibano rende homenagem. Que os ventos do reconhecimento soprem mais fortes, que o apoio governamental se amplie e que os defensores públicos tenham cada vez mais condições de exercer esse papel tão vital, porque enquanto houver defensor público, haverá esperança para os invisíveis, haverá quem lute por justiça, haverá uma centelha de justiça acesa no coração do mundo.

Colaboração

Jailson Galvão

Diretor-presidente da PBGás

“Devemos ultrapassar os 36 mil clientes até o fim de 2025, dobrando o número de usuários em oito anos”



Gestor detalha investimentos e afirma que a empresa tem atuado em sintonia com o planejamento do Governo do Estado

Lilian Viana
lilian.vianacananca@gmail.com

A Companhia Paraibana de Gás (PBGás) vive um momento de expansão estratégica e consolidação de sua presença nas regiões mais dinâmicas da Paraíba. Sob a liderança do diretor-presidente Jailson Galvão, a empresa tem atuado em sintonia com os projetos estruturantes do Governo do Estado, ampliando sua infraestrutura e fortalecendo a base energética para o crescimento sustentável do estado.

Um dos marcos mais recentes dessa expansão é a conclusão do gasoduto de Cabedelo, que permitiu o fornecimento de gás natural canalizado ao Porto de Cabedelo e ao Moinho Dias Branco — uma conquista considerada histórica pela companhia. Outro eixo estratégico destacado é o avanço das obras no Polo Turístico Cabo Branco, na capital, que deverá receber, até o fim de 2025, cerca de 9 km de rede de gás, com um investimento previsto de R\$ 8 milhões. A meta é atender hotéis, resorts e empreendimentos imobiliários, garantindo mais eficiência e sustentabilidade à nova fronteira do turismo paraibano.

Em entrevista ao *Jornal A União*, Jailson Galvão detalha os resultados dessa atuação integrada com o Governo do Estado, os investimentos em curso e os desafios de levar gás natural canalizado a um número crescente de paraibanos, com foco no desenvolvimento econômico e na transição energética. Confira, na íntegra:

Entrevista

■ O primeiro ponto é o gasoduto de Cabedelo, que já foi inaugurado. Como está a situação atualmente?

De fato, finalmente conseguimos chegar ao Porto de Cabedelo, o que era uma meta antiga da companhia. Já atuávamos no início de Intermares, mas o grande objetivo era alcançar o porto e, ainda, atender o Moinho Dias Branco, um cliente para quem, há muitos anos, buscávamos fornecer o gás canalizado. Eles utilizavam o GLP [Gás Liquefeito de Petróleo, popularmente conhecido como gás de cozinha ou gás de botijão] e, finalmente, reconheceram as vantagens dos atributos do gás natural canalizado; assinaram um contrato conosco e foi a âncora para chegarmos com o gasoduto. O gasoduto segue pela orla de Intermares, alcançando todas aquelas praias, de Camboinha, Areia Dourada, Praia Formosa e outras localidades, e segue atendendo não apenas à indústria, mas também ao varejo — comércios, condomínios horizontais e verticais. Para nós, foi uma grande meta alcançada, chegar lá no final, no porto de Cabedelo. Já estamos, também, fornecendo gás natural canalizado para o restaurante do novo porto de Cabedelo, inaugurado no dia 5 deste mês. Isso reflete a sinergia. Quando nós chegamos com a infraestrutura do gasoduto, essas oportunidades vão acontecendo.

■ Como se deu essa chegada até o Moinho Dias Branco? Já é possível identificar benefícios econômicos com essa nova estrutura?

Foi um processo por etapas. Iniciamos o gasoduto ainda em 2023 e, após a primeira fase, conseguimos avançar até o ponto final, no porto, onde está localizado o Moinho Dias Branco, uma fábrica importante de alimentos e do grupo Dias Branco. Eles assinaram contrato conosco e, com isso, tornaram-se a âncora para viabilizar o fornecimento àquela região. É um cliente significativo no recolhimento de impostos e na geração de emprego também, que agrega um volume importante para a PBGás. A transição para o gás natural canalizado traz ganhos econômicos, operacionais e ambientais, e isso impacta diretamente na competitividade da empresa. O Moinho Dias Branco pode chegar a ter uma economia de mais de R\$ 1 milhão por ano com o uso do gás natural. Além disso, o gás natural canalizado é mais seguro, não exige estocagem e seu fornecimento é contínuo, de acordo com o consumo. Do ponto de vista ambiental, ele também é superior, com menor emissão de resíduos e alinhado às diretrizes da transição energética e [de] uma sociedade de baixo carbono, com menos emissões de gases do efeito estufa.

■ Quantas unidades já estão sendo

beneficiadas com o gasoduto em Cabedelo?

Já temos mais de 500 unidades residenciais conectadas, além de 10 comércios já ligados. O trabalho de captação de novos usuários está em andamento e temos um universo de mais de 700 prédios no município que podem ser beneficiados. A medida que o gasoduto é instalado e passa pelas portas dos imóveis, há um interesse natural e crescente da população em aderir ao gás natural. E, eventualmente, até postos de abastecimento veicular também poderão utilizar o gás natural canalizado. É uma solução moderna, segura e mais vantajosa financeiramente. Os empreendedores entendem rapidamente esses benefícios e têm aderido cada vez mais, já que proporcionam um fluxo de caixa mais eficiente, além de reduzirem riscos operacionais e contribuírem com a sustentabilidade. Por outro lado, o consumo em residências também gera uma economia significativa, além de mais segurança e pagamento só após o consumo.

■ A empresa tem crescido bastante nos últimos anos. Como estão as metas para 2025?

A evolução tem sido muito significativa. Em 2019, no início do governo João Azevêdo, a PBGás atendia cerca de 18 mil usuários. Hoje, chegamos a 34 mil clientes e devemos ultrapassar os 36 mil até o fim de 2025, dobrando o número de usuários em oito anos. Isso demonstra o compromisso da empresa em ampliar o acesso ao gás natural e consolidar sua presença em todas as regiões estratégicas do estado. A presença da infraestrutura desperta o interesse natural da população.

■ A ampliação da participação acionária do Estado também contribuiu com esse resultado?

Sem sombra de dúvidas. Quando a Gaspetro decidiu vender suas ações, em 2021, o Governo do Estado já sinalizou o interesse em exercer o direito de preferência na compra, que foi formalizada em 2022. Com isso, o Governo do Estado passou a ter uma maior participação no quadro diretivo, nos conselhos de administração fiscal e no Comitê de Auditoria da PBGás, ficando com 75,5% das ações ordinárias da companhia

— um sinal claro de que enxerga a empresa como estratégica para o desenvolvimento da Paraíba.

■ E qual a importância dessa parceria entre o Governo do Estado e a PBGás nesse processo?

Essa parceria é fundamental. A PBGás tem atuado em total sintonia com o planejamento estratégico do Governo do Estado. Quando o Estado decidiu modernizar o Porto de Cabedelo, a PBGás esteve presente. Também estamos no Polo Turístico Cabo Branco e seguimos expandindo nossa infraestrutura com responsabilidade, visão de futuro e compromisso com o desenvolvimento sustentável da Paraíba. Essa sintonia com o Estado é fundamental para atrair investimentos e gerar novas oportunidades para a população.

■ Por falar em Polo Turístico do Cabo Branco, como está o avanço do projeto por lá?

Esse é outro eixo estratégico muito importante para o estado, agora no Litoral Sul. A meta é chegar com o gasoduto ao Polo ainda este ano. Vamos partir do Mangabeira Shopping, que já é nosso cliente, e avançar em direção ao Seixas e ao Polo Turístico Cabo Branco. Já há nove hotéis e resorts com protocolos assinados com o Governo do Estado, e a nossa rede de gás vai acompanhar esse crescimento. Estamos finalizando a primeira fase, que chega até os primeiros condomínios no Portal do Sol, e a segunda fase levará o gás até o Boulevard do Polo, de onde faremos as derivações para os hotéis. É uma infraestrutura que ficará como legado, impulsionando também os condomínios e outros empreendimentos na região sul da capital.

■ Há um volume de investimento estimado para essa obra no Polo?

O investimento previsto para 2025 é de cerca de R\$ 8 milhões na ampliação da rede de gasodutos que vai abastecer o Polo. Serão construídos mais cerca de 9 km de gasoduto, com o objetivo de garantir o fornecimento aos empreendimentos hoteleiros e também aos condomínios da região. É uma malha planejada para acompanhar o crescimento da região. Como o gás natural traz mais eficiência, segurança e sustentabili-

dade, ele é o combustível ideal para empreendimentos turísticos modernos.

■ Há incentivos comerciais para atrair novos usuários, especialmente bares e restaurantes?

Sem dúvida. Realizamos a conversão dos equipamentos que utilizam GLP para gás natural e, em alguns casos, financiamos a rede interna do cliente. Isso elimina o custo inicial de adaptação e facilita muito a adesão ao gás canalizado. Além de não precisar manter estoque ou investir em cilindros, o cliente paga apenas o que consome, após o uso. Com isso, o comerciante não precisa comprar antecipadamente o combustível, pois só paga após o consumo, o que é um grande atrativo, principalmente para quem já opera com margens apertadas.

■ Quais os principais desafios enfrentados nesse processo de ampliação?

Como toda expansão de infraestrutura, há desafios operacionais e econômicos. No segmento industrial, por exemplo, houve uma redução temporária no consumo, com o recuo da antiga Elizabeth, hoje controlada pelo grupo Mohawk Industries, focado no setor de revestimentos. Mas já vemos sinais de retomada no segundo semestre, com reativação de equipamentos e aumento do consumo. Por outro lado, o varejo é um segmento em plena expansão e bastante promissor, especialmente com o crescimento da construção civil. O crescimento e fortalecimento dos polos gastronômicos em João Pessoa e Campina Grande também são oportunidades reais.

■ Por fim, como resume a atuação da PBGás?

O mais importante é que estamos construindo um legado de infraestrutura que impulsiona o desenvolvimento regional. Cada metro de gasoduto instalado representa mais competitividade, mais segurança energética e mais sustentabilidade. E isso só é possível graças à articulação com os projetos estruturantes do Estado e à visão estratégica da PBGás. Estamos falando de desenvolvimento real, com benefícios diretos para a população e para os setores produtivos da Paraíba.

SEGURANÇA ALIMENTAR

Nada se perde, tudo se transforma

Experiências criativas podem tirar o Brasil dos primeiros lugares no ranking de países que mais jogam comida fora

Anderson Lima
Especial para A União

Encontrar soluções criativas e conscientes para diminuir o desperdício de alimentos é uma das maneiras de reduzir o lixo orgânico, além de trazer vários benefícios nutricionais. Dados divulgados pela Organização das Nações Unidas (ONU), colocam o Brasil em 6º lugar no ranking mundial de países que mais desperdiçam alimentos, com 20 milhões de toneladas de comida jogada no lixo.

Esse cenário contrasta fortemente com a realidade de uma grande parcela da população que enfrenta a fome diariamente. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cerca de 64 milhões de brasileiros vivem em situação de insegurança alimentar, com acesso restrito a uma alimentação adequada.

Casca de banana em bolos ou doces, talos de couve refogados, sementes de abóbora assadas. As possibilidades são muitas. Para entender melhor como incluir esses ingredientes na rotina alimentar, a reportagem do Jornal A União conversou com a nutricionista Alba Inéz, que traz orientações sobre o tema.

Segundo Alba, as cascas de frutas e legumes costumam oferecer alguns benefícios nutricionais maiores que as polpas desses alimentos, como o significativo teor das fibras, vitaminas e minerais. “Isso ajuda diretamente no funcionamento do intestino e na imunidade”, enfatiza. Além disso, as cascas são ricas em antioxidantes e fitoquímicos que podem contribuir para a saúde cardiovascular e a prevenção de doenças.

A nutricionista reconhece que muitas pessoas não têm o hábito de utilizar integralmente frutas e hortaliças, mas reforça a importância de conhecer os nutrientes presentes nessas partes, geralmente descartadas. “Fazer o aproveitamen-

to integral contribui para a redução do desperdício e o impacto ambiental” explica a especialista. Entre as cascas mais versáteis, ela cita as de laranja, banana, abóbora e batata. “Um bom exemplo seria com o bolo de laranja que pode ser feito utilizando a casca também”.

A nutricionista complementa chamando atenção para os impactos ambientais positivos dessa prática, tendo em vista que, ao evitar o desperdício, reduz-se a produção de resíduos, diminuindo os recursos naturais utilizados na produção e transporte dos alimentos.

A prática

Um exemplo de quem colocou essas ideias em prática é o de Criselda Maria, agricultora da Zona Rural de Pitimbu. Ela conta que iniciou o reaproveitamento alimentar durante a pandemia da Covid-19, quando, por causa do isolamento social, ficou sem poder vender sua mercadoria. “Comecei a assistir a vídeos de receitas na internet e vi que dava para aproveitar, de outra forma, os produtos que estavam sobrando”, lembra.



Foto: Arquivo pessoal



Fazer o aproveitamento integral contribui para a redução do desperdício e do impacto ambiental

Alba Inéz



Foto: Evandro Pereira

A partir daí, Criselda passou a produzir bolos com casca de banana, salgados com recheios feitos de carne de caju e jaca, além de chips de macaxeira e inhame. Com o apoio das redes sociais, ela divulgou suas criações e conquistou novos clientes, conseguindo comercializar seus produtos mesmo em tempos difíceis.

Para a agricultora, a banana e a macaxeira são os ingredientes mais utilizados. “A macaxeira é super versátil, com ela, consigo preparar diversas massas e ainda combinar com outros sabores”. Quando Criselda coloca a fruta e o tubérculo juntos, por exemplo, consegue fazer uma massa encorpada, ideal para bolos e salgados. A macaxeira, em suas receitas, dá a estrutura necessária, principalmente porque não é utilizado glúten nas produções. “Por isso, a gente precisa ser criativo e encontrar combinações que funcionem bem”.

A dica da cozinheira é



Partes de alimentos tidas como descartáveis podem ser utilizadas de formas úteis e nutritivas

reaproveitar os alimentos e entender que eles são uma matéria-prima. A casca da banana, por exemplo, após ser devidamente higienizada e bem temperada, pode se tornar uma carne desfiada, para quem é vegano ou não. “Então, para quem começar com essa prática, a ideia é colocar a mão na massa, testar e aprender para chegar no sabor que você quer”, explica.

“A casca da banana é rica em fibras e proteínas que ajudam o intestino, fortalecem a saúde e equilibram as bactérias do nosso corpo. É um alimento funcional, e muita gente nem imagina”, informa a nutricionista Alba Inéz. Quanto à higienização

e ao preparo das cascas de frutas e vegetais, ela explica que é importante fazer antes de consumi-las. Para frutas e legumes com casca que não serão cozidas, a nutricionista recomenda higienizar com hipoclorito de sódio (água sanitária) diluído em água na proporção de uma colher de sopa para um litro de água, por 10 minutos e em seguida enxaguar bem. “Ao comprar a água sanitária é importante também observar o rótulo e conferir se, a que você está comprando, também pode ser utilizada para higienizar alimentos”.

Outra experiência marcante para Criselda foi a produção de farinha com banana verde. Durante a

pandemia, a venda da banana não estava boa e começou a sobrar. Uma cliente sugeriu fazer farinha, mas ela não sabia como. Conta que no início errou bastante. “Tentei até assar no forno, mas depois aprendi o jeito certo: secar ao sol por três dias, depois triturar. O resultado é uma farinha cheia de benefícios”.

Com o tempo, percebeu que a mudança que começou na pandemia, agregou valores em sua vida. “Hoje, nossa associação de agricultores trabalha com o foco em combater o desperdício e transformar o que muitos descartariam em algo útil e nutritivo”, conclui a agricultora.

Nas cozinhas comunitárias de JP, o lema é aproveitamento

As cozinhas comunitárias da Prefeitura de João Pessoa, geridas pela Secretaria de Desenvolvimento Social (Sedes), também são exemplos, nas práticas sustentáveis, para minimizar o desperdício de alimentos.

Os equipamentos do município contam com doações provenientes de agricultores locais. Lá, os alimentos são aproveitados integralmente, gerando a produção de brigadeiros, pães e bolo com a casca de banana, doce da casca da laranja, compota de mamão, além da geleia de frutas.

A capital pessoense conta com seis cozinhas comunitárias, localizadas nos bairros Gervásio Maia, Bairro dos Novais, Taipa, Timbó, Bela

Vista e Jardim Veneza. Essas unidades atendem, gratuitamente, famílias em situação de vulnerabilidade social, oferecendo almoço e jantar.

Cada cozinha tem capacidade para fornecer até 600 refeições por dia, totalizando aproximadamente 1.700 atendimentos diários. O acesso é realizado por meio de cadastro nas unidades ou nos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS), com visitas sociais para confirmação da vulnerabilidade.

Segundo dados informados por representantes da Sedes, em 2024, as cozinhas comunitárias distribuíram 737.659 refeições, ou seja, cerca de 61.470 refeições por mês. Considerando que cada re-

feição pesa em média 300g, mensalmente é produzido, pelas cozinhas comunitárias, cerca de 18.441 kg de alimentos para a população em situação de vulnerabilidade de João Pessoa.

■ Mensalmente, são milhares de refeições matando a fome de pessoas socialmente vulneráveis, na capital do estado



Foto: Deyse Euzébio/Secom-JP

Em João Pessoa, existem seis estabelecimentos comunitários oferecendo serviço diariamente

MEDICINA

Práticas Integrativas promovem saúde

Em 2024 houve um crescimento de 70% na quantidade de atendimentos, pelo SUS, utilizando as PICS

Carolina Oliveira

marquesdooliveira.carolina@gmail.com

Um conjunto de cuidados que aborda cada pessoa de modo integral, colocando em igualdade elementos como a atenção às condições de saúde mental e física, qualidade de vida, socialização e autoconhecimento. Essas são premissas que fundamentam a crescente consolidação das Práticas Integrativas e Complementares em saúde (PICS) no Sistema Único de Saúde (SUS).

A médica associada à Sociedade Brasileira de Medicina de Família e Comunidade, Carolina Reigada, ressalta a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), que define as práticas integrativas enquanto recursos terapêuticos que consideram aspectos físicos, psíquicos, sociais, e sutis ou energéticos, que possam estar envolvidos no processo de saúde-adoecimento.

Conforme evidencia Carolina, mestre em Atenção Primária à Saúde, a abordagem proposta pelo implemento dessas práticas e terapias amplia as noções das formas de cuidado em saúde, frente a uma visão exclusivamente orgânica, focada em órgãos ou sistemas, associada à medicina biomédica ou alopática. "Em geral, as PICS procuram, por meio de suas intervenções, promover o autocuidado e estimular os mecanismos naturais de restauração do equilíbrio do corpo, atuando na prevenção, promoção e recuperação da saúde".

Outro ponto em comum entre essas práticas, de acordo com Carolina Reigada, é que, apesar de cada modalidade terapêutica ter suas particularidades, com diferentes sistemas anatômicos de diagnóstico e tratamento, todas têm na escuta, no vínculo terapêutico e na visão ampliada do processo de saúde-doença alguns pilares do processo de cuidado.

A médica da família e comunidade destaca que as práticas integrativas e complementares não são propostas em substituição aos tratamentos convencionais, "por outro lado, são bem indicadas principalmente para tratar sintomas ou condições em saúde inespecíficas, ou de baixa gravidade, que não oferecem risco à vida".

No que diz respeito às condições complexas e graves, Reigada diz que as práticas podem contribuir fazendo parte dos planos de cuidado de forma complementar. "Elas têm possibilidade de uso na promoção de hábitos saudáveis, cuidados em saúde mental e na abordagem e integração comunitária".

Além das formas de benefício em saúde que podem proporcionar, algumas PICS se aplicam na promoção da cultura de paz e de práticas sustentáveis e alinhadas com o cuidado dos sistemas naturais e planetários.

De acordo com dados do Ministério da Saúde, em 2024 houve um aumento de 70% no número de atendimentos em PICS no SUS, totalizando 7.156.703 procedimentos. Nesse contexto, a mestra em Atenção Primária à saúde diz que, "como qualquer prática médica, [as PICS] não devem ser encaradas como panaceia ou com expectativas irreais, mas há diferentes relatos e estudos publicados que associam a adoção de práticas integrativas a aumento de bem-estar, qualidade de vida, independência e funcionalidade, e melhora de sintomas, principalmente relacionados à saúde mental".

Influência oriental

A visão das denominadas medicinas orientais inclui o indivíduo na avaliação dos sintomas, suas particularidades e interação com o meio. A medicina ocidental fundamenta-se na hiperespecialização e na divisão do indivíduo em partes, ou órgãos, buscando, a partir



Fitoterapia e práticas da medicina tradicional chinesa são dois dos tratamentos mais ofertados, entre as 29 metodologias disponibilizadas pelo Sistema Único de Saúde à população

da intervenção pontual, corrigir o sistema orgânico global.

Apesar de ser uma estratégia eficaz para algumas condições de saúde, não funciona da mesma forma para todas as situações, ou mesmo para todas as pessoas. "No caso de condições crônicas, multifatoriais, e relacionadas com o meio em que a pessoa cresceu e vive, as intervenções pontuais, mesmo que baseadas em tecnologias 'modernas', podem ser insuficientes", explica Carolina Reigada.

As PICS podem atuar de forma complementar, pois são compatíveis com o cuidado ocidental, seguras e de baixo custo para o sistema de saúde, além de facilmente capilarizadas por todo o território nacional, por não dependerem de maquinário ou tecnologias avançadas para sua aplicação.

A PNPIC foi aprovada pela Portaria nº 971 de 03 de maio de 2006. A Organização Mundial de Saúde (OMS) estimula, desde a década de 1970, por



“Temos mil novos pacientes entrando, todos os anos, e em torno de mil pessoas frequentando todos os meses

João Morais

meio do Programa de Medicina Tradicional, o fomento das formas de cuidado ancestrais

em seus países membros, aplicados de maneira segura e racionalmente integrada aos sistemas de saúde.

No Brasil, tem-se notícias de Práticas Integrativas desde a década de 1980. Após a implementação do SUS, em 1990, e a posterior descentralização da gestão e estímulo à autonomia dos municípios, diferentes serviços de saúde, a partir de experiências locais, foram implementados.

Carolina chama atenção para a importância da participação popular na aprovação de uma política nacional, o que, segundo ela, foi fundamental para o aumento em quantidade e variadas das PICS, "hoje presente em todas as capitais brasileiras".

Atualmente, o SUS oferece 29 PICS à população, entre os exemplos de tratamento mais ofertados estão a fitoterapia e as práticas da medicina tradicional chinesa. O processo fitoterápico tem base milenar, bastante influenciado pelos co-

nhecimentos de povos tradicionais, consiste na utilização de plantas, ou suas partes, com intuito terapêutico, seja na forma de infusão, cápsulas, gel ou outros. "Difere do tratamento alopático, pois contém em si as diversas partes da planta e não somente aquela que é entendida como sendo seu princípio ativo para determinado sintoma ou doença", explica a médica.

A medicina tradicional chinesa, por sua vez, entende que o processo de saúde-adoecimento ocorre a partir de desequilíbrios energéticos, ou no fluxo de energia pelo sistema de meridianos, que correm por todo o corpo e se comunicam com o ambiente. A partir das teorias do *yin-yang* e dos cinco elementos, a intervenção baseia-se no tratamento dos desequilíbrios entre as partes, seja por prescrição de dietas ou atividades físicas específicas; fitoterápicos; acupuntura; auriculoterapia; moxabustão; entre outros.

Equilíbrio do Ser compõe a rede de cuidados em João Pessoa

Em João Pessoa, o Centro de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (CPICS) Equilíbrio do Ser é um órgão do SUS e integra a rede de cuidados especializados da Secretaria Municipal de Saúde. O CPICS da capital paraibana configura-se em um espaço único e especializado, no qual as práticas prioritárias de atenção primária em saúde são organizadas e ofertadas.

Ciente do papel da instituição no que diz respeito a promoção de cuidado, o diretor-geral, João Morais Segundo, destaca a formação do centro e a escolha das práticas selecionadas que fazem parte da PNPIC. "O Equilíbrio do Ser é um dos pioneiros no Brasil e, de acordo com o Ministério da Saúde, ainda é o maior equipamento público especializado em práticas integrativas do país".

Morais complementa informando que alguns tratamentos são voltados para o cuidado individualizado e outros para o coletivo. "A maior parte das demandas trata das questões de ansie-



“Tenho muita gratidão pelo acolhimento que recebo aqui. Senti retornar a auto-estima e a vontade de viver, sair de casa

Luciana Nascimento

dade e dores. Quando são abordadas as condições de saúde, modificamos um pouco esse foco no sintoma. Muitas vezes, as pessoas chegam aqui com um diagnóstico e, no centro, não são tratadas

exclusivamente como portadoras de uma doença".

Acolhimento

São algumas das terapias promovidas no Equilíbrio do Ser: acupuntura, medicina tradicional chinesa, ventosaterapia, auriculoterapia, terapia floral, terapia comunitária, constelação familiar, *reiki*, *yoga*, meditação, *tai chi chuan*, medicina ayurvédica, fitoterapia. Segundo o diretor da instituição, "o centro oferta de acordo com o que está regulamentado pelo Ministério da Saúde. E com o que há de disponível também, que está mais próximo da nossa realidade, com terapeutas qualificados".

A porta de entrada pode ser por meio do encaminhamento da rede de Saúde ou demanda espontânea. Quando o usuário chega ao serviço, passa por atendimento, com terapeuta, de escuta acolhedora. São identificadas as necessidades de saúde e, a partir delas, feito encaminhamento para a(s) prática(s) mais adequada(s). "Práticas integrativas são para

todos, não há contraindicação. Só que, como um centro especializado, a gente precisa dar conta de determinados problemas de saúde. Então, não temos como ofertar tudo para todos", explicou João Morais.

Apesar do público feminino ainda ser majoritário, percebe-se, gradativamente, o aumento da participação masculina, resultado de políticas de incentivo adotadas pela direção. É maior também o público de adultos, seguido de idosos e adultos jovens. "Nós atendemos a cidade de João Pessoa inteira. São mais de 24 mil pessoas atendidas ao longo desses 12 anos. Temos, em média, mil novos pacientes entrando, todos os anos nesse serviço, e em torno de mil pessoas frequentando todos os meses", destacou o diretor.

Bem viver

Após recomendação da médica reumatologista que a acompanha, a merendeira Luciana Nascimento procurou o Centro Equilíbrio do Ser em busca de cuidados

que amenizassem as dores causadas pela fibromialgia. Na experiência de Luciana, a auriculoterapia e a administração dos florais a ajudaram a se sentir melhor, inclusive fisicamente. "As dores não desapareceram, mas agora se tornaram menos intensas".

Além dos benefícios à saúde física, a chegada de Luciana ao centro especializado foi motivada por um quadro de depressão. Os encontros semanais em terapias coletivas foram também, segundo ela, transformadores. "Tenho muita gratidão pelo acolhimento que recebo aqui. Senti retornar a autoestima e a vontade de viver, sair de casa", afirma Luciana.

De acordo com a terapeuta holística Vânia Moura, que tem atuação em *yoga*, aromaterapia, florais e *reiki*, as terapias integrativas e complementares promovem saúde e bem-estar a partir do estímulo de coesão do ser multidimensional. "São indicadas para todos, uma vez que os recursos existentes são muito abrangentes, necessitando somente identificar aquele

adequado à demanda de cuidado da pessoa".

Atualmente, pacientes com quadros de saúde mental têm buscado mais frequentemente esses saberes, mas eles não se aplicam apenas a essas situações. Vânia diz que "as PICS são muito benéficas para tratamento de dores crônicas, insônia, estímulo do sistema imunológico e respiratório, podendo exercer o papel de complemento coadjuvante ou tratamento principal".

Em especial, ao longo das duas últimas décadas vem ocorrendo um resgate e reconhecimento de saberes profundos que por longo período foram invalidados. "Uma vez que optamos por essa linha de cuidado, resgatamos e nos conectamos com nossas raízes, com a história da humanidade, com os povos ancestrais. Esses saberes podem promover autorreflexão e autoconhecimento, contribuir para uma qualidade de vida melhor e até mesmo para transformação do contexto social em que vivemos", conclui a terapeuta.

AÇÕES NA JUSTIÇA

Quando as partes firmam acordo

Para agilizar os trâmites judiciais, entram em cena os meios consensuais de resolução: conciliação e mediação

João Pedro Ramalho
 joaopedramalho@gmail.com

Uma das características mais comumente associadas ao sistema de Justiça do Brasil é a lentidão, causada por fatores como o grande número de processos em tramitação e a baixa proporção de magistrados e servidores. Para diminuir essa morosidade, uma alternativa viável são os meios consensuais de resolução de conflitos, como a conciliação e a mediação. A primeira é aplicável em casos mais simples, em que as partes não possuem vínculo, enquanto a segunda pode ser utilizada em processos que envolvem pessoas com relações anteriores, como familiares. Em ambos os casos, o objetivo é solucionar a demanda sem exaurir o Judiciário.

O impacto dessas alternativas pode ser notado na média de tempo que um processo leva para ser resolvido na Justiça Federal da Paraíba (JFPB). De acordo com a juíza federal Adriana Nóbrega, que atua como coordenadora do Centro Judiciário de Solução Consensual de Conflitos e Cidadania (Cejusc) da JFPB, os processos normais levam em torno de um ano para serem concluídos, período que abrange desde a distribuição de uma ação até a prolação da sentença. Por outro lado, se a demanda é encaminhada para conciliação ou mediação, o tempo de resolução pode ser reduzido para uma duração de até 30 dias.

Ainda segundo a magistrada, o Cejusc realizou, no primeiro trimestre deste ano, 415 audiências, alcan-



Nas situações em que os casos são resolvidos de forma mais cordial, o tempo de conclusão sai de um ano para 30 dias, contribuindo para desafogar o Judiciário

■ No primeiro trimestre deste ano, a Cejusc da Justiça Federal da Paraíba realizou 415 audiências

quando um êxito de 71,08% nas resoluções e mais de R\$ 4,6 milhões em acordos efetivados. No ano passado, o índice de soluções foi de 61%, considerando todas as 1.590 audiências, resultando em mais de R\$ 21 milhões em acordos. Os

valores referem-se, majoritariamente, a causas previdenciárias, que são o objeto de conciliação mais comum na JFPB. “Nesses casos, tem-se de um lado o INSS [Instituto Nacional do Seguro Social] e, do outro, o segurado. São causas normalmente mais simples, de natureza pecuniária e em que você vai ter uma contraprestação que será devida de uma parte a outra”, explica Adriana.

Já os casos levados à mediação com mais frequência, no Cejusc, são as ações civis públicas estruturais, voltadas para a reorganização de estruturas amplas, nas quais há violações de direitos fundamentais ou valores públicos. Nes-

se sentido, os mediadores costumam atuar, por exemplo, em processos que envolvem danos ambientais difusos. Outras situações emblemáticas, na JFPB, são as de subtração internacional de menores, quando uma criança é retirada do país sem o consentimento de um dos genitores. “São pessoas que têm uma relação familiar já estabelecida e em que é necessário resolver a situação do menor. Nesse caso, nós utilizamos a mediação com uma equipe multidisciplinar, contando com mediador, comediador, assistente social e psicólogo, para tratar todos esses vieses mais complexos”, aponta a coordenadora do Cejusc.

Defensoria

A Defensoria Pública do Estado da Paraíba (DPE-PB) também tem um setor destinado à resolução consensual de conflitos. Trata-se do Núcleo Especial de Conciliação, Mediação e Arbitragem (Necma), que atua apenas na fase pré-processual, ou seja, antes de a demanda ser judicializada. Entre janeiro e março deste ano, o Necma realizou 393 audiências, das quais 269 tiveram êxito – um percentual de 68,4%.

Embora o núcleo promova audiências de conciliação, em casos como os que envolvem direitos do consumidor, sua ação mais forte é na mediação familiar. As situações já resolvidas

pelos mediadores da DPE-PB incluem divórcio, definição de guarda de menores de idade e pensão alimentícia, entre outras causas na área. A defensora pública do Necma, Elisabeth Pimentel, destaca a agilidade desse caminho, especialmente na resolução das demandas alimentícias. “No momento em que o casal chega a um valor, uma data e uma forma de pagamento da pensão, e esse termo é referendado, ele já passa a valer, mesmo antes que a gente peça a homologação do juiz. Porque, como o termo constitui um título executivo extrajudicial, ele já pode ser executado. Isso, para as partes, traz uma segurança incrível”, afirma.

Cada meio de solucionar as tratativas tem suas próprias especificidades

Além da complexidade dos casos levados a cada uma delas, a conciliação e a mediação diferem-se pela atuação dos profissionais que conduzem as tratativas. Enquanto os conciliadores têm um papel ativo, podendo trazer sugestões para a resolução dos conflitos, os mediadores são, prioritariamente, facilitadores do consenso. “O objetivo é aproximar as partes; nesse caso, o mediador funciona como um elo. Mas, é importante que, como há uma relação que perdura entre os envolvidos, eles mesmos consigam chegar a uma solução”, esclarece Adriana Nóbrega.

Para Elisabeth Pimentel, reestabelecer a autonomia e o diálogo entre as pessoas que procuram a mediação é o principal legado deixado por essa alternativa. As técnicas utilizadas incluem, inicialmente, uma escuta ativa das partes, momento que pode ter uma duração maior que as audiências judiciais. Isso favorece a percepção de problemas que não são inicialmente apresentados pelos envolvidos e permite compreender, de modo global, a relação entre eles.

A partir de então, os mediadores podem propor diferentes exercícios, como a troca de pa-



“O sonho é que nossos assistidos percebam que essa resolução alternativa de conflito é a melhor solução

Elisabeth Pimentel

péis, na qual uma pessoa se coloca no lugar da outra, tentando visualizar como seria experimentar a solução proposta por ela. Isso é comum, por exemplo, nas disputas pela guarda de menores de idade. “Imagine uma mãe que diz que o pai só vai ver o filho em um sábado,

de 15 em 15 dias. Nesse caso, eu falo, às vezes: ‘Feche os olhos. O que você acha de ficar com os meninos só em um sábado, a cada 15 dias?’. Normalmente, algumas se emocionam. A gente faz com que a mãe perceba a angústia e o sentimento daquele pai, e isso quebra uma barreira nesse diálogo”, relata a defensora.

As técnicas utilizadas na mediação e na conciliação são aprendidas em diferentes cursos de formação, regulamentados pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ). Quem passa por essa capacitação pode atuar em qualquer núcleo ou centro de conciliação do país, mas é necessário, para isso, ser aprovado pela instituição de destino, por meio de concurso público, processo seletivo ou programa de estágio. Seja qual for o caso, o profissional contribui, na visão de Adriana, para uma cultura de pacificação no Judiciário. De modo semelhante, a defensora do Necma acredita em uma mudança gradual na forma como a sociedade buscará a Justiça. “O sonho é que nossos assistidos percebam que essa resolução alternativa de conflito é a melhor solução. Para mim, isso é o futuro”, avalia Elisabeth.

Caminhos que conduzem à melhor forma de negociação

Existem duas possibilidades principais que conduzem uma causa para mediação ou conciliação. Na primeira delas, isso ocorre por determinação do juiz, nos casos em que a ação já foi judicializada. “Os processos que vão para mediação são selecionados pelo magistrado e dependem de uma prova robusta e de fortes indícios de que aquela demanda vai ser julgada procedente. Isso é o que a gente chama de um bom direito”, aponta a advogada Renata França.

Já o outro caminho possível é o pré-processual. Quem deseja procurar os serviços de mediação e conciliação nessa etapa pode se dirigir aos núcleos de atendimento da Defensoria. Na Região Metropolitana de João Pessoa, as unidades funcionam no Centro da capital, no bairro de Mangabeira e na cidade de Cabedelo, mas também é possível recorrer aos defensores das demais comarcas do estado. Já na JFPB, o Cejusc também tem um setor dedicado ao

momento pré-processual. Os interessados podem se dirigir à sede da JFPB, no bairro Pedro Gondim, onde os servidores estarão aptos a receber a demanda e inseri-la no Processo Judicial Eletrônico (PJe). Se a pessoa já tiver um advogado, porém, o próprio profissional pode fazer essa inserção, sem a necessidade de comparecimento presencial.

Relato

A celeridade nas alternativas consensuais de resolução foi observada, na prática, pelo consultor de vendas Eudes Amarante. Em 2019, ele e sua ex-esposa deram entrada em um processo de divórcio, que se arrastou por um ano, devido a problemas com documentação. Quando descobriram que a mediação ajudaria a driblar a morosidade burocrática da Justiça, eles recorreram ao Necma, em dezembro de 2020, e levaram apenas três meses para concluir as tratativas. O período só não foi menor por dois fatores: o reces-

so de final de ano do ór-

gão da DPE-PB e a necessidade de consenso sobre a guarda do filho do casal, à época com cinco anos de idade. Segundo Eudes, o atendimento humanizado e a celeridade do divórcio fizeram a escolha pela mediação valer a pena. “Quando o relacionamento não dá certo, a gente tem que procurar novos caminhos. E foi o que aconteceu: a separação se tornou inevitável. Então, a mediação pela Defensoria Pública facilitou a não ter que esperar aquele prazo todo de audiência e de ser chamado para juízo”, conta.

■ Uma das instituições em que o serviço pode ser buscado pela população é a Defensoria

QUADRILHAS JUNINAS

Organizadores fazem últimos ajustes

Com a aproximação do São João, o ritmo acelera na confecção do figurino e no tempo de ensaio da coreografia

Maria Beatriz Oliveira
obeatriz394@gmail.com

Com a aproximação das festas juninas em Campina Grande, os preparativos das quadrilhas ganham ritmo acelerado. Cada grupo dedica-se aos últimos ajustes para dar início a dois meses de apresentações, quase diárias, por toda a Paraíba.

Ao todo, na Rainha da Borborema e na região do Agreste, que abrange cidades como Lagoa Seca, Queimadas, Boa Vista, Guarabira e Araruna, são 30 quadrilhas juninas cadastradas na Associação de Quadrilhas Juninas de Campina Grande (Asquaju-CG). Segundo Lima Filho, presidente da entidade, os ensaios das agremiações juninas iniciam-se cerca de sete meses antes do São João. “Em dezembro do ano passado, a maioria dos grupos já começou a se reunir para pensar o tema, os figurinos e as músicas que serão usadas nas apresentações deste ano. As temáticas são escolhas individuais”, contou.

A novidade deste ano é que os festivais de quadrilhas juninas não serão mais realizados na Pirâmide do Parque do Povo. As competições das agremiações juninas serão realizadas na Cidade São João, novo espaço turístico de Campina Grande, situado no antigo Vale do Jatobá, no bairro das Nações. As apresentações terão início no dia 5 de junho e seguem até o dia 15 do mesmo mês, conforme informou o presidente da Asquaju-CG.

Apesar da mudança de local, Lima destacou que a associação está em fase de negociações com a Prefeitura Municipal para viabilizar apresentações pontuais no Parque do Povo e na Vila do Artesão. Além disso, o Governo do Estado está promovendo um edital específico para garantir in-



Lucas Herbert (à esq.) e Wagner Silva (à dir.) recebem demandas de várias quadrilhas da Paraíba e do Brasil

centivos às quadrilhas juninas.

Quadrilhas

Deusdete Tavares, presidente da quadrilha Filhos de Campina, detalha que os preparativos do grupo ficaram mais intensos a partir do mês de março. “Temos 42 dançarinos além de oito pessoas na produção. O tema que escolhemos para este ano foi ‘Esperança’ e nossa primeira apresentação será no dia 7 de junho”.

Já a equipe de quadrilheiros Mistura Gostosa, que em 2025 completa 30 anos de existência, escolheu como tema “Os cinco sentidos do São João”. De acordo com Ivíia Lídia, presidente do grupo, a ideia é resgatar as características das antigas quermesses juninas.

“Muitas pessoas sentem

saudade das festas juninas de antigamente, então nossa proposta é justamente resgatar essa memória afetiva”, afirmou. Ivíia destacou que para marcar os 30 anos de trajetória, a preparação começou mais cedo do que o habitual — em agosto de 2024, dois meses antes do cronograma tradicional.

“Queremos fazer algo grandioso. É muito trabalho: cerca de 200 pessoas envolvidas, entre dançarinos e equipe de apoio, ensaiando todos os sábados e domingos para entregar um verdadeiro espetáculo”, completou.

Figurinos

Enquanto as quadrilhas ensaiam seus passos, os costureiros dedicam-se aos toques finais dos figurinos temáticos que darão

vida às apresentações, cuidando de cada detalhe das roupas que serão usadas nas noites de festa.

Wagner Silva e seu sócio Lucas Herbert, passaram de coreógrafo e dançarino, respectivamente, para referência na costura das saias juninas. Há três anos, a dupla tem atendido inúmeras quadrilhas da Paraíba e do Brasil com centenas de peças. “Tudo começou quando um costureiro passou a perna na quadrilha para a qual eu trabalhava como coreógrafo. Estava em cima da hora e como eu sabia uma coisa ou outra de costura, me fechei na garagem de casa e terminei as 12 saias que faltavam. Nossa quadrilha acabou vencendo o festival e eu vi que o negócio poderia dar certo”, conta Wagner.

Apesar de iniciar a com-

pra dos materiais e costura das saias em novembro, o trabalho intensificou-se no mês de abril. Somente para a quadrilha Mistura Gostosa são 80 peças feitas do zero. “Juntando todas as quadrilhas que atendemos, iremos fabricar em torno de 200 saias, sem falar daquelas mais básicas que fazemos para os ensaios. Pela manhã, somos três pessoas trabalhando. À tarde e à noite ficamos em sete, é tudo muito corrido”.

Para os figurinos da Mistura Gostosa, Wagner utilizou elementos típicos do São João, como chita, xadrez e o filó, para dialogar com o tema escolhido pela quadrilha e ajudar no resgate das tradições juninas. “Como eu já fui também jurado de alguns festivais, sei o quanto é importante que os figurinos tenham ele-

mentos que representem aquilo que o tema propõe. É algo que pode definir se uma quadrilha ganha ou perde”, explicou.

Além dos tecidos tradicionais, um dos grandes diferenciais introduzidos pela dupla está na utilização de uma armação plástica — comum em corpetes — aplicada às saias. Essa estrutura mantém as peças sempre armadas, conferindo movimento e leveza ao visual dos dançarinos. “Percebemos que as saias das quadrilhas do Ceará estavam sempre altas, bonitas. Fomos até Juazeiro para assistir a uma apresentação e entender como conseguiam esse efeito. Depois que conhecemos a estrutura e a trouxemos para Campina, a procura pelos nossos figurinos só aumentou”, conta Lucas.

Além do apelo visual, a técnica também contribuiu para a economia de material. O tecido, vindo de Santa Cruz do Capibaribe, em Pernambuco, rende mais: “Enquanto outros costureiros utilizam cerca de 30 m por saia, nós conseguimos fazer com 25 m. Isso nos permite vender cada peça por, aproximadamente, R\$640, o que também se torna um diferencial competitivo”, explica Wagner.

“

Em dezembro, a maioria dos grupos já começou a se reunir para pensar o tema, os figurinos e a música

Lima Filho

Na capital, dedicação para a festa ocorre quase o ano todo

Bárbara Wanderley
babiwonderley@gmail.com

João Pessoa também tem São João. Embora no período as atenções fiquem muito voltadas para Campina Grande e outros municípios do interior onde ocorrem as festas mais tradicionais, a capital paraibana não fica de fora da festa e há 22 quadrilhas juninas que competem entre si no festival promovido, anualmente, pela prefeitura do município.

Essa é uma tradição levada muito a sério pelos integrantes das quadrilhas, que se dedicam o ano inteiro. “Terminando um ciclo, já iniciamos outro!”, disse Luiz Antonio Machado Neves, que atua como coreógrafo da quadrilha junina Sanfona Branca. Ele explicou que a temporada de 2024 foi encerrada na primeira quinzena de agosto e, menos de um mês de receso depois, em setembro, o grupo já se reuniu para dar início ao projeto de 2025.

Professor de Matemática, Luiz Antonio conta que sempre gostou de dança e foi adquirindo experiência ao longo dos anos. “Gosto de dançar desde criança. Na adolescência, participei das quadrilhas juninas da escola e, aos 13 anos, tive a oportunidade de dançar em uma quadrilha adulta de competição. Desde então, nunca mais parei de dançar. Essa vivência contínua me trouxe muita experiência no meio junino e, somada à minha curiosidade e criatividade, despertou em mim o desejo de colaborar com os grupos na criação das coreografias. Com o tempo, assumi a função de coreógrafo principal em cinco quadrilhas juninas. Atualmente, estou no meu terceiro ano consecutivo como coreógrafo principal da quadrilha Sanfona Branca”, declarou.

Luiz Antonio contou que nessas primeiras reuniões é definida a temática que a escola vai trabalhar naquele ano, e a partir daí vão surgindo as

ideias para a coreografia, figurino, adereços, entre outros elementos da festa. Os ensaios já começaram em outubro. “Minha inspiração vem da temática e do repertório musical que escolhemos. Nosso chão é cultura popular e isso é uma identidade forte na nossa junina, sem esquecer os movimentos coreográficos tradicionais de quadrilha junina”.

Para ele, um dos principais desafios está em inovar todos os anos, criando apresentações diferentes a cada São João. “Ano passado, falamos do grande Ariano Suassuna. Este ano, a proposta é trazer um dos cordelistas que foi referência nas obras do Ariano, o Leandro Gomes de Barros, que também é paraibano”, detalhou.

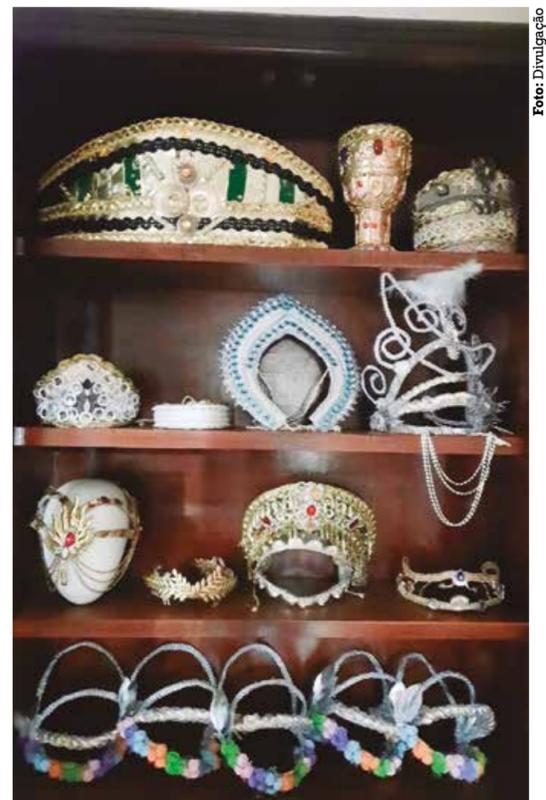
Washington Serafim, que há 18 anos produz adereços para a Sanfona Branca, estima que cerca de 30 profissionais envolvem-se no processo, como costureiros, figurinistas, sapateiros entre outras pessoas.

“Praticamente, as juninas se tornaram uma empresa”.

Além disso, cada quadrilha tem cerca de 80 participantes ou “brincantes” como eles preferem chamar. Como todos têm trabalho, estudo ou outras ocupações, os ensaios, geralmente, ocorrem à noite, nos fins de semana e também em feriados.

Washington explicou que começa a produção das peças em fevereiro, quando todas as ideias de design já estão definidas. “Como existem temáticas dentro dos espetáculos das juninas, elas têm as ideias e passam para quem produz os elementos cenográficos e adereços, como também figurino”, contou.

Ele esclareceu, porém, que intensifica o trabalho com os adereços apenas em abril, já que em março se dedica ao espetáculo da Paixão de Cristo, promovido pela Fundação Cultural de João Pessoa (Funjope), no qual trabalha fazendo cenografia, adereços e figurino.



Discussão sobre adereços começa com meses de antecedência

Foto: Divulgação

ARTES VISUAIS

Qual o papel da Paraíba?

Sete artesãos paraibanos serão as estrelas de uma exposição n'A Casa do Objeto Brasileiro, em São Paulo

Emerson da Cunha
emersonsouza@gmail.com

Uma favela de vários andares, com ca-beças pululando das janelas a olhar o que se passa lá fora: um carrinho de picolé passando com crianças animadas, uma mulher limpando a comida. Gato, cachorro, pombo e árvores detalham ainda mais a cena. O pé de planta na entrada indica cuidado e zelo por ali, ao contrário das antenas e dispositivos do alto da comunidade — bagunçados, emaranhados, desajustados: caóticos. O que impressiona na obra de Dadá Venceslau, artesão e artista plástico, é a quantidade de minúcias daquilo que construiu com papel, papelão, palitos, caixas de fósforo. A instalação do artesão estará presente na exposição *Qual o Seu Papel?* — *Da Fibra à Forma: a Arte que Pulsa da Paraíba*, que reunirá cerca de 25 obras de sete artistas do artesanato paraibano a partir do dia 24 de maio, no museu A Casa do Objeto Brasileiro, em São Paulo, em parceria com o Governo do Estado e do Sebrae.

Estarão presentes instalações, bonecos, papangus, palhaços, flores, animais míticos, entre outras peças produzidas por meio da papietagem, além do uso de fibras e resíduos orgânicos, assinados pelos artistas Adriano Oliveira, Babá Santana, Carlos Apollo, Ednaldo Farias, Geo Oliveira e Socorro Souza, além do próprio Dadá, na casa que é a principal referência de artesanato de todo o Brasil. É também a primeira vez em que a Paraíba realiza uma exposição “individual” de artistas locais do artesanato fora do estado.

Salão de Artesanato

A oportunidade veio inicialmente com a realização do 39º Salão de Artesanato da Paraíba, que homenageou os artesãos paraibanos que trabalhavam com papel e papelão. Além de apresentarem seus trabalhos e os venderem em estandes próprios, o grupo contou também com uma exposição especial no hall de entrada do salão montado pelo arquiteto Sérgio Mattos.

Foi a disposição de um espaço voltado exclusivamente para apresentação das obras e o posterior ímpeto do arquiteto em fazer articulação que resultaram na feira n'A Casa do Objeto Brasileiro, que tem orientação de Sérgio.

“A gente trabalhou com a iconografia que eles usavam. Eu também tinha feito uma consultoria inspirada nos casarões antigos do centro de João Pessoa e de Alagoa Grande. Desses casarões, a gente tirou iconografias da igreja de São Francisco, dos azulejos hidráulicos, dos casarões, do Hotel Globo. Por exemplo, o Babá cresceu do lado da Igreja de São Francisco, e a referência dele era total da igreja”, explica Mattos, referindo-se à Igreja de Santo Antônio, prédio principal do Centro Cultural São Francisco.

“A gente usou os torneados das portas para fazer os o trabalho do Adriano. Se você for ver, é muito renascentista”, continua. “E o Dadá fez mais baseado no Sertão. Então, a exposição em si foi baseada no trabalho deles. E tinha que ser toda colorida, porque todo papel machê é bem colorido, então a gente fez uma entrada super colorida”.

Dadá e Geo Oliveira vão realizar a montagem do espaço em São Paulo. Os demais artistas chegam para a abertura no dia 24 de maio. “A gente também participou da feira lá dentro, tinha estandes de venda, mas essa exposição era intocável”, explica Dadá Venceslau sobre o Salão de Artesanato.

Artesanato ou artes plásticas?

Ele explica as relações entre artesanato e arte: “A papietagem, na verdade, é artesanato. Mas pode também ser feito por artistas plásticos. São coisas muito juntas e muito separadas ao mesmo tempo, porque tem muitos artistas plásticos que não fazem artesanato. Mas tem artesão que faz as artes plásticas”.

Junto com Geo Oliveira, ele deverá ministrar uma oficina sobre o tema e a prática nos dias 22 e 25 de maio. “A papietagem é mais da linguagem do artesanato. É uma das tipologias, como madeira, barro, corda, sisal, metal, papel e materiais reciclados. Isso são as tipologias que cada pessoa vai trabalhar”, conta. “No meu caso, por exemplo, eu trabalho com todas as tipologias. Já experimentei em tudo. Trabalho com artesanato desde a adolescência. Até trabalhei com couro também. Mas hoje eu me defino mais com o papel. A minha tipologia na carteira do artesão é o papel”.

Na programação, ainda constam durante a abertura da mostra uma apresentação musical do paraibano Jarbas Mariz e a roda de conversa Papo de Casa, com mediação da jornalista Regina Galvão.

De São Paulo a Patos

Para Venceslau, uma exposição na capital paulista, a maior cidade do país, traz como resultado novas articulações, tanto para outros países, como também dentro do próprio país, recebendo inclusive mais visibilidade no próprio estado.

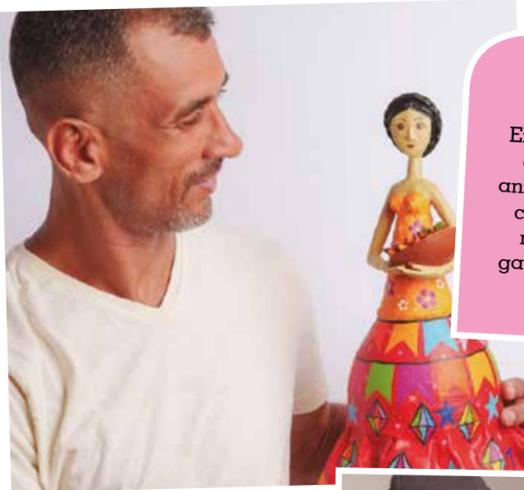
“Essa ocupação é de importância muito grande. Não é todo momento que a gente tem essa oportunidade de levar isso fora do estado. A Paraíba está com referência muito grande no artesanato, tanto no Brasil como em outros países, como Chile e México”, coloca. “Agora mesmo, por exemplo, há vários artesãos em Portugal com renda renascença para uma exposição. Isso vira intercâmbio, parcerias”.

O artista já tem outra exposição em vista: em Patos, sua cidade natal. “Fui convidado para fazer uma grande exposição do meu trabalho em julho em Patos porque viram que eu estou indo para São Paulo: uma coisa puxa a outra. A gente sempre está tendo novas oportunidades quando isso acontece. É um momento que a gente nem esperava, é de se surpreender por isso”, coloca o artesão.

Outro ponto importante, observado por Mattos, é que os trabalhos com papel e produtos similares têm o potencial de atingir outras gerações, tendo isso reforçado o período da mostra.

“Além de tudo, ela [a mostra] ainda tem um mote para o infantil”, acredita. “As crianças adoram esse colorido, adoram esse os bonecos, que são são materializados por esses artistas. A exposição vai durar mais por isso, para entrar nas férias para que possam ser visitados por jovens, por crianças”.

Fotos: Alysson Souza/Divulgação



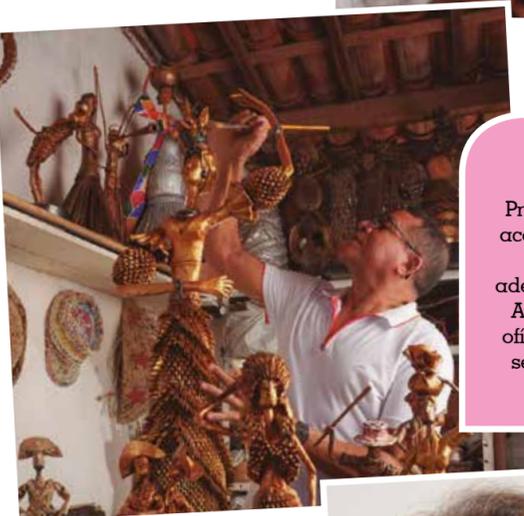
ADRIANO OLIVEIRA

Em seu ateliê, em Mangabeira, desenha e molda figuras de animais. Explora cores e texturas combinando cabaça e jornal: mulheres nordestinas, cães, gatos, bailarinas e máscaras de carnaval.



BABÁ SANTANA

Usa cabaças para criar palhaços, bailarinas, trapezistas e equilibristas. Também produz bonecas, figuras humanas e arte sacra, sempre de colorido vibrante.



CARLOS APOLLO

Primeiro contato com artesanato aconteceu em São Paulo, quando começou a trabalhar com adereços e cenografia para teatro. Autodidata, diz ter aprendido o ofício com a própria imaginação, sem esquecer das pessoas que lhe deram dicas valiosas.



DADÁ VENCESLAU

Como arte-educador, integra a ONG Folia Cidadã, realizando importante trabalho no Centro de Reabilitação de Dependentes Químicos da Prefeitura de João Pessoa. “Minha missão é ressignificar. Eu recolho o lixo e o transformo em arte — o que chamo de o luxo do lixo”.



EDNALDO FARIAS

O olhar atento ao trabalho de grandes mestres o impulsionou a desenvolver sua arte. “Tenho procurado me qualificar e melhorar a cada dia, para alcançar o realismo em cada escultura e, assim, encantar ainda mais o público”.



GEO OLIVEIRA

O olhar curioso e atento tornou-se fonte de inspiração. Antes de se dedicar ao papel, passou pelo bordado e pela arte naïf, até encontrar a verdadeira paixão: dar vida a personagens do imaginário nordestino.



SOCORRO SOUZA

“Meu compromisso é buscar a maior perfeição possível em cada peça. Sempre me coloco no lugar do cliente e me esforço para que ele volte. Sei que, ao confeccionar meus personagens com dedicação, também estou contribuindo para um mundo melhor”, avalia.

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Sobre o tempo e as sociedades

Como falar com nossos filhos sobre compromissos mútuos, valores morais, laços duradouros? É possível compartilhar experiências se estamos submetidos a relações de curto prazo, com pouca ou nenhuma profundidade? Como fazemos para nos sentir seguros?

O vida contemporânea tem com um de seus traços fundamentais as descontinuidades históricas. Uma espécie de rotura se estabeleceu com o modelo tradicional de organização da vida social, que implicou, entre outras coisas, na “compressão” das categorias de tempo e espaço.

Toda e qualquer sociedade constrói uma linguagem para lidar com o tempo. Nas mais tradicionais o tempo também desempenhava papel importante no ordenamento social, mas com a diferença que era vivido a partir de uma relação estática.

Foi com a modernidade que os antigos marcadores socioespaciais perderam sua força, dando lugar a um tempo universal cujo relógio mecânico é a sua encarnação material. Esse novo sistema de uniformização temporal teria efeitos diretos sobre a maneira como pensamos a singularidade dos acontecimentos humanos e a organização social.

O trabalho assalariado com sua lógica de remuneração baseada na quantidade de horas e o estabelecimento do dinheiro como equivalente universal de troca, são partes deste processo. Da mesma forma que o surgimento da ideia de um “espaço vazio” também seria consequência desse esvaziamento temporal.

Junte-se isso a descoberta de regiões antes desconhecidas do mundo; a invenção de novos meios de comunicação e transporte, e então formaremos um conjunto de elementos importantes para a modificação da experiência humana.

O sociólogo jamaicano Stuart Hall afirma que os marcadores de espaço e tempo são os responsáveis por fornecer as coordenadas básicas de todo sistema de representação, seja ele de caráter estético como as artes plásticas, o cinema e a música, ou de construções identitárias e narrativas mitológicas.

Os períodos históricos e as formas de organização social tendem a produzir arranjos diferentes dessas coordenadas. Se desejamos entender a perspectiva de Hall, precisamos considerar que a construção das identidades estão diretamente ligadas às modalidades que as categorias de espaço e tempo assumem.

As identidades teriam assim uma representação “geográfica imaginária” e um lugar no tempo: seja na apressada vida cotidiana das metrópoles, na rede mundial de computadores, nas comunidades tradicionais, nos mitos, lendas e narrativas religiosas.

Com a atual popularização dos computadores e da internet, por exemplo, não estamos mais restritos a pequenos grupos sociais de co-presença, mas livres para estabelecer contatos com indivíduos conectados a uma vasta rede social. O que está mudando as formas com nos relacionamos e concebemos a mudança.

Como dizia o antropólogo Joseph Campbell: “tempo e espaço formam as vias sensíveis que moldam as nossas experiências.” Ele ainda é perspicaz ao perceber que todo campo simbólico está baseado nas experiências das pessoas de determinada sociedade, num período histórico, ou seja, em um tempo e espaço específico. É por isso que podemos falar de uma arte, de uma mitologia, de uma religião e suas respectivas épocas.

A transcendência seria apenas um conceito? De que maneira viveremos daqui 30 ou 50 anos? Surgirá uma nova arte, uma nova ciência? Espero estar vivo para descobrir.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | Colaborador

Acordes da dignidade humana

O violoncelista soviético Mstislav Leopoldovich Rostropovich é reconhecido tanto pela perfeição técnica quanto pela intensidade emocional de suas interpretações. Nascido em 27 de março de 1927, em Baku, na então União Soviética, faleceu em 2007. Além de virtuoso, destacava-se também como compositor. Suas contribuições incluem a renovação do repertório para violoncelo, a formação de novos talentos em diversos países e sua interpretação de obras de compositores do século 20. Ele também utilizou seu talento para se opor à regimes autoritários e defender a dignidade humana.

Uma das contribuições mais significativas de Rostropovich ao repertório para violoncelo teve grande impacto mundial devido à sua erudição e à técnica precisa na execução. Durante sua carreira, ele estreou diversas obras de compositores pouco conhecidos e de renome internacional, ajudando a expandir, em vários países, o repertório para violoncelo solo e para a música de câmara. O gênio soviético foi responsável pela estreia mundial de importantes obras do século 20, como o “Concerto para violoncelo” do compositor e pianista soviético Dmitri Shostakovich (1906-1975). Essa obra, escrita especificamente para ele em 1959, é um dos mais complexos desafios técnicos e expressivos do repertório para violoncelo. Ele também estreou o “Concerto para violoncelo” do compositor, pianista e maestro russo Sergei Rachmaninoff (1873-1943) e o “Concerto para violoncelo” do compositor, maestro, violista e pianista britânico Benjamin Britten (1913-1976). Rostropovich incentivou amigos a comporem novas obras para violoncelo utilizando as técnicas de composição contemporânea; entre eles estavam o brasileiro Heitor Villa-Lobos (1887-1959), o norte-americano Leonard Bernstein (1918-1990) e os soviéticos Serguei Prokofiev (1891-1953) e Igor Stravinski (1882-1971).

A habilidade técnica de Rostropovich estava unida à sua expressividade, o que garantiu sua imortalidade na música erudita. Ele criava uma conexão profunda com a plateia. Sua interpretação não era apenas uma exibição perfeita, mas também uma



Rostropovich: suas contribuições incluem a renovação do repertório para violoncelo

manifestação de seu compromisso político, refletindo a resistência contra a opressão e os crimes cometidos pelo governo de Josef Stalin (1878-1953), presidente da União Soviética. O revolucionário e virtuoso violoncelista também se dedicou ao ensino, influenciando várias gerações de músicos. Ele lecionou na Academia de Música de Moscou e em diversas instituições em vários países, tornando-se mentor de muitos jovens violoncelistas. A empatia e o humanismo de Rostropovich defendiam que a educação musical era essencial não apenas para o desenvolvimento das habilidades técnicas, mas também para o aprimoramento do senso crítico dos alunos. Ao longo de sua carreira, muitos de seus discípulos se tornaram músicos de fama internacional, perpetuando seu legado pedagógico e artístico. Ele se destacou ainda como defensor da dignidade humana, e seu compromisso revolucionário foi demonstrado por meio de sua arte e de sua vida pessoal. Em 1974, o educador e instrumentista foi forçado a deixar a União Soviética devido ao seu apoio público ao escritor dissidente Alexander Soljenitsin (1918-2008) e sua postura crítica em relação ao regime soviético. Durante o exílio, sua influência ar-

tística se ampliou, tornando-se um símbolo de resistência política por meio da arte. Nesse período, ele realizou turnês por todos os continentes e regeu algumas das mais importantes orquestras, incluindo a Orquestra Filarmônica de Londres.

As contribuições de Mstislav Rostropovich continuam a inspirar músicos em diversas instituições acadêmicas em vários países. Seu exemplo de consciência crítica e transformadora combateu o ódio entre ideologias políticas e religiosas, promovendo a construção de um mundo mais justo, com bem-estar social, felicidade para todos e paz mundial.

Sinta-se convidado à audição do 520º Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 18, das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5, ou você pode acessar (clicar em rádio ao vivo) pelo aplicativo em <https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Durante a transmissão, comentarei sobre as interpretações do músico soviético Mstislav Leopoldovich Rostropovich (1927-2007), que defendia a música erudita como processo para formação do senso crítico para construir a dignidade humana.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Manifesto
ao vivo

Olha só: os anos correm e as possibilidades são escassas e, quem chegar por último é a mulher do padre. A blogueira Messina Palmeira vem driblando a sintaxe variada policromada nos eventos da cidade. Tipo assim: “O cachorro mordeu o menino”. Nessa frase, a análise sintática verificaria qual é o sujeito e o predicado da frase, qual a função de cada elemento nessa lógica. Au!

MP está em todas. Com ou sem a vossa tolerância a lactose, Messina se coloca no centro, na ânsia de tudo deglutir fazendo vídeos ao vivo com os vivos. Liga o celular e sai filmando as pessoas nas festas e, claro, mesmo a galera fazendo com o dedinho que não, ela foca no personagem. Será que o papa já soltou o primeiro “me pope”?

A cena da senhora Terezinha Loureiro foi notória. Pram! – Messina chegou perto do colunista Gerardo Rabelo dizendo – “Gerardo, você que se acha o máximo” e ele rebate na bucha: “Eu não me acho o máximo”. Está certo o Gera, essa coisa de se achar o máximo nunca teve sentido, mesmo quando não havia nada, nem prego, nem parafuso.

Messina surge nesse vão das lives ligeiras e não é só ela, mas M está dando um show de bola, como diz o jornalista Abelardo Jurema. MP está longe dos rapazes do Pânico, delírios do mouse que abordavam pessoas famosas e faziam perguntas engraçadas. Até eles sumiram, e a Messina não viu.

Todos esses vícios e vídeos empurrados por aí mesmo quando começam ao vivo pelo celular, a blogueira se joga para o amontoado VIP, formando a grade da pilha sem luz e sem construção de que ganham mil likes e saem pelo ralo e sequer ousar noutra vibe – ah, essa palavra “vibe” também já morreu.

Gente, olha só: no dia em que o jornalista Walter Santos perdeu sua almejada chance de ser imortal, e ocupar o lugar deixado pelo saudoso Carlos Aranha, a colunista Messina estava lá e, claro, fez um ao vivo com o renomado escritor Zé Octávio (ela coloca a câmera na cara do imortal) e insiste em fazer três perguntas de uma tacada só – Como ele vê a Academia hoje e da época que ele virou imortal, escambau.

O ousado Zé Octávio manda ver, que assim não dá, dali não se sai nem um Salvador de Lá que ela deveria ser mais dinâmica e ter uma dinâmica cultural... Ela quem, Zé? “Acho que a Academia deveria atuar junto às escolas, ser mais dinâmica. Esse trabalho já foi feito, aliás começou a ser feito há uns três anos atrás”. O Zé esqueceu de dizer que foi uma iniciativa da escritora Ângela Bezerra. E Messina entendeu bulhufas.

Eu estava comendo queijo de cabra holandês quando a blogueira chega para me entrevistar, perguntando o que eu achava do novo papa? Eu disse “o papa sou eu, Messina!”.

A imensa variedade de que as comunidades das redes se compunham, as periferias com as suas bolsas LV, tudo se vê invadido pelas câmaras e a gravidade tudo desfigura, Messina precisa saber da piscina, aprender mais sobre ângulos retângulos e papeladas e conseguir ser a correspondente do Jornal de Gotham City no Brasil, porque senão vai terminar sem bateria.

A grande sacada foi do escritor italiano Umberto Eco (foto) que nos deixou na década de 2010 e um tapa na cara sobre evolução da sociedade moderna. “As redes sociais deram o direito à palavra a legiões de imbecis que, antes, só falavam nos bares, após um copo de vinho e não causavam nenhum mal para a coletividade”.

Messina só não tem o ecoooo. É isso, quando o ponto final chora, ele vira uma vírgula.

Kapetadas

1 – Apesar do tarifaço americano, desde que o papa morreu as ações das fábricas de velas subiram 300%

2 – Hoje a aula serão de concordância verbal. Sacou?

Foto: Reprodução



Umberto Eco: a internet e a “legião de imbecis” à solta nas redes

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | Colaborador

Os seriados e suas lentas narrativas

Nesta mesma coluna dominical, anteriormente escrevi sobre a questão do processo narrativo prolongado dos seriados veiculados no *streaming*. Suas longas temporadas, capituladas a se perderem de vista. Alguns seriados com curta duração até satisfazem bem ao telespectador. Outros, contudo, tornam-se cansativos, enfadonhos, até confusos.

Pois bem. Foi comentando o seriado que assisti na Netflix, *O Chalé (Le Chalet)*, minissérie francesa em seis capítulos, de autoria de Alexis Lecaye e Camille Bordes-Resnais, que pude verificar as cenas por demais repetidas, devido a inclusão recorrente de *flashbacks*. Verifica-se que esse recurso não é coisa de hoje, não. Trata-se de uma forma “autonarrativa”, que vem da moderna telenovela, muito mais antiga no folhetim que nos seriados atuais. Recurso usado que faz de uma sequência narrativa, de capítulos anteriores, um interregno explicativo no presente da mesma história. Contudo, o excesso disso torna o enredo confuso.

Recentemente, tentei ver na Netflix um outro seriado de título *Fatma*. Uma realização da Turquia, em seis capítulos, e que traz uma narrativa interessante sobre uma mulher perturbada com a morte do pequeno filho, além de decepções que a tornaria uma assassina. Justamente daqueles que tentam submetê-la, em razão de seu marido desaparecido, um ex-presidiário envolvido em crimes e quadrilhas urbanas.



Foto: Divulgação

Burcu Biricik é a atriz protagonista da série turca “Fatma”, disponível na Netflix

Mas, o drama tem outra vertente interessante, bem atual, quando diz respeito à liberdade feminina. No seriado, é justamente no contraponto à opressão da mulher Fatma em seu país, a Turquia. Em razão disso, somado ainda ao seu estado de saúde mental, desenvolve a habilidade de assassinar homens que se postam em seu caminho, na procura obstinada do marido desaparecido. Assim, acaba cometendo vários crimes sem deixar vestígios.

Fatma é um policial produzido para a televisão, e foi dirigido por Özer Fezyioğlu e Özgür Önürme, com destacada atuação da atriz Burcu Biricik. Série em única tem-

porada de seis episódios, que teve sua estreia na Netflix. Apesar de ser bem dirigida, a série tem uma narrativa arrastada, pouco convincente para o número de capítulos. Além dos *flashbacks*, sobre os quais já me referi antes, trazendo recônditos lances do passado da personagem com o seu amado filho, tragicamente falecido num atropelamento.

A trama insiste na ratificação do então estado mental da personagem, vez por outra, perdendo-se em divagações menores sobre terceiros. Mas, é uma boa opção, diante das muitas pirotécias que hoje dispõe a Netflix. – Para mais Coisas de Cinema, acesse: www.alessantos.com.br



APC homologa eleição para a cadeira 2

Durante a reunião de diretoria e conselho, na quarta-feira passada, sob a presidência do prof. João de Lima Gomes, a Academia Paraibana de Cinema homologou o resultado da eleição do prof. Laércio Ferreira para a cadeira 2, que pertencia ao cineasta Vladimir Carvalho.

Na oportunidade, foram abertas as inscrições por 30 dias, encerrando em 13 de junho, para a vaga de Carlos Aranha, com indicação até dia 2 de julho deste ano. As propostas devem ser encaminhadas para o seguinte endereço: Av. Nossa Senhora dos Navegantes, Fundação Casa de José Américo, unidade de Tambaú.

SHOW

Baião Choro Jazz lança CD na Vila do Porto

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

Aparentemente díspares, os ritmos musicais sempre se mostram em profusão sincrética no caso brasileiro, sobretudo na rica experiência sonora nordestina. O grupo instrumental Baião Choro Jazz que o diga. Surgido no coração do alto sertão da Paraíba, a banda apresenta ao público a diversidade dos ritmos nordestinos com uma pegada moderna e criativa, hoje, a partir das 18h, no Vila do Porto (Varadouro, JP). Os ingressos custam a partir de R\$ 10 e podem ser adquiridos na plataforma Shotgun.

O conjunto combina a riqueza da cultura popular com a liberdade do jazz e da improvisação, resultando em uma sonoridade única que passeia pelo baião, frevo, funk, samba e choro. A formação conta com Joab Andrade (saxofone), Edilson Ferreira (violão), Wellington Dantas (contrabaixo) e Helton Silva (bateria).

Com três anos de estrada, já gravaram o primeiro álbum autoral, *Capote Sistemático*, um compacto de seis faixas disponível nos *streamings* de áudio. A passagem pela capital faz parte da turnê de lançamento do trabalho, que se encerrará no Sertão — dia 23, no Teatro Íracles Pi-

res (o Ica), em Cajazeiras, e dia 24, em Princesa Isabel.

“O grupo leva o nome de três ritmos diferentes, mas nosso objetivo é espalhar a música nordestina”, define Joab Andrade. “Tocamos o choro porque é o que mais representa a alma do povo brasileiro, segundo o maestro Villa-Lobos — e eu concordo com ele. Então surge desse amor pelo chorinho, pela música brasileira e a gente toca arranjos com a pegada nordestina”.

No encontro, o público irá se deparar com um chorinho tocado como baião, com arranjos coloridos pelo elemento da

improvisação musical, herança direta do jazz. “Tocamos uma mistura, o que pode ser chamado de *fusion*”, assegura Joab.

Nessa pegada, o compositor Hermeto Pascoal brilha no horizonte de influências do grupo, como o sol que ilumina a clave de suas composições. Apesar de não haver sanfona, os músicos também possuem forte influência dos sanfoneiros diletos, como Dominguinhos e Sivuca. Já no chorinho, Severino Araújo é presença cativa aos improvisos sonoros.

Voltando ao título do álbum, “capote sistemático”, percebe-se uma observação peculiar. Advinda da África, a galinha d’angola é também conhecida em diversos estados do Nordeste como capote, que guarda associação direta com a dinâmica do Baião Choro Jazz.

“Tem capote que vive na mata e se você capturar, ele morre, pois sai de sua rotina sistemática. Nós somos um grupo sistemático por queremos fazer música instrumental no sertão. Se a gente sair dessa, a gente morre”, sopra o saxofonista.

Os quatro músicos do Sertão fazem misturas entre os gêneros



Foto: John Emanuel/Divulgação

ONDE:

■ VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, nº 8, Varadouro, João Pessoa).

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Leminski, judoca, poeta

Conheci Paulo Leminski num tatame! Era um zonal de judô, realizado em Recife, em fins dos anos 60 do século passado. Eu, aluno da Academia de Ivan Gomes, em Campina Grande, já me habituara aos campeonatos que classificavam para o certame final, no Rio de Janeiro. O judô sempre teve boa tradição por aqui, o judô e o jiu-jitsu, sobretudo, depois da família Grace,

Dos 12 aos 20 anos de idade fui um judoca inteiramente dedicado aos desafios do esporte. Cheguei à faixa marrom e ao pre-exame da preta, ao qual não me submeti, porque, àquelas alturas, meus interesses já eram outros.

Não sabia nada de Paulo Leminski, sensei segundo Dan, como poeta. Sabia, sim, de seus grandes feitos na prática e na filosofia do judô, como lutador e mestre de grande sabedoria oriental. O campeão de luta livre e vale tudo, Ivan Gomes, levou a mim e a outros a conhecer, naquele zonal, grandes judocas do país.

Disputamos com a Academia de Paulo Leminski, do Paraná, e a do mestre Kavamura, de Pernambuco. Fiz duas lutas. Ganhei a primeira, para um discípulo faixa roxa de Paulo Leminski. Perdi a segunda, para um japonês, Nakamura, faixa marrom, um dos mais habilidosos judocas que enfrentei. Perdi por ippon e fiquei com a clavícula esquerda avariada até hoje.

Lembro-me que Paulo Leminski viu alguma virtualidade no meu desempenho. Disse a Ivan: “Ele tem boa técnica. É muito rápido”. Kavamura, também. Senti, no entanto, uma leve decepção por parte do meu mestre, o campeão dos campeões. Acreditava muito em mim. Pelos segredos que me ensinou.

Conheci Paulo Leminski num tatame! Já era tempo da universidade, das leituras, dos livros. Abandonara o judô. Não sei se aprendi a suavizar as quedas, mas nunca esqueci as lições do tatame. O tatame me salvou de certo destempero de infância e de adolescência. Eu brigava demais!

Saber poucas quedas, as básicas, por exemplo, vale muito mais que saber as sofisticadas. Saber poucas coisas, mas sabê-las de verdade. Aproveitar a força do adversário. Ela é a melhor arma para derrotá-lo. Eis o princípio primeiro. Saber cair é tudo!

Depois, muito tempo depois, conheci Paulo Leminski no poema!

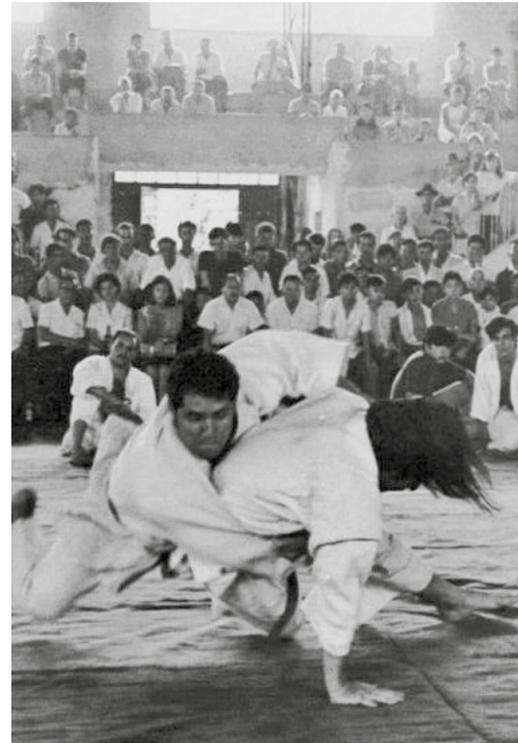
Fiz o link com certa dificuldade. Judoca, alto, magro, musculoso, bigodes enormes, óculos redondos... Os óculos, quem sabe, podiam fazer a sutil passagem do quimono para o texto poético. O texto, visto com cuidado, tem alguma coisa da textura dos pés, das mãos, das entradas.

Mesmo gostando de certos movimentos de seus versos tácteis, de certas soluções repentinas, de certos lances fatais de suas metáforas destemidas, prefiro o judoca. O judoca silencioso e eficaz que derrubava facilmente o adversário.

Mas existe, quero crer, algum liame entre o judoca e o poeta. Sei isso à minha maneira.

Paulo Leminski, decerto, já sabia. À seu modo. O tatame é como a vida. A vida é como a poesia. Judica e poeta, ambos lutam. Um, com o outro; outro, com as palavras. Quem vence, nunca ninguém sabe.

Foto: Reprodução/Arquivo pessoal



Leminski no tatame: “mestre de grande sabedoria oriental”

Foto: Arquivo pessoal



CINEMA

Resgate de uma história de pioneirismo

Antônia Ágape, primeira diretora negra de cinema, na Paraíba, foi homenageada na Mostra Ayabá, no Rio de Janeiro

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

Pioneira no cinema negro da Paraíba, Antônia Pereira Ágape viu seu filme *As Cegas* permanecer guardado por uma longa metragem de tempo nas gavetas da história. No entanto, de 2024 para cá, o curta-metragem de 10 minutos filmado em formato super-8 tem sido exibido em diversos festivais ao redor do país, como na última quinta-feira (15), ocasião em que participou da seção “Mulheres, Documentário e Invenção” da Mostra de Cinema Ayabá no Rio de Janeiro.

Iniciado em 1981 e concluído em 1982, *As Cegas* — que a princípio tinha outro título — foi realizado pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em parceria com uma associação francesa que percorria países do mundo e alguns estados brasileiros no intuito de trabalhar com o que se chamava no final dos anos de 1970 de cinema direto — um estilo de abor-

dagem do real próprio ao gênero do documentário.

As deficientes visuais retratadas — uma mãe e suas três filhas em condição de mendicância —, são as mesmas do documentário *A Pessoa É Para o Que Nasce* (2005) e foram objeto de diversos estudos, tanto de personalidades, como o político Raimundo Asfora, quanto de pesquisadores acadêmicos, já que as músicas populares que ambas cantavam nas feiras de Campina Grande eram de domínio público. “Esse filme foi feito e tem uma parte que retrata muito das injustiças sociais e a coletividade precisava saber disso. Dessas músicas, delas e de toda aquela luta”, afirma Antônia sobre sua realização.

Resgate histórico

Ágape realizou o cinema direto abordando as personagens, mas o trabalho ficou no Núcleo de Documentação Cinematográfica (Nudoc) da UFPB aguardando pela edição por 42 anos. No ano passado, saiu das gavetas do núcleo para dar visibilidade pública à obra, em uma primeira homenagem à diretora no Festival Internacional de Cinema de João Pessoa (FesticineJP).

O resgate do curta se deu quando Roberto Berliner, codiretor de *A Pessoa É Para o Que Nasce*, veio à Paraíba para acessar a versão beta da película. “Um pequeno trecho do meu filme foi

colocado no filme de Berliner”, explica.

“Do meu ponto de vista, a pessoa não é para o que nasce, porque se fosse assim, eu não teria chegado onde cheguei. Eu não teria enfrentado a luta de ter sido uma mulher pobre e preta vivendo nesta sociedade”, desabafa. “A pessoa nasce para o que é. O ser é tão poderoso que se a gente soubesse, já estaríamos livres de muitas mazelas que a humanidade não consegue mudar”, acresce.

De acordo com a diretora, *As Cegas* foi recuperado pela Petrobrás e por projeto estrangeiro que veio ao Brasil resgatar filmes em super-8. Ano passado, foi exibido em festivais de três cidades da Bahia, além da Câmara dos Deputados em Brasília com menção honrosa.

O primeiro filme de Antônia Ágape, premiado ainda na década de 1980, abordou a história da escritora e professora Joana Belarmino, também portadora de deficiência visual. “Meus amigos do cinema riam muito de mim porque eu delirava. Eu acreditava em coisas bonitas — e continuo acreditando. Sou fora do quadrado”, diz ela. “Sei que ainda é necessário fincar o pé. Quem estiver em um lugar de conforto, passe a olhar o lugar em que o seu semelhante está. É preciso expor pra que essas coisas não aconteçam mais”, conclui.

Antônia Ágape dirigiu “As Cegas”, em 1982, em super-8: filme tem sido reexibido

Em Cartaz



Cinema

Programação de 15 a 21 de maio, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Guarabira, Remígio e São Bento.

ESTREIAS

HURRY UP TOMORROW – ALÉM DOS HOLOFOTES (*Hurry Up Tomorrow*). EUA, 2025. Dir.: Trey Edward Shults. Elenco: The Weeknd, Jenna Ortega, Barry Keoghan, Riley Keough. Suspense. Músico insone encontra desconhecido misterioso que o leva a uma jornada terrível. Sexto da série que começou em 2000. 1h50. 18 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: leg.: 16h, 18h45.

PREMONIÇÃO 6 – LAÇOS DE SANGUE (*Final Destination – Bloodlines*). EUA, 2025. Dir.: Zach Lipovsky e Adam B. Stein. Elenco: April Telek, Tony Todd, Brec Bassinger. Terror. Atormentado por pesadelos, estudante retorna à sua cidade para encontrar a única pessoa que pode salvar sua família de um destino terrível. Sexto da série que começou em 2000. 1h50. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 16h30; leg.: 19h, 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: leg.: 14h20, 19h30; dub.: 16h50, 21h50. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): dub.: 15h, 20h; leg.: 17h30, 22h20. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 14h45, 17h15, 19h45, 22h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 15h30, 18h. CINESERCLA TAMBÁ 3: dub.: 15h20, 19h30. CINESERCLA TAMBÁ 6: dub.: 14h10, 16h20, 18h30, 20h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 14h10, 16h20, 18h30, 20h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 15h20, 19h30. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: dom.: 14h45, 17h, 19h10, 21h20; seg. a qua.: 17h, 19h10, 21h20. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: dom.: 14h40, 17h, 21h20; seg. a qua.: 17h, 21h20. **Remígio:** CINE RT: 14h, 20h30. **São Bento:** CINE VIEIRA: dub. 21h10.

PRÉ-ESTREIA

MISSÃO: IMPOSSÍVEL – O ACERTO FINAL (*Mission: Impossible – The Final Reckoning*). Reino Unido/ EUA, 2025. Dir.: Christopher McQuarrie. Elenco: Tom Cruise, Hayley Atwell, Ving Rhames, Simon Pegg, Esai Morales, Pom Klementieff, Henry Czerny, Angela Bassett, Clare Elwes. Aventura. Equipe de agentes parte para o confronto final contra uma inteligência artificial que ameaça o mundo. Oitavo da série que começou em 1996, baseada na série de TV de 1966. 2h49. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): sab. a qua.: dub.: 17h30; leg.: 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: sab. a qua.: dub.:

15h15, 18h45, 22h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: sab. a qua.: dub.: 13h45, 17h15, 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: sab. a qua.: 14h45, 18h15, 21h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: sab. e qua.: dub.: 14h45, 18h15, 21h45. CINESERCLA TAMBÁ 5: sab. e qua.: dub.: 17h10, 20h20. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: sab. e qua.: dub.: 17h10, 20h20. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: sab. a qua.: dub.: 17h10, 20h30. CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dom.: dub.: 15h.

REAPRESENTAÇÃO

CIDADE DOS SONHOS (*Mulholland Dr.*). EUA, França. 2001. Dir.: David Lynch. Elenco: Naomi Watts, Laura Harring, Robert Forster. Thriller. Jovem atriz em Hollywood se vê emaranhada numa intriga surreal com uma mulher que escapou por pouco de ser assassinada. 2h26. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: qui., 22/5: 18h; dom., 25/5: 19h; sab., 31/5: 19h.

ONDA NOVA. Brasil, 1984. Dir.: José Antonio Garcia e Ícaro Martins. Elenco: Carla Camurati, Cristina Mutarelli, Tânia Alves, Vera Zimmermann. Comédia/erótico. Meninas formam um time de futebol feminino e lidam com problemas pessoais e a liberdade de comportamento. 1h42. 18 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: dom., 18/5: 15h; sab., 24/5: 17h; qui., 29/5: 20h30.

CONTINUAÇÃO

ABÁ E SUA BANDA. Brasil, 2025. Dir.: Humberto Avelar. Vozes: Filipe Bragança, Zezé Motta, Rafael Infante. Animação. O príncipe do Reino do Pomar precisa enfrentar um vilão para conseguir realizar o sonho de ser músico. 1h24. Livre.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: dom., 25/5, e sab., 31/5: 15h.

CAPTÃO ASTÚCIA. Brasil, 2025. Dir.: Filipe Gontijo. Elenco: Fernando Teixeira, Paulo Verlings, Nivea Maria. Comédia. Um ex-astro mirim frustrado com sua carreira de pianista, foge de um revival na TV e busca refúgio na casa do avô, um senhor determinado a se tornar um super-herói. 1h30. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: dom, 18/5: 17h; sab., 24/5: 15h; sab., 31/5: 17h.

UM FILME MINECRAFT (*A Minecraft Movie*). Suécia/ EUA, 2025. Dir.: Jared Hess. Elenco: Jack Black, Jason Momoa, Jennifer Coolidge, Danielle Brooks, Kate McKinnon. Comédia/aventura. Quatro pessoas são jogadas por um portal para um bizarro mundo onde tudo é cúbico. 1h41. 10 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: 15h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: 13h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.:

13h15. CINESERCLA TAMBÁ 1: dub.: 18h20. CINESERCLA TAMBÁ 5: dub.: sab. a qua.: 15h10. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: sab. a qua.: 15h10. **Patos:** CINE GUEDES 3: sab. e dom.: dub.: 3D: 14h40. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: dom.: 14h50.

HOMEM COM H. Brasil, 2025. Dir.: Esmir Filho. Elenco: Jesuíta Barbosa, Bruno Montalvão, Jullio Reis, Hermila Guedes. Drama. As diferentes fases da carreira do cantor Ney Matogrosso, desde a sua infância até a vida adulta, sempre desafiando padrões. 2h10. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: 18h, 20h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: 19h20, 22h10. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 20h30. CINESERCLA TAMBÁ 3: 17h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: 17h30.

KARATÊ KID – LENDAS (*Karate Kid – Legends*). EUA, 2025. Dir.: Jonathan Entwistle. Elenco: Ben Wang, Ralph Macchio, Jackie Chan, Ming Na-Wen. Aventura/ drama. Prodígio do kung fu muda-se para Nova York e é alvo da rivalidade de um campeão local de karatê. 1h58. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 16h, 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 14h15, 16h45, 19h; leg.: 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 14h45, 17h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 14h15, 16h30, 18h45, 21h. CINESERCLA TAMBÁ 2: dub.: 17h20, 19h10, 21h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 17h20, 19h10, 21h. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: dom.: 15h20, 17h20, 19h15, 21h20; seg. a qua.: 17h20, 19h15, 21h20. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: 19h15. **Remígio:** CINERT: dom. e ter.: 18h45; seg. e qua.: 16h.

LISPECTORANTE. Brasil, 2025. Dir.: Renata Pinheiro. Elenco: Marcella Cartaxo, Pedro Wagner, Grace Passó, Karina Buhr. Drama. Mulher volta a sua cidade natal e vê cenas fantásticas através de frestas das ruínas de onde morou a escritora Clarice Lispector. 1h33. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: dom., 18/5: 19h; qui., 22/5: 20h30; sab., 24/5: 19h; dom., 25/5: 17h; qui., 29/5: 18h.

PECADORES (*Sinners*). EUA, 2025. Dir.: Ryan Coogler. Elenco: Michael B. Jordan, Hailee Steinfeld, Miles Caton. Terror. Dispostos a deixar suas vidas conturbadas para trás, irmãos gêmeos retornam à cidade natal, quando descobrem um mal ainda maior. 2h17. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 20h. CINESERCLA TAMBÁ 1: dub.: 20h20.

REI DOS REIS (*The King of Kings*). EUA/ Coréia da Sul, 2025. Dir.: Seong-ho Jang. Animação/ drama. Menino descobre a fé

por meio da história de Jesus Cristo contada por seu pai, o escritor Charles Dickens. 1h42. 10 anos.

João Pessoa: CINESERCLA TAMBÁ 1: dub.: 16h20.

THUNDERBOLTS* (*Thunderbolts**). EUA, 2025. Dir.: Jake Schreier. Elenco: Florence Pugh, Sebastian Stan, David Harbour, Lewis Pullman, Hannah John-Kamen. Aventura. Equipe de anti-heróis embarca em uma missão perigosa que os forçará a confrontar seus passados. 2h06. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: 18h30. CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: 15h. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 13h45, 16h30, 19h15, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 14h30, 17h15; leg.: 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 14h, 17h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 13h, 15h45, 18h30, 21h15. CINESERCLA TAMBÁ 4: dub.: 15h45, 18h10, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 15h45, 18h10, 20h30. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: 3D: 16h40, 19h; 2D: 21h20. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: seg. a qua.: 2D: 16h20; 3D: 21h10. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom. e ter.: 16h; sab., seg. e qua.: 18h20. **São Bento:** CINE VIEIRA: dub. 18h30.

CONTATO

CENTERPLEX: (MAG Shopping, JP - <https://www.centerplex.com.br/cinema/mag>). **CINE BANGÜÊ:** (Espaço Cultural, JP - Instagram: @cinebanguê). **CINÉPOLIS:** (Manaira Shopping e Mangabeira Shopping, JP - <https://www.cinepolis.com.br/programacao/joao-pessoa.html>). **CINESERCLA:** (Tambá Shopping, JP, e Partage Shopping, CG - <https://www.cinesercla.com.br>). **CINE GUEDES:** (Guedes Shopping, Patos - <https://www.guedesshopping.com.br/entretenimento/cinema>). **MULTICINE:** (Patos Shopping, Patos - <https://www.multicinecinemas.com.br/>).

Música

HOJE

BAIÃO CHORO JAZZ Banda instrumental apresenta show de lançamento do disco *Capote Sistemático*.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, nº 8, Varadouro, João Pessoa). Domingo, 18/5, 18h. Ingressos: R\$ 10 (promocional), antecipados na plataforma Shotgun.

POLYANA RESENDE. Cantora faz show de samba.

João Pessoa: MANGA ROSA (Av. Campos Sales, nº 153, Bessa). Domingo, 18/5, 19h. Ingressos: R\$ 15 (couvert).

AMANHÃ

SANHAUÁ SAMBA CLUBE. Roda de samba com artistas paraibanos.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, nº 8, Varadouro). Segunda, 26/5, 21h30. Ingressos: R\$ 40 (inteira), R\$ 30 + 1 kg de alimento não perecível (social) e R\$ 20 (meia), antecipados na plataforma Shotgun.

PRÓXIMOS DIAS

ROBERTA CAMPOS. Cantora apresenta o show da turnê *Coisas de Viver!*.

João Pessoa: TEATRO PAULO PONTES (Espaço Cultural, R. Abdias Gomes de Almeida, nº 800, Tambauzinho). Quinta, 22/5, 19h30. Ingressos: de R\$ 40 (frisas/meia) a R\$ 100 (plateia/ inteira), antecipados na plataforma Olha o Ingresso.

Exposições

CONTINUAÇÃO

ABRE ALAS. Exposição coletiva dps artistas do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFPB.

João Pessoa: GALERIA LAVANDEIRA (UFPB, campus I). Visitação até 31 de maio. Entrada franca.

FERDINNANDE. Exposição *Procu-rei Amor no Vazio e Encontrei o Eco de Mim Mesmo*.

João Pessoa: ESPAÇO EXPOSITIVO ALICE VINAGRE (Espaço Cultural, R. Abdias Gomes de Almeida, nº 800, Tambauzinho). Visitação de segunda a sábado, das 7h às 22h, e domingos e feriados, das 8h às 20h, até 23 de maio. Entrada franca.

LENEC MOTA. Fotógrafo apresenta a exposição *A Saga do Vaqueiro*.

João Pessoa: ESTAÇÃO CABO BRANCO (Av. João Cirillo da Silva, Altiplano Cabo Branco). Visitação até 7 de junho. Entrada franca.

LOUISE GUSMÃO. Artista apresenta a exposição *Linha Motriz*, por meio da linguagem da arte têxtil.

João Pessoa: CASARÃO 34 (Praça Dom Adauto, Av. Visc. de Pelotas, nº 34, Roger). Visitação de segunda a sexta-feira, das 9h às 17h, até 16 de maio. Entrada franca.

SISTEMA CONFIÁVEL

Urna eletrônica fortalece a democracia brasileira

Criado há 29 anos, equipamento transformou o processo eleitoral do país

Paulo Correia
paulocorreia.epc@gmail.com

As urnas eletrônicas completaram 29 anos de operação no país, na última semana, consolidando-se como importante instrumento de segurança do processo eleitoral e de fortalecimento da democracia.

Criado em 13 de maio de 1996, o equipamento consiste em um microcomputador de uso específico para eleições, composto por dois terminais: o do mesário — para verificação do registro de cada eleitor — e o do eleitor — para computar o voto numericamente. O aparelho foi desenvolvido por profissionais do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), do Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA), das Forças Armadas e do Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

Inicialmente, a urna eletrônica foi utilizada nas capitais e em cidades com mais de 200 mil habitantes. Segundo a servidora do Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba (TRE-PB) Cecília Costa, que atua há 47 anos no órgão, os municípios de João Pessoa e Campina Grande foram os primeiros a adotar o uso do aparelho no estado, em 1996. Nas eleições seguintes, em 1998, foram incluídas na rota do avanço tecnológico as cidades de Patos e Sousa, até que, nos anos 2000, os equipamentos foram utilizados em todo o estado. “A urna eletrônica não foi uma ameaça; ela trouxe a confiabilidade e a alegria de ter banido a possibilidade de fraude”, recorda a servidora.

A Paraíba possui 12.095 urnas eletrônicas, sendo que, nas últimas eleições, foram utilizadas 10.039. Os equipamentos são armazenados nos Núcleos do Voto Informatizado (NVIs), lo-



Antes do sistema digital, participação de eleitores era registrada em folhas de votação

calizados em João Pessoa, Campina Grande, Patos, Pombal e Cajazeiras.

Evolução do voto

O tipo de urna utilizado em uma eleição está atrelado à própria evolução do voto e da participação política no Brasil, considerando momentos que marcaram a história do país: os períodos Colonial e Imperial; a República Velha; o Estado Novo; a Ditadura Militar de 1964; e os períodos de redemocratização de 1945 e de 1985.

Em publicação oficial sobre a história das eleições no Brasil, o ministro Luís Roberto Barroso, do Supremo Tribunal Federal (STF), destacou que, durante o Império, o direito de participação política sofreu restrições de diversas naturezas: política, religiosa, educacional, econômica, racial e de gênero.

“A Constituição de 1824 instituiu o voto indireto, censitário e vedou candidatos que não fossem cidadãos do Estado. As eleições de 1840 ficaram conhecidas como ‘as eleições do cacete’, tamanha a violência empregada e as fraudes na apuração de votos”, diz um trecho do texto.

Já a década de 1930 foi marcante devido ao início do processo de construção do projeto de Estado-Nação brasileiro, destacando-se, dentre outras medidas, a adoção do voto secreto, o direito das mulheres de votar e a criação da Justiça Eleitoral (JE). Tudo isso ocorreu devido ao Decreto nº 21.076, de 24 de fevereiro de 1932, do então presidente Getúlio Vargas, que instituiu o Código Eleitoral.

O chefe da seção de Bibliotecas e Memórias Institucionais do TRE-PB, Diogo Alves Barbosa, explica que, do fim do século 19 ao início do século 20, eram utilizadas urnas de madeira. A partir da década de 1940, o país passou a adotar urnas de ferro.

“Tanto a urna de madeira quanto a urna de ferro estão inseridas no contexto de crença de que a segurança da eleição dependia do material do qual era feita a urna. Depois, a sociedade amadureceu o pensamento e entendeu que a segurança da urna está mais relacionada à lisura como um todo. O pleito ocorre se existe transparência, se existe um ordenamento jurídico

que realmente ofereça essa segurança”, conta.

A partir de então, o Brasil passou a utilizar urnas de lona, em duas versões: uma na cor branca — entre os anos de 1950 e 1974 — e outra na cor marrom — a partir de 1974.

Informatização

Diogo Alves Barbosa recorda o início do processo de informatização da Justiça Eleitoral. Em 1986, uma década antes da implantação das urnas eletrônicas, o órgão deu início ao cadastro dos eleitores de maneira digital, substituindo os grandes arquivos existentes nos Tribunais com todo o histórico de cada eleitor.

“Isso ajudou, por exemplo, a evitar que uma pessoa se inscrevesse como eleitor em várias zonas diferentes, o que nunca foi permitido pela lei, mas, na prática, era possível. Uma pessoa, de maneira ilegal, conseguia se inscrever em várias zonas diferentes quando não havia informatização do cadastro de eleitores. A partir de 1986, com a informatização, todos esses processos foram ficando mais aperfeiçoados”, relata.

Modernidade conferiu mais segurança à apuração de votos

A servidora do TRE-PB Cecília Costa, que vivenciou a transição entre o uso das urnas de lona e as eletrônicas, lembra que, antes das urnas eletrônicas, o processo de apuração dos votos tinha o prazo de 10 dias, podendo ser estendido por mais 10, o que tornava o trabalho exaustivo. Ela explica que, nessa época, a apuração das urnas era completamente analógica e suscetível a fraudes.

“O secretário de cada Junta [Apuradora] dizia assim: ‘você, Fulano, vai anotar os votos de Sicrano’. Eles [os escrutinadores] faziam aqueles tracinhos que vão formando quadradinhos. Mas ‘Manuel’, responsável por anotar os votos de ‘João’, poderia não anotar, poderia fazer diferente. Então, a fraude poderia surgir”, exemplifica.

Cecília Costa considera que a adoção do sistema de urnas eletrônicas proporcionou uma mudança radical na dinâmica do trabalho, com a agilidade e a confiabilidade. Ela enfatiza que a transparência do processo e a impossibilidade de fraudes foram comprovadas ao longo dos anos.

“Nunca conseguiram provar [fraudes]. Tudo é criptografado, é tudo confiável. A transparência é grande. Apesar de alguns indivíduos dizerem que houve fraude, o TSE e os tribunais regionais sempre provaram que não existe fraude, porque não tem como fraudar a urna eletrônica. A urna é confiável, e foi muito boa essa mudança”, defende.

O secretário de Tecnologia da Informação e de Comunicação do TRE-PB, Vinícius Alves, acrescenta que os testes e

as auditorias garantem a integridade do processo eleitoral.

“Ao longo do tempo, a Justiça Eleitoral vem buscando muitas parcerias com outras instituições para tirar dela a exclusividade desse papel de dizer que a urna é segura. Nós sabemos que a urna é segura, mas nós estamos abrindo a oportunidade de pessoas virem, fazerem testes e auditorias para também tirarem suas próprias conclusões. Então, é um processo de segurança que vem sendo construído a muitas mãos”, reforça.

O secretário explica que as urnas passam por um ciclo de manutenção e testes durante todo o ano, incluindo verificações exaustivas com um programa específico para verificar o funcionamento de teclado, monitor e conexões. O desenvolvimento do *softwa-*

re para as Eleições 2026, por exemplo, começou em janeiro deste ano, e o código-fonte estará aberto para auditoria para partidos políticos, Ministério Público, Polícia Federal, OAB e outros órgãos de outubro de 2025 a setembro de 2026.

Segundo Vinícius Alves, todo o ciclo de desenvolvimento do sistema é realizado com testes e sua definição é feita na cerimônia de “lacratação”, na qual o *software* é assinado digitalmente pelo presidente do TSE e publicado no *site* do Tribunal. “É como se a gente congelasse aquela versão. Essa versão passa por uma assinatura digital, inclusive do próprio presidente do TSE, e você marca isso daí com uma espécie de carimbo. Quando esse *software* estiver na urna eletrônica, uma pessoa pode verificar se

o que está rodando lá é a mesma coisa que foi assinada e que foi testada anteriormente”, explica.

Com isso, cada urna é preparada individualmente, recebendo os dados específicos da sua seção eleitoral e passando por testes para garantir o bom funcionamento do *hardware*. A biometria dos eleitores também é carregada nas urnas, e a comparação dos dados biométricos com o cadastro do eleitor é feita durante a votação. Após o término da votação, o mesário encerra a urna e gera uma espécie de *pendrive* com o resultado da votação, além de um boletim de urna impresso com o resumo dos resultados. O boletim de urna possui um *QR Code* que pode ser escaneado por qualquer pessoa para verificar o resultado daquela se-

ção. O TSE também publica os resultados de cada seção em seu *site*, permitindo a comparação com o boletim de urna.

Vinícius Alves salienta que a transmissão dos resultados para o TSE é feita por um canal seguro e criptografado, mas a divulgação do resultado em papel garante a integridade da informação, pois qualquer tentativa de manipulação seria facilmente identificada. “Você já materializou no papel o resultado da urna ali e aquilo está exposto para as pessoas, já está divulgado. Assim, qualquer tentativa de manipulação seria muito facilmente identificada porque você já disse qual era o resultado dela”, crava o secretário de Tecnologia da Informação e de Comunicação do TRE-PB.

Linha do Tempo

Urna de madeira

Utilizada do fim do século 19 ao início do século 20



Urna de ferro

Utilizada na década de 1940



Urna de lona branca

Utilizada de 1950 a 1974



Urna de lona marrom

Utilizada de 1974 até os dias atuais (em caso de necessidade)



Urna eletrônica

Utilizada a partir de 1996 até os dias atuais



Infográfico: Iago Ribeiro

PESSOA COM DEFICIÊNCIA

Senado debate projeto que institui apoio a cuidadores

Objetivo é oferecer orientação e acolhimento a responsáveis legais atípicos

Agência Senado

Tramita no Senado Federal um projeto de lei que cria o Programa Cuidando de Quem Cuida. O objetivo da proposta é oferecer orientação e apoio a mães, pais e responsáveis legais atípicos. O PL nº 1.179/2024 é de autoria do senador Romário (PL-RJ) e foi aprovado na Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa (CDH), na última quarta-feira (14).

O PL recebeu parecer favorável – na forma de um substitutivo – da senadora Mara Gabrilli (PSD-SP) e segue agora para análise na Comissão de Assuntos Sociais (CAS).

O texto define que o pai, a mãe ou o responsável legal atípico é a pessoa responsável pela criação de filhos ou dependentes com deficiências, síndromes, transtornos, doenças raras, dislexia, entre outros.

Qualidade de vida

De acordo com a proposta, o objetivo do Programa Cuidando de Quem Cuida é melhorar a qualidade de vida desses pais ou responsáveis – nas dimensões emocional, física, cultural, social, familiar e econômica – com serviços psicológicos, terapêuticos e assistenciais, além de estimular a ampliação de políticas públicas adequadas na rede de atenção primária de saúde.

O projeto também prevê ações voltadas ao bem-estar e ao autocuidado dos beneficiários e familiares, além de ações complementares de suporte para o filho ou dependente (quando o responsável legal precisar realizar exa-



Mara Gabrilli destacou, em seu relatório, que a rotina das mães e pais atípicos é exaustiva

mes ou consultas).

Entre as diretrizes que orientam o programa estão o fortalecimento da rede de apoio de pais e mães atípicos; a realização de debates, encontros e rodas de conversa sobre paternidade e maternidade atípicas; e o incentivo à informação e à sensibilização da sociedade sobre o tema.

Segundo o texto, as estratégias a serem utilizadas pelo programa deverão buscar a atenção integral para mães atípicas nas áreas de Saúde, Educação, trabalho, Assistência Social, acesso à renda e habitação. Poderão ser criados centros especializados, serviços em domicílio e serviços de acolhimento, além de estudos sociodemográficos para identificação de necessidades e obstáculos desse segmento populacional.

Quando apresentou o projeto, Romário informou (no trecho em que apresenta a

justificativa para a proposta) que a Câmara Legislativa do Distrito Federal aprovou lei similar recentemente, e argumentou que o Congresso Nacional precisa avançar nesse tema, oferecendo uma lei federal que ofereça esse apoio.

Dedicação constante

Em seu parecer sobre a matéria, Mara Gabrilli destacou que a rotina de pais, mães ou responsáveis por pessoas com deficiências ou doenças raras é exaustiva, pois costuma incluir tratamentos complexos e multidisciplinares que demandam tempo, atenção e dedicação constantes.

De acordo com ela, estudos apontam que o nível de estresse vivenciado por mães de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é comparável ao estresse crônico observado em soldados em combate.

“Esse é um projeto que diz respeito a todo cidadão brasileiro. Todo dia tem alguém que precisa ser cuidado. E um dia esse alguém pode ser a gente”, disse a senadora ao comemorar a aprovação da matéria na CDH.

Inicialmente, o projeto apresentado por Romário destinava-se apenas às mães atípicas. Porém, o substitutivo apresentado por Mara ampliou a abrangência do programa, incluindo também pais atípicos e responsáveis legais atípicos, “com o objetivo de superar a ideia de que o cuidado é uma atividade exclusivamente feminina”.

Além disso, Mara acrescentou no programa o apoio pós-parto, que deve incluir acolhimento, inclusão, esclarecimentos e orientações necessárias sobre a condição da criança e suas especificidades imediatamente após o nascimento.

ALUNOS COM TEA

PL prevê mais remuneração a profissionais

Uma proposta que está sob análise no Senado Federal sugere a ampliação do uso dos recursos do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb) para permitir a remuneração de profissionais que atendam estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e com doenças raras. A iniciativa, de autoria do senador Carlos Viana (Podemos-MG), visa fortalecer a inclusão educacional ao garantir suporte especializado aos alunos que demandam acompanhamento individualizado. O projeto está na Comissão de Assuntos Econômicos (CAE), no qual a relatora é a senadora Leila Barros (PDT-DF).

O PL nº 1.392/2025 altera a Lei nº 14.113/2020 para autorizar o pagamento, com recursos do Fundeb, de profissionais com formação superior que integrem equipes multiprofissionais atuantes na educação básica, que atendam educandos com os diagnósticos.

De acordo com o autor do projeto, o objetivo é garan-

tir que todos os estudantes tenham acesso às condições necessárias para aprender e permanecer na escola, conforme determina a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996). Viana destaca ainda que a atuação dessas equipes está diretamente relacionada ao processo de ensino e, portanto, deve ser contemplada no financiamento da educação básica.

“As equipes são muito importantes tanto na fase do diagnóstico quanto no acompanhamento, com terapias e outras intervenções, e contam

com profissionais de diversas áreas do conhecimento, como fonoaudiologia, pediatria, fisioterapia, psicologia, terapia ocupacional e neurologia, dentre outros”, explicou o senador.

O texto do projeto também se fundamenta na Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, que assegura medidas de apoio individualizadas para facilitar o desenvolvimento acadêmico e social dos estudantes com deficiência ou condições específicas.

“Nesse processo, ganham

os estudantes e suas famílias, mas também a comunidade, que poderá contar com equipes multiprofissionais robustas, dedicadas ao trabalho com os estudantes com TEA e doenças raras, garantindo sua inclusão no ensino, em benefício de todos”, ressalta Viana.

Depois de ser analisado na CAE, o projeto deve seguir para a Comissão de Educação (CE), que pode votá-lo em decisão terminativa. Ou seja, se aprovado na comissão sem recurso para análise em Plenário, seguirá diretamente para a Câmara dos Deputados.



Recurso é voltado a profissionais com formação superior

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Zé da Luz resgata Otto Cavalcanti

Otto Cavalcanti, para quem não sabe, foi um destacado artista plástico, representante das vanguardas das artes na Espanha, com reflexo em toda a Europa. Viveu muitos anos em Barcelona. Desde os anos 60, circulou entre Londres, Paris e Madrid, expondo suas obras na maioria dos museus e instituições do velho continente.

Otto Cavalcanti nasceu em Itabaiana, estado da Paraíba, em 1930. Depois de muitos anos longe de sua terra natal, Otto resolveu visitar Itabaiana no ano de 2009. Comovido com a realidade itabaianense, de pobreza material e cultural, o artista procurou a Prefeitura e pessoas influentes da cidade, com a ideia de instalar uma fundação para divulgar sua obra e fomentar a produção artística dos jovens. Sua esposa ficou pasma ao saber que na cidade não existe nenhum museu, biblioteca ou qualquer equipamento público ligado à disseminação da cultura.

Diante da quase absoluta falta de interesse dos seus conterrâneos por seu acervo, Otto desistiu da fundação. O conceito mais próximo de cultura que se tem por aqui é ligado a esses grupos musicais chamados “forró de plástico”, promotores do emburrecimento da população. Cinema de qualidade, bom teatro, acesso a livros é quase uma piada para a juventude. Imagine uma exposição de quadros de Otto Cavalcanti.

O pintor trouxe da Espanha alguns quadros para expor. A obra de Otto Cavalcanti é um mergulho no vasto universo pessoal do artista, um mundo que reflete as personagens e vivências brasileiras, ecos de sua infância na próspera Itabaiana dos anos 50. Suas telas apresentam um estilo fantástico e irreal. Pois as ditas autoridades na época não deram a mínima bola para as aquarelas de Otto. A obra exposta ficou às moscas. Desiludido pela falta de reconhecimento em sua terra natal, Otto voltou para a Espanha, onde é chamado de “El gran maestro brasileño”. O artista faleceu em 2019, aos 89 anos de idade.

Em Pernambuco, o deputado José Marcos fez um apelo ao Ministério da Cultura, por intermédio da Mesa da Assembleia Legislativa, no sentido de estudar uma fórmula “para manter contato com o premiado pintor paraibano Otto Cavalcanti, visando à possibilidade de uma exposição dos quadros daquele artista nordestino nas principais capitais do Brasil, especialmente em João Pessoa (PB)”. Enquanto muitos querem ver a exposição de Otto, ele “veio para os seus que não o reconheceram”, parodiando a frase sobre o judeu que foi esconçado por seus patrícios.

O deputado pernambucano justificou sua propositura afirmando que “é comum valorizarmos o que é importado, deixando, muitas vezes, ao esquecimento e em segundo plano as pratas da casa”. Essa prata, hoje com cabelos prateados e beirando os oitenta anos, recebe elogios dos maiores críticos de arte do mundo, incluindo Josep Maresma, da Asociación Internacional de Críticos de Arte. Em Itabaiana, passou por lunático, com ideias absurdas de promover cultura, sem estar ligado ao partido A ou B, sem dinheiro e sem ligação com as panelinhas políticas. Como curadora das cerca de 20 telas do artista, a entidade já realizou exposições na Galeria Archidy Picado, no Espaço Cultural em João Pessoa, Fundação Casa de José Américo, Centro Cultural Ariano Suassuna e sede da Prefeitura Municipal de Itabaiana. As telas mostram técnicas que variam entre óleo sobre tela, óleo sobre madeira, acrílico sobre madeira, desenhos e aquarelas sobre papel.

No começo deste ano, a Sociedade Cultural Poeta Zé da Luz, uma entidade do terceiro setor fundada em 1977, procurou a nova administração da cidade para refazer o contrato de comodato do acervo de Otto Cavalcanti e discutir a possibilidade de resguardar e colocar em exibição seus quadros, em ambiente adequado. Tivemos boa receptividade por parte do Secretário de Cultura, Fábio Rodrigues, no sentido de oferecer apoio institucional, em reconhecimento ao seu valor artístico.

No meu livro “Haicai sem samurai”, dediquei alguns micropoemas ao mestre Otto:

“Otto Cavalcanti nunca falha
com seu pincel feito navalha”

Anarco poeta
Otto te ilustra
e descompleta

Otto sobre tela
vida sub tinta
belo sob tutela

Hispano brasileiro
pictoricamente
um estrangeiro

Pintor colorista
estrangula a vida
dúbio chargista

Cavaleiro da arte
fez da essência
mote e estandarte

■ Iniciativa visa fortalecer a inclusão educacional ao garantir suporte especializado a alunos com diagnóstico



No Brasil, estima-se que 11 milhões de mulheres criam os filhos sozinhas e, para algumas dessas, a rede de apoio é formada, justamente, por outras mulheres que vivenciam situação semelhante

Foto: Raphael Alves/Amazonia Real

MATERNIDADE SOLO

Criação dos filhos enfrenta barreiras

Conquista de direitos básicos requer superação de adversidades que, muitas vezes, levam ao sofrimento e à exaustão

Camila Boehm
Agência Brasil

Diante do abandono do genitor e dos obstáculos para a garantia de direitos, muitas mulheres são submetidas às adversidades de cuidar e sustentar suas famílias sozinhas. Para algumas des-

sas mães, a rede de apoio é formada, justamente, por outras mulheres em situação semelhante.

No Brasil, 11 milhões de mulheres criam sozinhas os filhos, apontou pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FGV), referente a 2022.

É o caso de Cibele (nome

fictício a pedido da entrevistada), de 26 anos, que tem um filho de cinco anos, cujo genitor não compartilha cuidados nem os custos básicos da criança. Ela precisa estar presente para garantir saúde, desenvolvimento integral, educação, bem-estar e afeto ao filho, enquanto en-

frenta uma jornada de trabalho que a deixa fora de casa 12 horas por dia.

“Acredito que os melhores momentos que eu tenho é quando chega o fim de semana e, como eu consigo me organizar melhor, saio com ele para passear. É um dos momentos em que a gente

consegue se distanciar um pouco da nossa rotina da semana, que é muita correria”, relatou Cibele.

“Por mais que seja um pouco estressante [no dia a dia], sempre tento não incluir ele nesse estresse que eu carrego sozinha”, acrescentou.

Entre as garantias que ela

proporciona ao filho, também sozinha, está o tempo de lazer, ainda que a rotina seja apertada, especialmente, de segunda a sexta-feira.

“O que me deixa satisfeita é saber que através da minha organização eu consigo manter esse momento de lazer com ele”, destacou.

Mães encaram o preconceito e a dificuldade no acesso à justiça

O processo na Justiça por pensão alimentícia e guarda unilateral, por meio da Defensoria Pública do Estado de São Paulo, arrasta-se há três anos — o que representa mais da metade do tempo de vida do seu filho. Ainda que, após uma decisão judicial, o pagamento seja retroativo, na prática, as necessidades da criança não esperam o tempo do sistema judiciário.

“O que falta nas políticas públicas é o reconhecimento. Essas mulheres sustentam sozinhas seus lares, educam, trabalham, e ainda enfrentam preconceitos e violências. É preciso olhar para elas com respeito, garantindo proteção social, dignidade e oportunidades reais”, disse a advogada Sueli Amoedo, especialista em políticas públicas para mulheres, em entrevista à Agência Brasil.

Segundo ela, as mães solo enfrentam múltiplos desafios para garantir os direitos dos filhos na Justiça e a morosidade dos processos é um dos principais entraves. “Demandas como pensão alimentícia, guarda e regulamentação de visitas levam tempo para serem julgadas, e, quando finalmente há uma decisão, os valores fixados muitas vezes são insuficientes para cobrir sequer os custos básicos da criança”, diz.

Outro ponto crítico é o acesso desigual à Justiça. “Em muitos municípios brasileiros não há Defensoria Pública, e a alternativa, que seria a assistência judiciária municipal, costuma operar em condições precárias”, ressaltou Sueli, que ocupa a posição de Liderança Jurídica Nacional do projeto Justiça, que atua de forma gratuita, no acolhimento e orientação técnica nas áreas do Direito, Psicologia e Assistência Social.

Em várias cidades, segundo a advogada, as mulheres precisam acordar de madrugada para conseguir uma senha de atendimento. Ficam horas em filas, algumas com filhos pequenos no colo, e mesmo assim, ao chegar sua vez, as senhas já se esgotaram. “Isso desestimula e, muitas vezes, impede que elas consigam sequer iniciar uma ação judicial”.

Além disso, a advogada afirma que há uma profunda desinformação sobre os próprios direitos. “Muitas mães solo não sabem como entrar com uma ação de alimentos, que documentos precisam ou quais benefícios têm direito. A ausência de orientação jurídica acolhedora e acessível é mais uma barreira no caminho da justiça”, disse.

Cibele cogitou desistir do processo judicial por falta de perspectiva de um re-

sultado, além do desgaste que a situação gerava e que a levou a um quadro de sofrimento mental. A partir do contato com o Justiceiras, ela descobriu que, no início do processo, o juiz já poderia ter fixado um valor referente a alimentos provisórios, em caráter liminar, até que houvesse a sentença da pensão alimentícia. Ela soube também da possibilidade de uma medida protetiva em episódios de violência.



Foto: Reprodução/Instagram

Demandas como pensão alimentícia, guarda e regulamentação de visitas levam tempo para serem julgadas

Sueli Amoedo

Políticas públicas, no país, ainda são insuficientes para a demanda

Quando precisa de ajuda, em casos como doença, demais imprevistos ou cansaço, Cibele recorre à própria mãe, que também é chefe de família e, ao longo da vida, enfrentou quase sozinha as tarefas e responsabilidades para criar dois filhos. “Ontem mesmo a minha mãe levou ele ao médico. Foi muito em cima da hora, eu não consegui avisar no trabalho”, contou.

“Quando eu preciso resolver qualquer coisa, é a minha mãe sempre que está ali pra me ajudar. De vez em quando, eu peço para o pai, mas sempre acabo não tendo resultado, nem força, nem ajuda, nem nada. Acaba que ele diz ‘não posso, não dá, por que você não avisou antes?’. Sendo que, às vezes, as coisas acontecem assim de imprevisto, e a pessoa não se importa em querer ajudar”, disse.

O percentual de mulheres responsáveis por unidades domiciliares teve aumento expressivo de 2010 a 2022, subindo de 38,7% para 49,1%, segundo o último Censo Demográfico (2022), divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Eram 35,6 milhões de mulheres nessa situação e 36,9 milhões de homens.

O percentual de mulheres nessa condição supera os 50% em 10 estados: Pernambuco (53,9%), Sergipe (53,1%), Maranhão (53%), Amapá (52,9%), Ceará (52,6%), Rio de Janei-

ro (52,3%), Alagoas e Paraíba (51,7%), Bahia (51,0%) e Piauí (50,4%). Muitas dessas mulheres são mães solo.

O censo revelou ainda que, no mesmo período, houve crescimento do número de famílias monoparentais, em que o responsável vive sozinho com filhos ou enteado, que passou de 16,3% para 16,5%. Quase um em cada seis lares brasileiros é chefiado por uma pessoa que vive sozinha com filhos.

Políticas públicas

As políticas públicas para mães solo precisam ser pensadas de forma integrada e com base na escuta real dessas mulheres, conforme avaliação da especialista Sueli Amoedo.

“A primeira necessidade é a oferta de creches e escolas em tempo integral, para que elas possam trabalhar com segurança e tranquilidade”, citou.

O cuidado com a saúde física e mental dessas mães também é questão essencial nesse contexto, com garantia de acesso rápido a consultas, exames, psicoterapia e medicação.

“Na esfera financeira, políticas de transferência de renda específicas para mães solo em situação de vulnerabilidade são urgentes”, lembrou a advogada, além de estimular a empregabilidade.

No campo jurídico, a advogada destaca que é urgente ampliar e qualificar o acesso à justiça. “A ausência da Defensoria Pública em muitos municípios faz com que mulheres dependam de uma assistência judiciária limitada, que, muitas vezes, é burocrática e desumana”, lamentou. O resultado dessa realidade é que as mães acabam desistindo de buscar o que é de direito por esgotamento físico e emocional.



Mulheres lidam com a pressão de serem chefes de família

Foto: Reprodução/FreePress

CARREIRA PÚBLICA

UFPB e CBM-CE abrem 465 vagas

Concursos têm oportunidades para docentes e futuros soldados do Corpo de Bombeiros Militar do Ceará

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Para quem busca uma carreira pública com atuação técnica e propósito social, os editais da semana têm muito a oferecer. A Universidade Federal da Paraíba (UFPB) abriu um novo concurso com 15 vagas para professores com doutorado em áreas estratégicas da formação superior, com salários que chegam a mais de R\$ 14 mil. Já no Ceará, o Corpo de Bombeiros Militar do Estado oferece 450 vagas imediatas, além de cadastro reserva, na função de soldado do Quadro de Praças. As inscrições já estão abertas e seguem até junho.

Magistério

Com 15 vagas distribuídas entre diferentes áreas do conhecimento, o concurso da UFPB é destinado apenas a professores com título de doutorado. A remuneração varia conforme a carga horária: para 20 horas semanais, o salário oferecido é de R\$ 5.367,43; já por uma jornada de 40 horas e dedicação exclusiva à instituição, o valor sobe para R\$ 14.288,85 — ambos com auxílio-alimentação.

De acordo com o edital, há oportunidades para especialistas em Química Inorgânica, Melhoramento Genético Animal, Audiologia, Embriologia, Língua Inglesa, História da África e Política Educacional, entre outras especialidades.

Para se inscrever, o candidato interessado deve comparecer às secretarias dos departamentos correspondentes no período de 21 de maio a 20 de junho e realizar a inscrição pessoalmente. A taxa varia entre R\$ 60 e R\$ 160, con-

forme a carga horária da vaga escolhida. Quanto à avaliação, o processo seletivo será composto por quatro etapas, todas de caráter eliminatório: provas escrita e didática, apresentação de plano de trabalho e exame de títulos. Mas atenção: como cada departamento será responsável pelo seu devido processo, as datas das provas também serão diferentes, variando conforme a especialidade.

Soldado

Já no Ceará, o CBM-CE está com 450 vagas abertas para o

cargo de soldado, dentro do Quadro de Praças dos Bombeiros Militares. Segundo o edital, a seleção contará com prova objetiva, prevista para 24 de agosto; inspeção de saúde; avaliação psicológica e física; além de investigação social. Vale lembrar que todas as etapas terão caráter eliminatório. O conteúdo programático, por sua vez, incluirá questões de Conhecimentos Básicos e Específicos.

Inicialmente, durante o Curso de Formação de Soldados, o aluno-soldado receberá o valor de R\$ 2.935,04 como

remuneração. Após a promoção, o salário passa para R\$ 5.893,30. Para participar, é necessário ter nível médio, idade entre 18 e 29 anos, e altura mínima de 1,62m, para homens, ou 1,57m, no caso de mulheres. As inscrições acontecem até 2 de junho e devem ser realizadas, exclusivamente, pelo site da Comissão Executiva do Vestibular da Universidade Estadual do Ceará (CEV-UECE), com taxa de R\$ 180.

Quanto ao cronograma, a expectativa é que o gabarito oficial, assim como o resul-

tado das provas objetivas, sejam publicados no dia 10 de setembro. As demais datas, no entanto, ainda não foram

divulgadas. Por isso, a dica é acompanhar o site da banca para não perder nenhuma atualização.



Aponte a câmera do seu celular para o QR Code e acesse o edital da UFPB



Aponte a câmera do seu celular para o QR Code e acesse o edital do CBM-CE

Formação em Química abre portas da indústria à sala de aula

Muita gente ainda associa a Química a tubos de ensaio e fórmulas complexas, mas basta ouvir quem vive a profis-

são, para perceber que ela não acontece apenas no laboratório. “A Química está presente em tudo, desde a cozinha

até os avanços tecnológicos”, afirma Higor Henrique Farias, professor e mestrando em Engenharia Química pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

Na sala de aula, ele busca mostrar aos alunos que a ciência não é distante nem impossível de entender. “O que mais me atrai na docência é a oportunidade de transformar a visão que os alunos têm da ciência, ajudando-os a superar a ideia de que é difícil ou distante”, conta. Quando isso acontece, o aprendizado vira descoberta.

Múltiplas possibilidades

Versátil, a formação em Química abre portas não apenas para quem deseja atuar em sala de aula, mas também para profissionais que buscam espaço em setores estratégicos da indústria, como a farmacêutica, a alimentícia, a cosmética e a petroquímica — isso sem falar na área ambiental. “Quem se forma em Química tem um leque diversificado de oportunidades além da docência, já que a formação proporciona uma base sólida em análise, pesquisa e aplicação prática de conhecimentos cien-

tíficos”, explica o mestrando.

Não à toa, também há espaço na pesquisa, em universidades, empresas ou institutos; na consultoria e perícia, com foco em assessoria e análise técnica; no empreendedorismo por meio de startups; e na carreira pública, em agências reguladoras, polícia científica ou institutos de metrologia.

Para o especialista, o que diferencia esse profissional dos demais é a capacidade de adaptar seu conhecimento a diferentes contextos. “Ele precisa aliar rigor científico a habilidades como criatividade, gestão de projetos e trabalho em equipe”, complementa.

Já no papel de professor, o que motiva Higor a planejar suas aulas é a vontade de transformar a visão de mundo de seus alunos e despertar o interesse pela ciência. E aí, não basta ser informativo — é preciso combinar experimentos e recursos multimídia para engajá-los nessa jornada. A interação, aqui, é fundamental, segundo ele. “Acredito que educar vai além de transmitir conhecimento; é inspirar curiosidade e formar cidadãos críticos”, constata.

Para atuar como químico,

é necessário cursar graduação em Química, que pode ser bacharelado ou licenciatura, dependendo do foco profissional. Entretanto, nem tudo se resume a conhecimento técnico. Higor Henrique também considera indispensável desenvolver habilidades como pensamento crítico, criatividade, capacidade de trabalhar em equipe, comunicação clara e inteligência emocional. “São

essenciais tanto para ensinar Química quanto para atuar no mercado”, pontua.

Além disso, ainda entram na lista: a necessidade de atualização constante e a adaptabilidade, já que esse profissional precisa estar sempre em busca de novos conhecimentos e preparado para se adaptar às mudanças tecnológicas e demandas do setor.

Desafios e recompensas

Apesar de o mercado estar aquecido, a profissão de químico ainda enfrenta um desafio quase filosófico: mesmo estando presente no dia a dia, é preciso desmistificar a ideia de que se trata de uma ciência inacessível. E a melhor resposta para isso está na educação, como bem aponta o professor. “É preciso mostrar que a Química pode ser compreendida por todos”, finaliza o mestrando.

Para quem deseja seguir carreira como químico no serviço público, há uma oportunidade bem concreta no concurso da UFPB. Na Paraíba, a vaga ofertada é para a área de Química Inorgânica, com exigência de doutorado e regime de dedicação exclusiva.



O que mais me atrai na docência é a oportunidade de transformar a visão que os alunos têm da ciência, ajudando-os a superar a ideia de que é difícil

Higor Henrique Farias



Foto: Higor Henrique Farias/Arquivo pessoal

Professor Higor Farias cursa mestrado na UFCG

Selic

Fixado em 7 de maio de 2025

14,75%

Salário mínimo

R\$ 1.518

Dólar \$ Comercial

-0,19%
R\$ 5,668

Euro € Comercial

-0,49%
R\$ 6,321

Libra £ Esterlina

-0,46%
R\$ 7,525

Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Março/2025	0,56
Fevereiro/2025	1,31
Janeiro/2025	0,16
Dezembro/2024	0,52
Novembro/2024	0,39



MINHA CASA, MINHA VIDA

Nova faixa do programa beneficia classe média

Governo estima que a mudança deve favorecer até 120 mil famílias em 2025

Samantha Pimentel
samanthahuniao@gmail.com

Conquistar a casa própria é um grande sonho para muita gente. E para ajudar a realizá-lo, condições facilitadas como as que são oferecidas pelo Minha Casa, Minha Vida (MCMV) são decisivas e fazem a diferença na hora do financiamento. Com a chegada da Faixa 4 do programa, destinada a quem ganha até R\$ 12 mil por mês, a classe média também passou a contar com esses benefícios e poderá mais facilmente adquirir o primeiro imóvel. Esse é o caso do cabeleireiro de João Pessoa, Robson Farias Dantas, que nem sabia da nova categoria que começou a operar nesta semana por meio da Caixa Econômica Federal (CEF), mas foi orientado pela construtora e pelos corretores e já conseguiu acessar as vantagens.

Ele conta que financiou um apartamento no Residencial Areia Vermelha, localizado na região de Intermare, em Cabedelo, e que o imóvel ainda está em construção, com previsão de entrega para outubro do ano que vem. “Foi minha primeira vez, nunca tinha tentado financiamento, e não estava sabendo dessa mudança da Caixa. Mas lá na construtora o pessoal me ajudou, o corretor me explicou que tinha essa opção. Eles adiantaram muita coisa para mim, que não conhecia nada e era meu primeiro imóvel”, contou.

Robson ainda disse que teve muitas vantagens na hora do financiamento, o que garantiu que ele encontrasse um imóvel com as parcelas que se encaixassem em seu orçamento. “O banco financiou 80%, e o restante do valor do imóvel que



Apartamentos do Residencial Areia Vermelha estão entre possibilidades de financiamento

eu queria, consegui parcelar de entrada direto com a construtora MRV. As parcelas ficaram por volta de R\$ 2.300 a R\$ 2.500, que era o que eu estava procurando. Dá para eu pagar sem precisar me apertar”, diz o cabeleireiro, que antes de ter o crédito aprovado passou por uma análise da CEF. “Eu fiz a entrevista com o gerente, levei a papelada pedida para comprovação da renda e foi tudo aprovado. Agora já posso ir lá, assinar o contrato da minha casa nova”, comemorou.

Com essa nova faixa, os consumidores que possuem um perfil, como o de Robson, com renda mensal de R\$ 8.600,01 a R\$ 12 mil, podem contar com juros nominais de 10% ao ano e prazo de pagamento de até 420 meses (35 anos). Até 80% do valor de imóveis novos poderão ser financiados. Já para os imóveis usados, o percentual de financiamento cai para 60% nas regiões Sul e Sudeste e mantém-se em 80% para as demais localidades, a exemplo do Nordeste.

Para Alessandro Almeida,

diretor comercial da construtora MRV no Nordeste, a chegada da Faixa 4 do MCMV beneficia uma parcela importante da população. “Havia uma parcela significativa da população que não se encaixava nas faixas que existiam e que ainda enfrentava dificuldades para financiar um imóvel. Agora, podemos atender um público que hoje acaba ficando refém de taxas de juros muito altas no financiamento tradicional”, destaca, comentando que a mudança impulsiona ainda mais as vendas e contribui para a redução do déficit habitacional no Brasil.

A estimativa do Governo Federal é de que a Faixa 4 deve beneficiar até 120 mil famílias, ainda em 2025, e impulsionar o mercado de habitação econômica. Quanto a MRV, ainda segundo Alessandro, cerca de 13% do Valor Geral de Vendas (VGV) do estoque atual da construtora em todo país, já se enquadra nessa nova categoria, ampliando o leque de consumidores que podem acessar condições facilitadas de crédito e potencializando a velocidade das vendas. “A alta da Selic encarece o crédito imobiliário tradicional, mas o MCMV garante taxas entre 4% e 10,5% mais TR – Taxa Referencial –, sem impacto direto na Selic. Nas faixas mais baixas, os juros reais chegam a ser negativos, considerando a inflação atual”, explica. O diretor comercial diz, também, que, em 2024,

cerca de 90% das vendas líquidas da MRV vieram do programa do Governo Federal.

Além disso, Alessandro ressalta que os consumidores da Faixa 1 e 2 do programa saem ganhando mesmo em cenários de inflação mais alta, pois as taxas contratadas podem ser negativas em termos reais. “Com juros a partir de 4% mais TR e inflação girando entre 5% e 5,5% ao ano, o financiamento pode tornar-se ainda mais vantajoso do que pagar aluguel – que, por sinal, teve reajuste médio de 16% em 2023 e de 13,5% em 2024, três vezes acima da inflação”, explica o diretor comercial da MRV no Nordeste.

A CEF pôde começar a operar a nova categoria após o Conselho Monetário Nacional (CMN) regulamentar, no final de abril, as mudanças do programa habitacional oferecido com recursos dos lucros e dos rendimentos do FGTS e dinheiro próprio dos bancos, como depósitos na caderneta de poupança e investimentos em Letras de Crédito Imobiliário (LCI). Além disso, a nova configuração do MCMV permite que clientes das Faixas 1 e 2 adquiram imóveis originalmente enquadrados na Faixa 3. Outra mudança importante é a equiparação do teto de financiamento para cidades com até 100 mil habitantes, agora iguais às de até 300 mil.



Foto: Divulgação/MRV



Foto: Arquivo pessoal

Com juros a partir de 4% mais inflação girando entre 5% e 5,5% ao ano, o financiamento se torna mais vantajoso que pagar aluguel

O banco financiou 80%, e o restante do valor do imóvel que eu queria, consegui parcelar direto com a construtora

Alessandro Almeida

Robson Farias Dantas

V veja o que Mudou

Além de contemplar um novo público, com a criação da Faixa 4, o Minha Casa, Minha Vida também ajustou regras nas demais categorias:

Faixa 1: renda familiar de até R\$ 2.850 por mês, com subsídio de até 95% do valor do imóvel;

Faixa 2: renda familiar de R\$ 2.850,01 a R\$ 4.700 por mês, com subsídio de até R\$ 55 mil e juros reduzidos;

Faixa 3: renda familiar de R\$ 4.700,01 a R\$ 8.600 por mês, sem subsídios, mas com condições de financiamento facilitadas.

Faixa 4: renda familiar de R\$ 8.600,01 a R\$ 12.000 por mês, sem subsídios, mas com condições de financiamento facilitadas.

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaoboscoferraz@gmail.com | Colaborador

Comércio varejista da Paraíba está em festa

Na mais recente Pesquisa Mensal de Comércio (PMC), divulgada pelo IBGE (março 2025), a Paraíba tem se destacado nacionalmente e isso vem sendo noticiado em vários portais nacionais. A PMC acompanha a evolução do comércio varejista e varejista ampliado no Brasil. O relatório traz dados atualizados sobre o volume e a receita nominal de vendas, incorporando as revisões metodológicas recentes da pesquisa.

No cenário nacional, o volume de vendas do comércio varejista, na série com ajuste sazonal, cresceu 0,8%, em março de 2025, em relação a fevereiro, mantendo a trajetória positiva. O comércio varejista ampliado (que inclui veículos, motos, partes e peças, material de construção e atacado de produtos alimentícios, bebidas e fumo) teve uma alta mais expressiva, de 1,9% no mesmo período, revertendo a leve queda de fevereiro.

Na comparação com março de 2024, o volume de vendas do comércio varejista nacional registrou queda de 1,0%. O varejo ampliado também apresentou retração interanual de 1,2%. No acumulado do ano até março, o varejo nacional acumula alta de 1,2%, e o varejo ampliado, de 1,1%. Nos últimos 12 meses, ambos os indicadores nacionais mostram crescimento (3,1% para o varejo e 3,0% para o varejo ampliado).

Em contraste com o resultado nacional de março de 2025, a Paraíba apresentou um desempenho notavelmente positivo.

Na comparação do volume de vendas com o mês imediatamente anterior (fevereiro de 2025), ajustada sazonalmente, a Paraíba registrou um crescimento de 3,0% no comércio varejista. Este foi o maior avanço entre todas as 27 Unidades da Federação, superando a média nacional de 0,8% e os resultados de outros estados com altas significativas como Goiás (2,4%) e Piauí (2,1%).

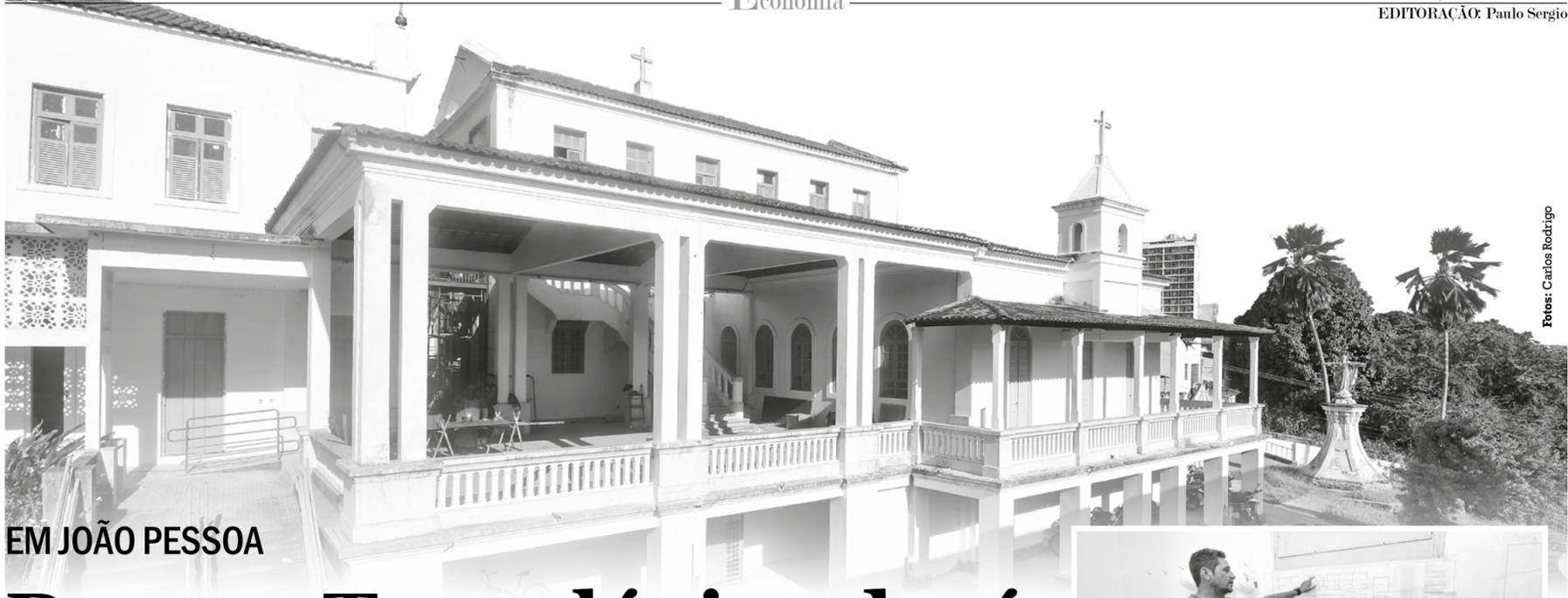
No comércio varejista ampliado, a Paraíba também se destacou na comparação mensal ajustada sazonalmente, com crescimento de 3,7%. Essa taxa a posicionou entre os maiores crescimentos do país, empatada com o Espírito Santo e logo atrás do Paraná (4,7%), e bem acima da média nacional de 1,9%.

Analisando a variação do volume de vendas em relação a março de 2024, enquanto o Brasil registrou queda de 1,0% no varejo, a Paraíba apresentou um crescimento robusto de 3,9%. Este resultado positivo a colocou entre os estados com melhor desempenho interanual no varejo, em um cenário no qual 15 das 27 UFs tiveram resultados negativos.

Para o comércio varejista ampliado, a Paraíba também contrariou a tendência nacional de queda (-1,2%), registrando uma alta de 5,3% na comparação com março de 2024.

Os indicadores acumulados reforçam o bom momento do comércio paraibano. No acumulado do ano até março de 2025, o volume de vendas do varejo na Paraíba cresceu 3,8%, significativamente, acima da média nacional (1,2%). No varejo ampliado, o crescimento acumulado no ano foi de 5,8%, também superando a média do Brasil (1,1%). Nos últimos 12 meses, a Paraíba registra altas de 10,7% no varejo e 10,9% no varejo ampliado, ambos bem superiores aos resultados nacionais (3,1% e 3,0%, respectivamente).

Os dados de março de 2025 da Pesquisa Mensal de Comércio do IBGE indicam que, enquanto o comércio varejista nacional enfrentou uma leve retração na comparação interanual, a Paraíba demonstrou forte dinamismo, registrando o maior crescimento mensal no varejo e altas expressivas em todos os indicadores de volume de vendas analisados, tanto no varejo quanto no varejo ampliado, destacando-se, positivamente, no cenário nacional.



Fotos: Carlos Rodrigo

EM JOÃO PESSOA

Parque Tecnológico dará suporte a 100 startups

Entrega da primeira parte da reforma do espaço está prevista para junho

João Pedro Ramalho
joaopramalho@gmail.com

A ideia de ecossistema de inovação pressupõe, assim como nos sistemas biológicos que inspiraram o conceito, a integração entre empresas, empreendedores e instituições de fomento, em um meio propício para relações de apoio e trocas de conhecimento. Na Paraíba, o projeto do Parque Tecnológico Horizontes de Inovação (PHTI), que vem sendo desenvolvido há três anos e apoia projetos desde o ano passado, está prestes a ganhar o espaço físico que irá impulsionar esse ecossistema na capital do estado. O local escolhido fica no Centro Histórico e trata-se do antigo Colégio Nossa Senhora das Neves, que está em reforma, contando com um investimento de mais de R\$ 20 milhões do Governo do Estado. A entrega da primeira parte do espaço está prevista para a segunda metade de junho.

Cerca de 40 empreendimentos devem utilizar o espaço logo após a inauguração. A meta, porém, é que a estrutura completa dê suporte a cerca de 100 startups. Para isso, o parque contará com uma sala de *coworking*, nove escritórios para startups, salas de reuniões, laboratórios, auditório e uma incubadora.



Foto: Arquivo Pessoal

O *coworking*, o laboratório maker e o estúdio multimídia estarão abertos para as empresas não residentes

Francilene Garcia

Outras instalações previstas serão destinadas para as funções administrativas do PHTI e da Secretaria da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties) — à qual o parque está vinculado — e para unidades de órgãos públicos e empresas parceiras. Também há um setor que abrigará seis empresas âncoras, como são conhecidas as

entidades de médio e grande porte, já consolidadas no mercado e com potencial para atrair projetos iniciantes.

A coordenadora do PHTI, Francilene Garcia, explica que cada perfil de *startup* irá utilizar os equipamentos de uma forma diferente. As empresas mais maduras poderão usufruir de espaços próprios, que variam de tamanho de acordo com a complexidade dos negócios — os de Tecnologia da Informação, por exemplo, serão mais simples do que aqueles que demandam uma estrutura interna de produção. Já os empreendimentos em estágios iniciais de desenvolvimento, entre os quais muitos funcionam em *home office*, terão acesso ao *coworking* para reuniões e atendimentos de investidores. As vantagens, porém, não se encerram aí. “Assim como o *coworking*, o laboratório *maker*, que deve ser viabilizado ainda em 2025, e o estúdio de produção multimídia, que deve ficar pronto no início do próximo ano, estarão abertos [para as empresas não residentes], além de todos os espaços para realização de eventos, mentorias e programas de capacitação”, complementa Francilene.

O tempo de permanência também varia. A partir da inauguração do parque, as startups, em período de incubação, irão utilizar a estru-

tura por seis meses — tendo já passado, nos três meses anteriores, por uma plataforma virtual de aceleração e mentoria. “Para as empresas mais maduras, a ideia é que a gente faça um tempo de acordo com o ciclo de desenvolvimento do produto de cada uma. Então, é muito provável que essa residência dure até um ano, considerando o nível de necessidade da empresa para usar esses ambientes e fortalecer o seu negócio”, aponta a coordenadora.

Importância

Para o titular da Secties, Claudio Furtado, a instalação do parque na capital terá como principal consequência a manutenção dos projetos inovadores em território paraibano, fortalecendo a economia do estado. “O que acontecia, muitas vezes, é que as startups daqui iam para o Porto Digital [em Recife] ou para outros parques tecnológicos de fora. E nós já temos um ecos-



Obras estão readequando o prédio histórico do antigo Colégio Nossa Senhora das Neves



Foto: Arquivo Pessoal

O ingresso da Inovathys no projeto veio como possibilidade de consolidar o negócio no mercado

Celso Padilha

sistema de empresas de base tecnológica em João Pessoa muito forte. Então, o parque aglutina forças para dar, a esse segmento, uma robustez maior e para agregar valor à

inovação”, afirma.

Além do impacto sobre o setor da inovação, o PHTI também irá se unir a outras iniciativas dos governos Estadual e Municipal que visam à reestruturação do Centro Histórico de João Pessoa. Um exemplo é o ICMS Patrimônio Histórico, que isenta empresas interessadas em investir no local do pagamento do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS). A meta é que a região torne-se, futuramente, um espaço de múltiplos negócios e ampla circulação de pessoas. “A escolha de reformar o antigo Colégio Nossa Senhora das Neves foi importante porque é uma maneira de revitalizar o Centro, levando empresas de tecnologia, algo que é feito em vários locais no mundo. O parque cria, assim, um ambiente atrativo para outros negócios e serviços, como restaurantes e hotéis”, projeta Claudio.

Sebrae, Fapesq, Cagepa, Embrapii e Apex são atores desse ecossistema

As empresas iniciantes podem ser as principais habitantes de um ecossistema de inovação, mas, para que se alimentem do material existente no local, é necessário conviver com outros atores. Por isso, o PHTI irá abrigar instituições com experiência em incentivo à inovação e ao empreendedorismo, como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), a Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq) e a Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex). Entre as empresas âncora, há a expectativa de que a Companhia de Água e Esgoto da Paraíba (Cagepa) seja uma das primeiras a instalar uma unidade no parque.

Outras instituições que integram o projeto do PHTI

são as universidades públicas. A parceria funciona por meio das unidades da Empresa Brasileira de Pesquisa e Inovação Industrial (Embrapii), um programa do Governo Federal que incentiva a competitividade na indústria a partir da transferência de tecnologia dos ambientes acadêmicos. O secretário Claudio Furtado conta, ainda, que a Secties tem buscado parceria com agências de financiamento. “A tendência é que, no futuro, a gente tenha a presença de bancos de investimento, porque é muito comum, em outros parques tecnológicos, a existência de agências que investem capital em inovação. E já temos feito algumas conversas, por exemplo, com organizações que apoiam a venda de jogos eletrônicos e com bancos estatais, principalmente o Banco do Nor-

deste”, revela.

Segundo Francilene, a aplicação do conhecimento detido por todos esses agentes tem feito o programa ser bem sucedido até aqui, com a conclusão do espaço físico consistindo na etapa derradeira para a consolidação do ambiente de inovação. “O que a gente está fazendo, até então, é olhar, com muito cuidado, os negócios promissores, complementar a formação desses gestores, apresentá-los a pesquisadores sênior, que tenham soluções para gargalos nos projetos, trazerem mentorias na área de mercado, introduzirem esses gestores a potenciais investidores e, obviamente, fazer com que uma empresa, que demoraria uma década para atingir um ponto de maturidade interessante, consiga isso em menos tempo”, explica.

Projetos selecionados pelo PHTI tratam de gestão de energia e saúde

Os 50 projetos atualmente apoiados pelo PHTI foram escolhidos, no ano passado, tanto por um edital próprio do programa como por duas chamadas feitas em parceria com a Fapesq. A coordenadora do parque ressalta que, para integrar esse ecossistema, é preciso atender a determinados critérios, como a projeção de que a inovação tem mercado e a demonstração de capacidade para desenvolver uma solução para o desafio tecnológico. No primeiro caso, são utilizados como balizadores a política industrial brasileira, que valoriza temas como economia criativa e transformação digital, e os planos estaduais de desenvolvimento. Nesse sentido, entre as startups selecionadas,

destacam-se aquelas que apresentam ideias para gestão de energia, produção de etanol e de bioprodutos, descarbonização, saúde do idoso e longevidade.

Uma dessas iniciativas é a Inovathys, startup de João Pessoa voltada à otimização do uso da energia elétrica, reduzindo o consumo, os custos e a produção de gás carbônico. O projeto nasceu em 2018, durante o mestrado de seu CEO, Celso Padilha, e baseia-se em um modelo de dispositivo que controla o funcionamento de aparelhos eletrônicos, como ar-condicionado, freezer e geladeira, via Internet das Coisas. Suas primeiras versões foram aplicadas em uma escola e na Prefeitura da capital, com re-

duções, respectivamente, de até 30% e 40% nas contas de energia dessas instituições.

O ingresso da Inovathys, no edital do PHTI, veio como uma possibilidade de consolidar o negócio no mercado. “Por ser um projeto muito técnico, eu estava focado na parte de desenvolvimento do modelo, e uma das coisas que o parque tecnológico está me ajudando é a realizar o maior número de vendas. E funciona até como um certificado de confiança, porque, às vezes, as pessoas falam: ‘Poxa, é um negócio muito novo e eu não sei se isso vai resolver o meu problema’. Mas, a partir do momento que eu chego com o pessoal do parque, os clientes passam a acreditar mais”, comenta Celso.

ATRÁS DAS PAREDES

Paraíba faz de museus, espaços vivos

Educação, inovação: cada instituição museológica nasce de uma pesquisa tecnológica e de articulações institucionais

Você sabia que, antes mesmo de um museu ser construído, a ciência já está em ação? Na Paraíba, cada nova instituição museológica nasce de um minucioso trabalho de pesquisa, tecnologia e articulações institucionais. Nesse 18 de maio, celebramos o Dia Internacional dos Museus, uma ferramenta importante e estratégica para aproximar a população da ciência e da pesquisa.

Por trás das paredes e vitrines estáticas, existe um universo dinâmico de pesquisa e planejamento. E, na Paraíba, o Governo do Estado, por meio da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties), vem consolidando esse processo como política pública, transformando museus em instrumentos de letramento científico e turismo estratégico.

O tema proposto pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM) para o Dia Internacional dos Museus deste ano é: "Museus, educação e pesquisa em uma comunidade de rápida transformação". E é isso que a Secties tem buscado promover. Segundo o secretário Claudio Furtado, a imagem tradicional do museu como espaço estático precisa ser atualizada: "Do ponto de vista da ciência, um museu só é interessante se provocar

o retorno do visitante. É preciso dinamismo, formação de pessoal, pesquisa ativa e acordos estratégicos".

Ele destaca que, antes mesmo da inauguração de um

museu, existe toda uma engrenagem de planejamento, envolvendo especialistas em museologia, arqueologia, paleontologia, astronomia e educação. "É um trabalho

invisível, mas essencial. São profissionais que analisam acervos, estabelecem parcerias internacionais, formam pesquisadores, catalogam artefatos e constroem narrati-

vas fundamentadas cientificamente".

O Complexo Científico do Sertão é um dos instrumentos utilizados pela Secties para realizar esse trabalho. Com museus de Paleontologia, em Sousa; Arqueologia, em Cajazeiras; Astronomia, em Carapateira; e o radiotelescópio Bingo, em Aguiar, Sertão, o projeto cobre um recorte histórico e territorial da Paraíba.

"A ideia é contar a história do território, dos dinossauros até os povos originários. Os museus precisam estar em consonância com as demandas da sociedade paraibana. Temos pesquisas de ponta, mas elas não chegam à população. Os museus cumprem esse papel de visibilizar o conhecimento", afirma Maira Dias, museóloga responsável pelos projetos museológicos do Complexo Científico do Sertão.

Essa mesma estrutura está presente em outros projetos: o Museu do Horizonte, que será criado no Parque Tecnológico Horizontes de Inovação, no Centro Histórico de

João Pessoa, que vai reunir temas como mudanças climáticas, ciência e futuro. A Paraíba também mantém acordos internacionais com museus como o MUSE, na Itália, além de parcerias com instituições como Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Fundação Casa de José Américo.

“

Do ponto de vista da ciência, um museu só é interessante se provocar o retorno do visitante

Claudio Furtado



Área acima é parte da base onde será erguido o radiotelescópio Bingo, no município de Aguiar, Sertão da Paraíba, em parceria com o Governo do Estado

Fotos: Divulgação/Ascom Secties



À esquerda, um tronco fossilizado de árvore do gênero *Aralucarioxylon*, encontrado na Bacia de Sousa; acima, as instalações do Complexo Científico, utilizadas pela Secretaria da Ciência e Tecnologia

Secties foca na diversidade de saberes como um ativo do estado

A Secties tem estruturado políticas que conectam ciência, educação e cultura, reconhecendo a diversidade de saberes como um dos maiores ativos do estado. A ampliação e o fortalecimento da infraestrutura museológica, aliada ao estímulo à pesquisa e à popularização científica, têm sido caminhos estratégicos para promover um desenvolvimento mais justo e sustentável.

Para o secretário Claudio Furtado, o papel dos museus vai muito além da preservação da memória. Eles se tornaram ferramentas estratégicas da educação científica, principalmente em um estado que

aposta na interiorização do conhecimento como forma de inclusão. Segundo ele, a atuação da Secties tem buscado consolidar esses espaços como polos de transformação social e democratização do acesso à ciência.

"A ciência precisa estar onde as pessoas vivem. Isso significa investir em espaços acessíveis, conectados à realidade de cada território. Quando levamos centros científicos e museus ao Sertão, por exemplo, não estamos apenas promovendo educação, estamos gerando pertencimento, oportunidades e visibilidade para saberes muitas vezes invisibilizados", disse

o secretário da Secties.

Ele também destaca que a agenda dos museus está diretamente ligada aos desafios contemporâneos e às metas globais de desenvolvimento sustentável. Para Claudio Furtado, museus que dialogam com as questões do presente tornam-se ainda mais relevantes no projeto de futuro que a Paraíba vem construindo. "Os museus têm um papel fundamental na promoção da educação de qualidade, na valorização das culturas locais e na redução das desigualdades regionais. Eles integram a política pública de ciência e tecnologia como agentes ativos do

desenvolvimento. É por isso que apoiamos esses espaços: porque acreditamos que não há inovação sem inclusão".

Os museus são instituições

■ **O papel dos museus vai muito além da preservação da memória. Eles se tornaram ferramentas estratégicas da educação científica**

de memória. Para Maira Dias, "eles organizam nossos processos identitários, inclusive os científicos. Guardam a história da ciência em processo, mostrando que ela não é algo estático, mas em constante desenvolvimento. A gente não consegue olhar para o futuro sem entender o passado. E o museu proporciona essa vivência. Ele não é apenas uma vitrine, é um espaço de experiências marcantes".

A especialista ressaltou que, além da ciência e da memória, os museus têm o papel de refletir as escolhas políticas e sociais do presente. "O museu que precisamos hoje é aquele que dialoga com as mudanças climáti-

cas, com o combate à xenofobia, à desigualdade e ao negacionismo. A juventude precisa se apropriar desses espaços, entender por que essas histórias estão sendo contadas e que outras histórias podem ser incluídas".

Na Paraíba, o museu do futuro está sendo construído hoje, com pesquisa, escuta das comunidades, memória e tecnologia. "É preciso ocupar esse lugar de contar a história da Paraíba de forma plural e acessível. Os museus ajudam as pessoas a se reconhecerem, a valorizarem sua terra e a conhecerem a ciência produzida aqui", concluiu Maira Dias.

AGRICULTURA

Nível de umidade deve ser controlado

Tanto o excesso quanto a falta de água no solo podem afetar o desenvolvimento das plantas e os resultados da produção

Anderson Lima
Especial para A União

O controle da umidade do solo é essencial para o sucesso da produção agrícola. Tanto o excesso quanto a falta de água podem comprometer o desenvolvimento das plantas. A irrigação, realizada de forma artificial, e as chuvas, de maneira natural, são as principais formas de manter o solo úmido. Garantir níveis adequados de umidade é fundamental para o funcionamento dos processos fisiológicos das plantas e para a obtenção de uma colheita saudável e produtiva.

O produtor de abacaxi, Thomaz Ferraz, realiza o plantio duas vezes por ano, entre o verão e o inverno, no município de Curral de Cima, a 81 km de João Pessoa. Ele explica que, durante a estação mais quente, aproveita as chuvas típicas do período para manter a umidade do solo e iniciar o cultivo. Já nos meses de inverno, quando ocorre o crescimento do abacaxi, recorre à irrigação por aspersão, método que simula a chuva e garante o desenvolvimento adequado da plantação.

De acordo com o engenheiro-agrônomo, assessor técnico da Federação da Agricultura e Pecuária da Paraíba (Faepa), Izaías Romário Soares do Nascimento, as técnicas mais eficazes de irrigação são as de gotejamento e microaspersão (água em gotas finas).



Thomaz Ferraz é produtor rural e cultiva abacaxi em Curral de Cima. Na sua plantação, ele usa técnicas de irrigação e, também, aproveita as chuvas



Fotos: Thomas Ferraz/Arquivo pessoal

■ **Técnicas de adubação e manejo do solo também contribuem para manter a umidade adequada da área cultivada**

jamento e microaspersão (água em gotas finas).

Manejo

Técnicas de adubação e manejo do solo também contribuem para manter a umidade necessária, como destaca Izaías Soares. Entre as práticas recomendadas estão o plantio direto em curvas de nível, que acompanha o relevo

do terreno; o terraceamento; a adubação verde; o uso de plantas de cobertura; e a cobertura morta — método que protege o solo com materiais como palha, serragem, cascalho ou pedras.

Thomas Ferraz, por exemplo, relata que faz o uso de sulcos de plantio no sentido oposto ao relevo do seu terreno, para reter

mais água. “Também fazemos o uso de ácido húmico no período inicial do plantio, para o estabelecimento da cultura”, comenta.

Tecnologias

O engenheiro da Faepa ressalta que há várias tecnologias disponíveis para controlar a umidade do solo, desde sensores individuais até a criação de es-

tações meteorológicas integradas com sensores de solo que medem a umidade. Os mais acessíveis, e com um bom custo-benefício, são os tensiômetros analógicos, que ajudam a medir a tensão da água no solo. Entretanto, Izaías frisa que esse ainda exige um certo nível de conhecimento dos produtores para o uso.

Segredo para a eficiência da irrigação está no projeto técnico

O especialista em agronomia, Izaías Romário Soares do Nascimento, explica que um dos principais problemas relacionados à irrigação é a ausência de um bom projeto técnico, o que compromete a eficiência do sistema. “Quando não há planejamento adequado, é comum que o sistema instalado não tenha capacidade hidráulica suficiente para suprir a demanda de água nos períodos mais quentes do ano, quando as plantas precisam de mais irrigação”.

Em outros casos, segundo ele, o sistema é superdimensionado e acaba aplicando mais água do que o necessário. No entanto, o maior desafio está no manejo da irrigação, ou seja, em determinar o momento ideal para irrigar e a quantidade certa de água a ser aplicada. Essa decisão deve considerar fatores como as condições atmosféricas, a necessidade hídrica do plantio e a capacidade do solo de armazenar água. “Muitos irrigantes erram nesse ponto e acabam aplicando água em excesso ou em quantidade insuficiente, prejudicando o controle da umidade do solo e, conseqüentemente, o desenvolvimento das plantas”, destaca.

Existem diferentes métodos de irrigação, como o gotejamento, a aspersão e os sulcos, e cada um deles tem

impacto distinto no controle da umidade do solo. Izaías pontua que o sistema de irrigação por gotejamento, é geralmente o mais eficiente, pois aplica a água diretamente na raiz da planta, reduzindo perdas por evaporação ou infiltração profunda.

Já a irrigação por aspersão, quando bem planejada e manejada, também pode ser eficiente, mas muitas vezes apresenta perdas de água e favorece o escoamento superficial, principalmente quando há excesso de aplicação. Além disso, o sistema de irrigação por sulcos tende a ser o menos eficiente, pois frequentemente utiliza volumes excessivos de água, com perdas significativas por infiltração e evaporação, além de aumentar o risco de umidade excessiva no solo e do surgimento de doenças.

Para Izaías, de forma geral, os sistemas de irrigação localizada, como o gotejamento, são considerados mais adequados por sua maior eficiência no uso da água. No entanto, a escolha do sistema ideal depende de diversos fatores, como o tipo de solo, a disponibilidade de água, a cultura cultivada, as condições climáticas da região e a viabilidade financeira do produtor. “Por isso, é fundamental contar com um profissional qualificado para elaborar o projeto de irrigação,



Foto: Marcelino Ribeiro/Embrapa



Foto: Magnus Deonir/Embrapa

Gotejamento e aspersão causam diferentes impactos no solo

garantindo que ele atenda às necessidades específicas de cada situação”.

Controle e desafios

Assim, para os produtores controlarem a umidade dos seus solos de forma acessí-

vel, Izaías recomenda o Irrigas, equipamento de baixo custo, desenvolvido pela Empresa Brasileira de Pesquisa e Agropecuária (Embrapa), que monitora a umidade do solo de forma fácil e intuitiva, sinalizando a necessidade de

iniciar a irrigação.

Quanto aos desafios relativos ao controle da umidade do solo na Paraíba, o especialista em agronomia relata que a região apresenta distorções do ponto de vista climático e pedológico, mas ainda assim, de modo geral, há uma distribuição irregular de chu-

vas, solos rasos e pedregosos (baixa capacidade de armazenamento de água) e alta taxa evapotranspirativa; além do baixo nível de escolaridade dos produtores, que prejudica a adoção de técnicas mais avançadas, assim como o alto custo para a compra de equipamentos.

Sistemas de drenagem ajudam durante chuvas

Para lidar com períodos de muita ou pouca chuva, Izaías destaca que o agricultor deve, antes de tudo, contar com a análise de um profissional qualificado. Em regiões suscetíveis a alagamentos, por exemplo, durante o período de chuvas intensas, pode ser necessário implantar sistemas de drenagem adequados. Já nos períodos de estiagem, a irrigação torna-se uma alternativa essencial, o que demanda a existência de estruturas de armazenamento de água nas propriedades, especialmente em estados onde não há rios perenes.

Em períodos de estiagem, o produtor Thomas lembra que os custos aumentam com irrigação. Em época de excesso de chuva, o problema que

pode aparecer é o apodrecimento das plantas. “Mas isso só ocorre quando as plantas ainda são novas. Plantas já estabelecidas não apresentam problemas de apodrecimento”.

Diante disso, mesmo durante épocas chuvosas, pode ser necessário irrigar, principalmente quando as chuvas não são suficientes para suprir as necessidades hídricas do plantio. Nesse caso, o especialista lembra que a irrigação complementar é recomendada. “No entanto, para evitar o excesso de água no solo, é fundamental que o agricultor esteja atento à previsão do tempo, conheça bem as exigências da cultura, as perdas por evapotranspiração e a capacidade de retenção de água do solo”.

Jogadores e membros da Comissão Técnica, reunidos no centro do gramado da Maravilha do Contorno, durante as atividades visando o jogo deste domingo

Foto: Divulgação/Botafogo-PB



BRASILEIRO SÉRIE C

Belo em busca da reabilitação

Botafogo-PB enfrenta o Maringá-PR, pela sexta rodada, com o objetivo de retornar à zona de classificação

Danrley Pascoal
danrleyp.c@gmail.com

O Botafogo-PB enfrenta o Maringá-PR, hoje, às 16h30, em duelo da sexta rodada do Campeonato Brasileiro Série C. A partida acontece no Estádio Willie Davids, localizado na cidade paranaense que leva o nome do clube. O Belo, que vem de cinco jogos sem vencer, contabilizando a Copa do Brasil, busca sua segunda vitória na Terceira Divisão. Será a primeira vez na história que os dois times se enfrentam.

A expectativa da equipe alvinegra é de que, nas 14 rodadas restantes da fase classificatória da Série C, sejam somados mais 25 pontos para garantir um

lugar no quadrangular do acesso. Com os cinco já conquistados, o clube terminaria com 30 pontos. Para alcançar esse objetivo, a diretoria do Belo optou pela troca de treinador, saiu Antônio Carlos Zago e chegou Márcio Fernandes, que estreia nesta tarde. O jogo contra o Maringá é visto como o primeiro passo para uma mudança de chave do time paraibano.

Conforme o *site* chance-degol.com.br, com 30 pontos ao final de 19 rodadas, as equipes têm 97% de chances de garantir um lugar na segunda fase da Série C. Em termos de comparação, o Remo-PA, 8º lugar em 2024, somou 26 pontos. O Leão foi um dos clubes que conquistou o acesso no ano passado.

Márcio é a aposta do Botafogo para finalmente alcançar um lugar na Segunda Divisão nacional, após 12 participações consecutivas na Terceira Divisão. Natural de Santos (SP), o treinador conta em seu currículo com dois acessos para Série B, com o Vila Nova-GO (2015 e 2020), sendo campeão nas duas oportunidades. Além disso, tem títulos estaduais por Remo-PA e Londrina-PR.

O treinador busca fazer o atual elenco do Belo jogar um bom futebol, ou que, pelo menos, alcance os resultados necessários para ir ao quadrangular do acesso. Após cinco rodadas da Série C, a equipe acumula apenas cinco pontos, tendo uma vitória, dois empates e duas der-

rotas. O Alvinegro não vence desde 12 de abril, quando ganhou por 3 a 0 do Confiança-SE, pela primeira rodada do torneio nacional. Se contabilizar o resultado da Copa do Brasil, 1 a 0 para o Flamengo-RJ, são cinco partidas sem vencer.

Adversário

O Maringá faz uma grande campanha na atual edição da Terceira Divisão. Apesar da derrota por 3 a 2 para o CSA-AL, na última rodada, a equipe já somou 10 pontos e está dentro do G8. A campanha registra três vitórias, um empate e uma derrota. Em casa, a agremiação venceu as duas partidas que disputou (1 a 0 no São Bernardo-SP, 3 a 2 no Confiança-SE).

Na atual temporada, o Maringá chegou na final do Campeonato Paranaense. No entanto, perdeu para o Operário-PR. Na Copa do Brasil, o time avançou para a terceira fase, em que enfrenta o Atlético-MG. Na primeira partida, os clubes empataram por 2 a 2. O duelo de volta está marcado para quarta-feira (21), às 21h30, na Arena MRV, em Belo Horizonte (MG).

Arbitragem

Carlos Tadeu Ferreira de Castro (CBF-RJ) apita a partida entre paranaenses e paraibanos. Thyse Marques Fonseca (CBF-RJ) e Júlio Cesar Souza Gaudêncio (CBF-RJ) serão os assistentes. O quarto árbitro é Die-

go Ruan Pacondes da Silva (CBF-PR).

Outros jogos

Mais três partidas da Série C acontecem hoje: no Primeiro de Maio, no ABC Paulista, às 16h30, jogam São Bernardo-SP e Caxias-RS; na Arena de Pernambuco, em São Lourenço da Mata (PE), às 19h, enfrentam-se Retrô-PE e Itabaiana-SE; e, no Orlando Scarpelli, em Florianópolis (SC), também às 19h, tem Figueirense-SC e Ituano-SP. A rodada será completada amanhã, com mais dois jogos: no Batistão, em Aracaju (SE), às 19h30, o Confiança-SE recebe o Londrina-PR; e, na Casa de Apostas Arena das Dunas, em Natal (RN), no mesmo horário, o Anápolis-GO visita o ABC-RN.

NO AMIGÃO

Treze-PB tenta embalar na Série D, contra o Ferroviário-CE

Danrley Pascoal
danrleyp.c@gmail.com

O Treze-PB enfrenta o Ferroviário-CE hoje, às 16h, no Amigão. O confronto é válido pela quinta rodada do Grupo A3 do Campeonato Brasileiro Série D. Será o 23º duelo dos clubes, que despontam como grandes candidatos a vaga no mata-mata. A partida marcará a estreia de Marcelo Vilar, no comando do Galo.

“Talvez a nossa chave seja a mais difícil do Brasileiro Série D, mas eu vi o time jogar, eu vi que o time tem qualidade e tem jogadores qualificados. Eu espero trazer novos conceitos para que o time possa crescer. Assim, de mãos dadas com a direção e a torcida, fazendo do Amigão um verdadeiro caldeirão, que a gente possa conseguir o acesso e o título de campeão brasileiro”, ressaltou Vilar.

O confronto entre paraibanos e cearenses tem importância nacional, uma vez que as equipes já duelaram na final da Série D. Em 2018, com Marcelo Vilar no comando, o Tubarão da Barra levou a me-

lhor e sagrou-se campeão. O Galo era treinado por Flávio Araújo.

A história registra 22 jogos entre Treze e Ferroviário. Conforme o *site* ogol.com.br, o confronto tem 10 vitórias dos

cearenses, três empates e nove triunfos do Galo. O último encontro ocorreu em janeiro deste ano, quando o Tubarão da Barra venceu por 2 a 0, em Fortaleza (CE), pela Pré-Copa do Nordeste.

Adversário

A equipe coral vem de derrota na competição nacional. No último fim de semana, foi goleada pelo Sousa-PB, por 4 a 0. Antes, havia vencido o Santa Cruz-RN (3x1) e o Hori-

zonte-CE (1x0), e havia perdido para o Central-PE, por 2 a 1.

Arbitragem

Jonata de Souza Gouveia (CBF-AL) apita o confronto entre Treze e Ferroviário. Os assistentes são Paulo Ricardo Alves Farias (CBF-PB) e Rafael Guedes de Lima (CBF-PB). O quarto árbitro é Douglas Magno de Melo Pereira (CBF-PB).

Ingressos

As entradas para o jogo entre o Treze e Ferroviário têm os seguintes valores: Geral, R\$ 25 (meia) e R\$ 50 (inteira); Visitante, R\$ 40 (meia) e R\$ 80 (inteira); Sombra, R\$ 40 (meia) e R\$ 80 (inteira); e Cadeiras: R\$ 100 (meia); e R\$ 200 (inteira). Pontos de venda e horários: on-line por meio do *site* ingressos.com; da forma física, diretamente na Loja do Treze, hoje, das 8h às 11h.



Foto: Daniel Vieira/Treze-PB

O técnico Marcelo Vilar tem a missão de garantir calendário para o Treze, em 2026, caso conquiste o acesso para a Série C

OITAVAS DA LIBERTADORES

Clubes paulistas já estão garantidos

Além de Palmeiras-SP e São Paulo-SP, outros cinco clubes brasileiros dependem dos resultados da última rodada

Camilla Barbosa
acamilbarbosa@gmail.com

Com a finalização da quinta e penúltima rodada da fase de grupos da Copa Libertadores, o panorama geral da próxima fase já está bem perto de ser completamente definido. Até agora, oito times já garantiram a classificação, incluindo dois representantes brasileiros: Palmeiras-SP e São Paulo-SP. A última rodada da competição continental, programada para acontecer de 27 e 29 deste mês, será decisiva para os demais representantes nacionais (Flamengo-RJ, Botafogo-RJ, Fortaleza-CE, Internacional-RS e Bahia-BA).

Uma vez definidos os 16 classificados às oitavas de final, a Conmebol irá sortear, no dia 14 de junho, os duelos iniciais do mata-mata da Libertadores. Tais jogos, no entanto, só serão realizados em agosto (após a realização do Mundial de Clubes da Fifa).

Palmeiras-SP

Já classificado, o Verdão garantiu, também, com uma rodada de antecedência, a melhor campanha geral da edição atual, alcançando os 15 pontos somados. Os comandados de Abel Ferreira asseguraram, em casa, o placar de 2 a 0, diante do Bolívar (BOL), na última quinta-feira (15).

Agora, o Alviverde busca liquidar os 100% de aproveitamento na etapa de grupos, diante do Sporting Cristal (PER), em jogo agendado para o dia 28 de maio, às 21h30, também no Allianz Parque. A campanha irretocável lhe garante o poder de decidir as partidas de mata-mata em casa.

São Paulo-SP

O Tricolor Paulista garantiu vaga nas oitavas de final também na última quinta-feira (15), ao empatar com o Libertad (PAR), por 1 a 1. Para encerrar a fase de grupos como líder

do Grupo D, o São Paulo só precisa de um empate diante do Talleres (ARG), na terça-feira (27), às 19h, no Morumbis;

Mesmo se perder, o clube só será ultrapassado pelo Libertad se o clube paraguaio ganhar do Alianza Lima (PER) — no mesmo dia e horário, no Estádio Tigo La Huerta —, e tirar quatro gols de saldo de diferença.

Flamengo-RJ

O Rubro-Negro entrou em campo na quinta-feira (15) precisando vencer a LDU (EQU) para dar mais um passo em direção à classificação, e assim o fez. Sob o placar final de 2 a 0, a equipe carioca assegurou o segundo lugar do Grupo C e agora basta vencer o De-

portivo Táchira (VEN), na quarta-feira (28), às 21h30, no Maracanã, e manter a vantagem de um gol de saldo em relação à LDU para seguir vivo na competição continental.

Em caso de empate, o clube da Gávea precisa torcer por uma derrota dos equatorianos contra o Central Córdoba (ARG). Se perder, precisa que o principal rival na briga pelo segundo lugar também seja superado e não acabe com a vantagem de um gol de saldo.

Botafogo-RJ

O Glorioso chega à última rodada na terceira posição do Grupo A precisando vencer o confronto direto com o Universidad de Chile (CHI), na terça-feira (27),

às 21h30, no Estádio Nilton Santos. Um empate também pode ser suficiente, mas neste caso vai ser preciso torcer por uma derrota do Estudiantes (ARG) contra o Carabobo (VEN).

Fortaleza-CE

Na segunda posição do Grupo E, o Leão do Pici depende apenas das próprias forças para se classificar. Se conseguir superar o Racing (ARG) na quinta-feira (29), às 21h30, no Estádio Presidente Perón, os comandados de Juan Pablo Vojvoda asseguram não só a vaga nas oitavas de final, como a liderança do Grupo E.

Em cenário de empate, o Laion avança na segunda posição, desde que o Atlético Bucaramanga (COL) não

vença o Colo-Colo (CHI) por sete gols de vantagem. Se perder, o Fortaleza precisa torcer para que o clube colombiano perca ou empate.

Inter-RS e Bahia-BA

No Grupo F, a última vaga está sendo disputada por dois representantes brasileiros: o Internacional-RS e o Bahia-BA, que enfrentam-se na quarta-feira (28), às 19h, no Beira-Rio.

O Colorado vem de vitória sobre o Nacional (URU) (resultado que classificou o Atlético Nacional (COL)), na última quinta-feira (15), e só precisa de um empate contra o Bahia para garantir a classificação. Já ao Tricolor, apenas a vitória interessa no duelo brasileiro..

Sul-Americana

É válido ressaltar que, após a finalização da fase de grupos da Conmebol Libertadores, os terceiros colocados de cada grupo disputarão os *play-offs* contra os segundos colocados da Copa Sul-Americana, na qual o vencedor de cada confronto garante vaga nas oitavas de final.

Os *play-offs* da Copa Sul-Americana estão programados para julho (os jogos de ida acontecerão nos dias 15, 16 e 17, enquanto os embates da volta ocorrerão nos dias 22, 23 e 24). Os classificados dos *play-offs* se juntam aos oito times líderes da fase de grupos nas oitavas de final, que estão programadas para as semanas dos dias 13 e 20 de agosto.

6ª Rodada

■ GRUPO A

27/05
21h30
Botafogo (BRA) x Universidad (CHI)
Estudiantes (ARG) x Carabobo (VEN)

■ GRUPO B

27/05
21h30
River Plate (ARG) x Universitario (PER)
Independiente del Valle (EQU) x Barcelona (EQU)

■ GRUPO C

28/05
21h30
Flamengo (BRA) x Deportivo Táchira (VEN)
LDU (EQU) x Central Córdoba (ARG)

■ GRUPO D

27/05
19h
São Paulo (BRA) x Talleres (ARG)
Libertad (PAR) x Alianza Lima (PER)

■ GRUPO E

29/05
21h30
Racing (ARG) x Fortaleza (ARG)
Colo-Colo (CHI) x Atlético Bucaramanga (COL)

■ GRUPO F

28/05
19h
Internacional (BRA) x Bahia (BRA)
Nacional (URU) x Atlético Nacional (COL)

■ GRUPO G

28/05
21h30
Palmeiras (BRA) x Sporting Cristal (PER)
Bolívar (BOL) x Cerro Porteño (PAR)

■ GRUPO H

29/05
19h
Peñarol (URU) x Vélez Sarsfield (ARG)
Olimpia (PAR) x San Antonio (BOL)



O Palmeiras-SP se impôs no seu grupo e tem a melhor campanha da Copa Libertadores



O Flamengo-RJ precisa vencer, na última rodada, para confirmar a sua classificação

Classificação da Copa Libertadores

Grupo A	PG	J	V	E	D	GP	GC	SG
1° Universidad de Chile	10	5	3	1	1	8	5	3
2° Estudiantes	9	5	3	0	2	9	5	4
3° Botafogo	9	5	3	0	2	7	5	2
4° Carabobo	1	5	0	1	4	2	11	-9

Grupo B	PG	J	V	E	D	GP	GC	SG
1° River Plate	11	5	3	2	0	12	6	6
2° Universitario	7	5	2	1	2	3	3	0
3° Independiente del Valle	5	5	1	2	2	6	10	-4
4° Barcelona de Guayaquil	4	5	1	1	3	3	5	-2

Grupo C	PG	J	V	E	D	GP	GC	SG
1° Central Córdoba	11	5	3	2	0	7	4	3
2° Flamengo	8	5	2	2	1	5	3	2
3° LDU	8	5	2	2	1	5	4	1
4° Deportivo Táchira	0	5	0	0	5	4	10	-6

Grupo D	PG	J	V	E	D	GP	GC	SG
1° São Paulo	11	5	3	2	0	8	3	5
2° Libertad	8	5	2	2	1	4	3	1
3° Talleres	4	5	1	1	3	4	6	-2
4° Alianza Lima	4	5	1	1	3	5	9	-4

Grupo E	PG	J	V	E	D	GP	GC	SG
1° Racing	10	5	3	1	1	13	3	10
2° Fortaleza	8	5	2	2	1	8	4	4
3° Atlético Bucaramanga	6	5	1	3	1	6	9	-3
4° Colo-Colo	2	5	0	2	3	4	15	-11

Grupo F	PG	J	V	E	D	GP	GC	SG
1° Atlético Nacional	9	5	3	0	2	7	5	2
2° Internacional	8	5	2	2	1	10	7	3
3° Bahia	7	5	2	1	2	4	5	-1
4° Nacional-URU	4	5	1	1	3	6	10	-4

Grupo G	PG	J	V	E	D	GP	GC	SG
1° Palmeiras	15	5	5	0	0	11	4	7
2° Cerro Porteño	7	5	2	1	2	7	7	0
3° Sporting Cristal	4	5	1	1	3	6	10	-4
4° Bolívar	3	5	1	0	4	8	11	-3

Grupo H	PG	J	V	E	D	GP	GC	SG
1° Vélez Sarsfield	10	5	3	1	1	11	4	7
2° Peñarol	10	5	3	1	1	9	4	5
3° San Antonio Bulu Bulu	6	5	2	0	3	5	11	-6
4° Olimpia	2	5	0	2	3	5	11	-6

SELEÇÃO BRASILEIRA

Técnico não é o primeiro estrangeiro

Carlo Ancelotti já trabalhou com mais de 40 jogadores brasileiros que, o ajudaram a construir o seu currículo

Carlo Ancelotti foi contratado para dirigir a Seleção Brasileira, equipe com mais títulos da Copa do Mundo da Fifa que será agora dirigida pelo primeiro técnico a conquistar os títulos nacionais das cinco principais ligas europeias.

Em meio ao ineditismo da contratação, os vínculos de Carletto com o futebol brasileiro, não será exatamente a primeira vez em que um estrangeiro dirige a Seleção Brasileira. Já houve ocasiões em que aconteceu, mas de uma maneira provisória. O português Joreca chegou a comandar a equipe em duas partidas contra o Uruguai em 1944, num arranjo diferente, fazendo parceria com Flávio Costa. Eles venceram os dois jogos.

Já o argentino Filpo Nuñez teve a honra de exercer a função por uma só partida, em 1965, também em uma situação bem peculiar: num jogo comemorativo pela inauguração do estádio Mineirão — uma das sedes da Copa do Mundo da Fifa de 2014 —, seu Palmeiras foi convidado a representar a Seleção em mais um amistoso contra os uruguaios, vencido por 3 a 0.

Assumir oficialmente a equipe em uma preparação para a Copa do Mundo, porém, é inédito.

Interessante notar também que em sua carreira como técnico, Ancelotti trabalhou — e foi campeão — sem-

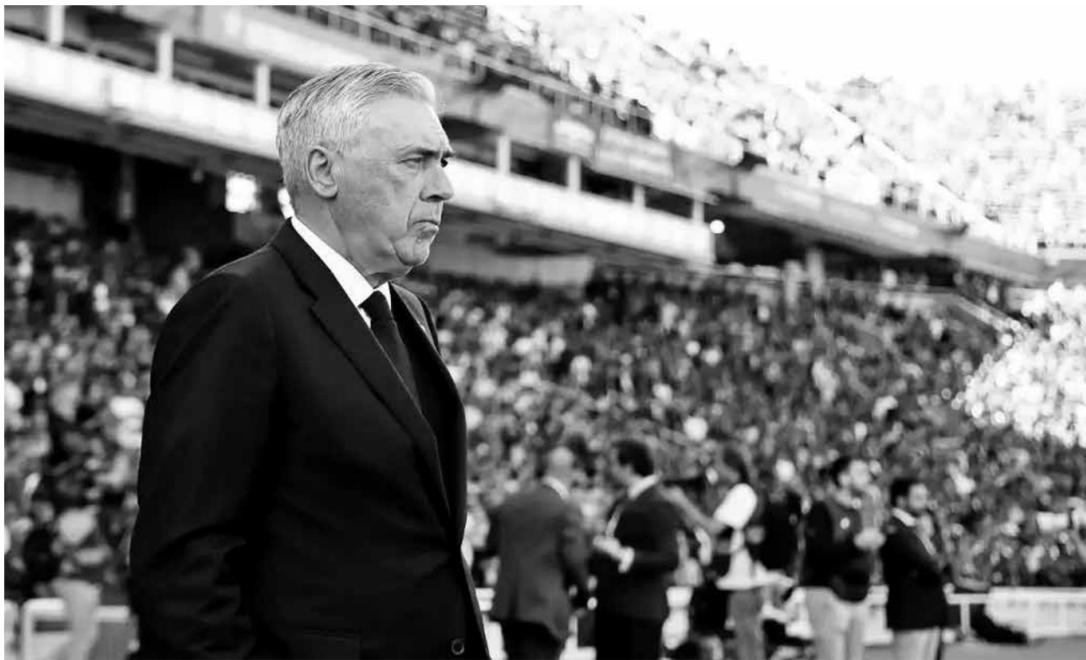


Foto: Divulgação/Fifa

Carlo Ancelotti tem o maior desafio de sua carreira como técnico: comandar a Seleção Brasileira na Copa 2026

pre na Europa, passando por Itália, Espanha, Inglaterra, França e Alemanha, e nunca dirigiu uma seleção nacional.

Apoio da realeza

Um dia depois da dolorosa derrota da Seleção Brasileira para a Croácia nas quartas de final do Catar 2022, o mítico Zico falou à Fifa sobre aquele jogo e o que imaginava do futuro da equipe.

Esponaneamente, ao comentar a evolução de Vinicius Jr. no Real Madrid, o Galinho advogou ela contratação de Carlo Ancelotti. Antes mesmo de o interesse da CBF pelo treinador ser noticiado.

“Vinicius teve poucas oportunidades com o Zidane. Sempre quieto, trabalhador, e quando chegou o Ancelotti, ele explodiu”, disse.

“Aliás, se tivesse que escolher um nome para o lugar de Tite, estrangeiro, para mim ele seria o primeiro nome da lista, tá? O Ancelotti conhece bem e gosta muito do futebol brasileiro.

Ancelotti também tem amizade com outras lendas brasileiras, especialmente Paulo Roberto Falcão, com quem foi campeão italiano pela Roma em 1983. Em 2022, recebeu o antigo companheiro para um intercâmbio em

Madri. Na ocasião, Falcão disse à Fifa: “A gente troca experiências, fala de tática, de tendências do Brasil, tendências europeias”.

Melhores do mundo

Carlo Ancelotti trabalhou com mais de 40 jogadores brasileiros que o ajudaram a construir um dos currículos mais premiados do futebol mundial.

Dois integrantes dessa lista foram justamente os últimos brasileiros eleitos os melhores do mundo enquanto estavam sob sua liderança: Kaká em 2007, e, claro, Vinicius em 2024.

“Ele fez tudo por mim. Sempre me deu confiança, me repreendeu quando precisei, e desenvolvemos um relacionamento muito bom. Ele se preocupa comigo tanto quanto eu me importo com ele. Ele me mudou como jogador, não em campo, mas na forma como penso sobre treinamento e desenvolvimento”, afirmou Vinicius sobre o técnico.

Pois, 17 anos antes de celebrar com Vini, Ancelotti teve experiência semelhante com Kaká. Aquela havia sido sua segunda Champions League conquistada. A primeira foi a de 2023, com o goleiro Dida

como titular e o zagueiro Roque Júnior e o lateral-esquerdo Serginho saindo do banco. O elenco ainda contava com Rivaldo, o meia Leonardo e com o zagueiro Claiton.

O que vem por aí

Desde a saída de Tite, em 2022, três técnicos do mercado nacional brasileiro foram incumbidos de dirigir a Seleção: o interino Ramon Menezes seguido por Fernando Diniz, campeão da Libertadores 2023 pelo Fluminense, e Dorival Júnior, campeão da Libertadores 2022 pelo Flamengo, que deixou o cargo em março.

Em busca de renovação, a equipe iniciou bem sua campanha nas eliminatórias, mas depois perdeu força e teve de lidar com algumas baixas — especialmente a de Neymar.

Sofreu algumas derrotas históricas durante as eliminatórias, mas hoje está na quarta colocação, com 21 pontos, dentro da zona que garante vaga direta. São seis pontos a mais que a Venezuela, que ocupa o sétimo lugar, que vale ao menos uma vaga na repescagem intercontinental para a Copa.

A primeira missão de Ancelotti será assegurar a classificação para a Copa. Com o objetivo cumprido, terá de se familiarizar com um novo contexto após quatro anos em Madri, consolidar uma equipe e preparar o terreno: o Mundial tem data para começar em 11 de junho de 2026.

JHON ARIAS

Maior referência do Fluminense-RJ para disputa do Mundial

Jhon Arias, ponta e meio-campista de 27 anos, é uma das grandes referências do time do Fluminense-RJ para o Mundial de Clubes da Fifa, sobretudo com a lesão do artilheiro Germán Cano, que corre contra o tempo na esperança de se recuperar até o torneio global. Após exames, foi constatada lesão de grau 2 no ligamento colateral medial do joelho do argentino, com o clube adotando tratamento conservador, sem necessidade de intervenção cirúrgica. Mas a torcida tricolor sabe de uma coisa: a equipe conta com “o colombiano mais amado do Brasil”.

Há quem diga até que Arias é o “Pelé colombiano”, embora ele rejeite esse apelido com bom humor: “Não, não, não, está louco? Longe disso! O Pelé — que descanse em paz — foi um dos grandes da história. Está louco. Nunca vai ter alguém igual, nem parecido. Eu, como colombiano, posso falar da grandeza que tem o Pelé, na Colômbia, e no mundo inteiro. É um dos maiores do futebol. Eu tomo isso como brincadeira, mas me chamar de Pelé colombiano é demais”.

No entanto, ele bem que poderia se gabar de seu ritmo de assistências em 2025. Só neste ano, nas 21 partidas que disputou até 11 de maio, ele já distribuiu 10 passes que resultaram em gols de seus companheiros. Por

esses números e seus discretos traços de personalidade, Arias é muito querido pela torcida tricolor e já é o segundo colocado no ranking de assistências do clube no século 21.

Agora, o desafio será incomparável com a disputa de um torneio novo, de dimensões nunca vistas no futebol de clubes. Jhon Arias quer ajudar o Fluminense a alcançar o topo do futebol, começando pelo Grupo F do Mundial de Clubes contra Borussia Dortmund (Alemanha), Mamelodi Sundowns (África do Sul) e Ulsan (Coreia do Sul).

Principais conquistas

Jhon Arias foi peça fundamental de um dos anos mais bonitos da história do Fluminense, 2023, com a conquista da Libertadores. Além do trabalho de “formiguinha” que costuma fazer em campo, com sua versatilidade e disciplina tática, também foi dele a assistência para o gol de Germán Cano na final contra o Boca Juniors — o gol que abriu o placar na vitória por 2 a 1.

Já na Copa do Mundo de Clubes de 2023 (a antiga versão da atual Copa Intercontinental da Fifa), o colombiano marcou de pênalti contra o Al Ahly, do Egito, na semifinal e foi premiado com a Bola de Bronze como terceiro melhor do torneio.



Foto: Divulgação/Fifa

Jhon Arias é o jogador mais importante do Fluminense e a esperança de grande campanha no Mundial de Clubes

Curiosidades

■ Arias chegou ao clube em 2021 e foi contratado justamente porque se destacou com a camisa do Santa Fé (ARG), no jogo de Libertadores contra o Fluminense.

■ Emocionado, Arias já disse que assinar com o Fluminense “foi a melhor escolha que fez em sua vida”. Seu sonho

de garoto era jogar no Maracanã e acabou se tornando ídolo do clube.

■ Atualmente, Arias é o terceiro estrangeiro com mais jogos pelo Fluminense (217 partidas até 11 de maio de 2025), atrás apenas de Dário Conca (272 em duas passagens de 2008 a 2011, e 2014 a

2015) e Russo (251 entre 1933 e 1944).

■ Ele já é o segundo maior assistente do Fluminense no século 21, com 51 passes para gol (até 11 de maio de 2025). Dário Conca lidera o ranking com 71 assistências.

■ A parceria de ataque com Germán Cano tem um

apelido: os dois formam a dupla “Canarias”, uma junção de seus nomes.

■ O jogador também é destaque da Seleção Colombiana, vice-campeã da Copa América 2024 e atual sexta colocada nas eliminatórias para a Copa do Mundo da Fifa 226™.

NONA RODADA

Clássicos movimentam o Brasileirão

Corinthians-SP x Santos-SP, Flamengo-RJ x Botafogo-RJ e Cruzeiro-MG x Atlético-MG são os destaques de hoje

Da Redação

Corinthians-SP e Santos-SP jogam, hoje, às 16h, na Neo Química Arena, em São Paulo (SP), pela nona rodada do Brasileirão. A TV Globo e o Premiere transmitem a partida. Após perder por 2 a 1 para o Mirassol-SP, o Timão busca se reabilitar na competição diante do seu torcedor. O Peixe tenta surpreender o rival para somar os três pontos e ficar mais próximo de deixar o Z4.

Sem contar com Neymar e com sete gols marcados em oito partidas do Campeonato Brasileiro, média inferior a um por partida, durante a semana, o Santos reforçou o trabalho com seus meias e atacantes no CT Rei Pelé. O técnico Cléber Xavier ensaiou jogadas ofensivas em um dos campos visando a partida contra o Corinthians.

Após retornar da Série B do Brasileiro, o time alvinegro precisa dar uma resposta imediata à sua torcida, já que não vence há quatro rodadas e ocupa a 19ª e penúltima posição no Campeonato Brasileiro. Nas duas últimas partidas, derrota para o Grêmio e empate com o Fortaleza, a equipe da Baixada criou pouco e não conseguiu vazar as metas adversárias.

Neymar, Guilherme e João Schmidt se recuperaram de lesões e estão fora de combate. Em transição física após sofrer outra lesão na coxa esquerda, o camisa 10 faz um trabalho interno com os fisioterapeutas e volta ao campo aos poucos. Nos treinamentos, Cléber Xavier fez um trabalho defensivo na atividade da última quinta-

feira (15). O setor é um dos pontos fracos do time.

Do lado do Corinthians, com entorse no tornozelo, Memphis Depay não atuou no jogo contra o Racing, do Uruguai, na última quinta-feira (15), pela Copa Sul-Americana. O jogador faz fisioterapia e não tem o retorno garantido no duelo de hoje. Outro atleta que pode

ser desfalque é o volante Raniele, com um edema no músculo anterior da coxa direita, nem viajou com a delegação para o país vizinho. Outros atletas que ficarão de fora do clássico são Garro e Gustavo Henrique, machucados.

Para atuar com o que tem de melhor no Brasileirão, Dorival escalou apenas Hugo

Souza como titular no torneio continental. Os demais atletas que entraram em campo são considerados reservas. Com o triunfo por 1 a 0 contra os uruguaios, a equipe chegará com chances de classificação na última rodada da Sul-Americana. Agora, o foco é na recuperação na Série A.

O último confronto entre Corinthians e Santos aconte-

ceu em 9 de março de 2025, pelo Campeonato Paulista. Na ocasião, o Timão venceu por 2 a 1, com gols de Rodrigo Garro e Yuri Alberto, no duelo que também aconteceu na Neo Química Arena.

De acordo com o portal meu timão, site segmentado do clube da capital paulista, as equipes disputaram, em toda história, 353 partidas. O duelo atualmente conta com 139 vitórias do Corinthians, 102 empates e 112 vitórias do Santos.

Flamengo-RJ x Botafogo-RJ

Com mais de 100 anos de história, Flamengo-RJ e Botafogo-RJ se enfrentaram 395 vezes, com retrospecto bastante favorável ao Rubro-Negro: 149 vitórias e 120 derrotas. Além disso, os rivais empataram 126 vezes. As equipes duelam hoje, às 18h30, no Maracanã, com transmissão do Premiere. O confronto também é válido pela nona rodada do Brasileirão.

O técnico do Botafogo Renato Paiva cobrou foco de seus atletas para a partida desta noite. Diante da dificuldade do adversário, ele destacou que será preciso fazer um jogo perfeito para vencer.

“O Flamengo é um tremendo elenco. Uma equipe que tem uma forma de jogar qualificada. O treinador [Filipe Luís] é de uma escola com muitos treinadores qualificados. Está fazendo um grande trabalho mesmo com pouco tempo. Quero que minha equipe jogue com o Flamengo como fez nos últimos dois jogos. Olhos nos olhos. São duas equipes do Rio de Janeiro, somos campeões da Série A. Temos que jogar dessa forma”, afirmou Paiva em entrevista coletiva.

O Flamengo chegará mais leve para o duelo de

■ Rodada pode alterar a liderança, já que envolve jogos do Palmeiras-SP, Bragantino-SP e Flamengo-RJ, os três melhores na competição



Foto: Raul Baretta/Santos FC

O Santos-SP, do paraibano Tiquinho, vive um momento muito complicado no Brasileirão, ocupando a penúltima posição na tabela de classificação



Foto: Ylton Silva/Botafogo/RJ

Depois de vencer o Estudiantes (ARG) pela Libertadores, o Botafogo-RJ tem mais um grande desafio, mas pelo Brasileirão

LEGADO

Obra sobre “o homem que fez tudo”

Escritor Francisco de Sales Gaudêncio fala sobre a sua mais nova biografia, com foco no intelectual Afonso Pereira

Marcos Carvalho
 marcoscarvalhojor@gmail.com

O escritor Francisco de Sales Gaudêncio, imortal da Academia Paraibana de Letras (APL), apresenta, para o fim deste mês, a sua mais nova biografia, *Uma vida por escrito: estudo biográfico de Afonso Pereira da Silva*. Depois de narrar a trajetória e o legado de personalidades do mundo político, do direito e da arte, o biógrafo, que também é advogado, historiador e professor, debruçou-se sobre a vida e a obra do paraibano conhecido pela grande contribuição à educação, mas que, na visão de Gaudêncio, é múltiplo: “O homem que fez tudo, que foi tudo ou quase tudo”.

O convite para biografar Afonso Pereira surgiu da filha do intelectual, a professora e ex-reitora do Centro Universitário de João Pessoa (Unipê), Ana Flávia Pereira, que atualmente vive nos EUA. Gaudêncio se surpreendeu com a proposta porque já existiam, ao menos, 14 títulos publicados sobre o professor no arquivo que leva seu nome e foi criado em 1998, com o objetivo de preservar a memória e resgatar o legado do educador. Sales Gaudêncio aceitou o desafio e se propôs a ir além dos vários estudos e relatos já existentes.

“Afonso Pereira está sendo devolvido ao berço natural dele, à Paraíba, ao Jardim Glória, onde tem duas casas que são sede do arquivo, e à sociedade paraibana, que está recebendo Afonso Pereira como um homem múltiplo e que não foi só, como se diz, um homem além do seu tempo: ele é o homem que fez no tempo. Fez muita coisa, se envolveu com muita coisa, foi um idealizador e, sobretudo, um executor”, explica o biógrafo.

O título de múltiplo, dado ao paraibano que nasceu em 1917, em Bonito de Santa Fé, no Alto Sertão paraibano, não é por acaso. Afonso Pereira se

envolveu em várias frentes: na música, no teatro, na astronomia, no jornalismo, na política e na educação, este último para onde convergiam todos os seus esforços.

“Ele teve um projeto de educação para a Paraíba como em nenhum outro tempo, mas ele era um homem tão despojado de qualquer vaidade e tão simples, que você não reconhecia nele a pessoa que foi. Como *homo faber*, era empreendedor, envolvido em várias entidades e instituições culturais, educacionais, socioculturais e acadêmicas, mas era um homem pobre que tomava dinheiro emprestado no banco para que a Orquestra Sinfônica do Recife (OSR) pudesse se apresentar aqui, na Paraíba. Isso a gente pode identificar nas contas que encontramos em seu arquivo”, relata Gaudêncio.

No âmbito da educação, o escritor lembra que Afonso Pereira se preocupava bem mais do que ensinar o bê-á-bá. As iniciativas da Fundação Padre Ibiapina, fundada por ele e que chegou a manter 114 instituições educacionais, tinham como foco os estudos profissionais, promovendo cursos como corte e costura ou datilografia. Foi numa dessas escolas, em Uiraúna (PB), que Gaudêncio conheceu a máquina de escrever, nem sequer imaginando que a iniciativa era parte do projeto daquele de quem, um dia, escreveria a biografia.

A biografia levou quatro anos de produção, envolvendo consultas documentais ao Arquivo Afonso Pereira, que Sales Gaudêncio considera “o grande laboratório da pesquisa”, assim como entrevistas, por meio das quais reuniu memórias, reflexões e conhecimentos dos que conviveram com o educador ou estudaram a sua obra.

Os depoimentos vão desde familiares, como a filha, Ana Flávia Pereira, e a neta, Daniela Pereira, presidente do Arquivo Afonso Pereira, até pesqui-

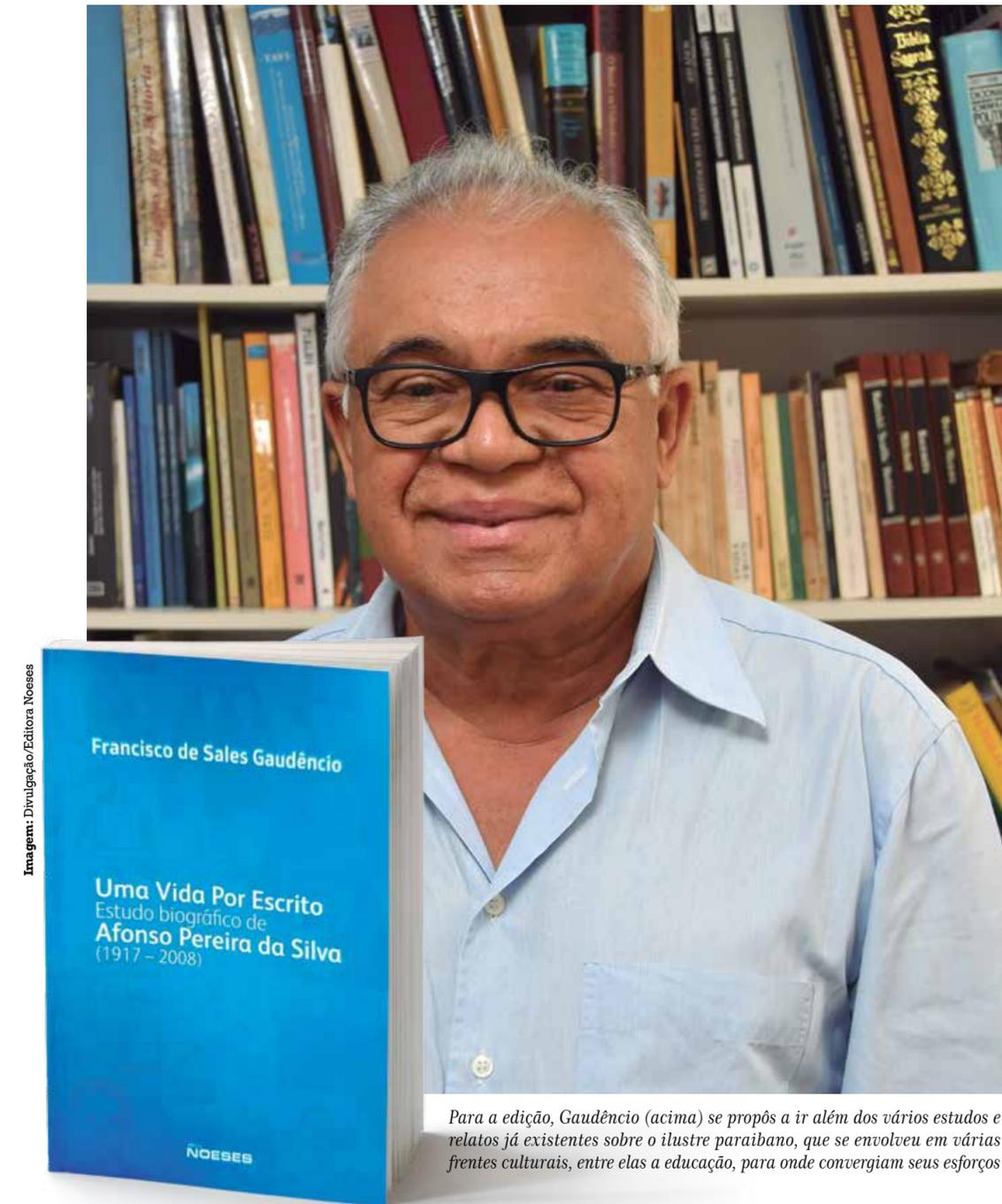


Imagem: Divulgação/Editora Noeses

Foto: Leonardo Arlet

Para a edição, Gaudêncio (acima) se propôs a ir além dos vários estudos e relatos já existentes sobre o ilustre paraibano, que se envolveu em várias frentes culturais, entre elas a educação, para onde convergiam seus esforços

sadores como os professores Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e Marcos Formiga, da Universidade de Brasília (UnB), que destacam o papel de Afonso Pereira para o pensamento e as políticas culturais e educacionais na Paraíba.

“Acho que essa obra vai resgatar quem é Afonso Pereira,

por se tratar de uma biografia modal, que envolve o sujeito e o meio social em que ele vive”, declara Sales Gaudêncio. Ao longo das 350 páginas do livro, é possível conhecer as raízes familiares e os círculos da afetividade de Afonso Pereira, assim como sua contribuição nas múltiplas frentes em que atuou. Registros fotográficos e documentais também integram a

obra, que foi prefaciada por Mário Hélio Gomes, paraibano de Sapé, historiador, antropólogo e editor das revistas *Continente* e *Pernambuco*.

Lançamento oficial

O lançamento de *Uma Vida Por Escrito: Estudo Biográfico de Afonso Pereira da Silva* ocorrerá no próximo dia 30 de maio, a partir das 18h, na Sala José Si-

queira, do Espaço Cultural José Lins do Rego, no bairro Tambauzinho, em João Pessoa.

O mesmo local acolherá, no dia anterior, 29 de maio, às 19h, a Orquestra Sinfônica da Paraíba (OSP), que fará um concerto especial em homenagem a Afonso Pereira. O livro também deverá ser apresentado em Bonito de Santa Fé, a cidade natal do educador.

Afonso Pereira da Silva, uma vida dedicada à educação

Afonso Pereira da Silva nasceu em Bonito de Santa Fé, mas, com o falecimento do pai, a família mudou-se para Cajazeiras, onde fez o ensino primário. Aos 11 anos, partiu para a capital paraibana e deu prosseguimento aos estudos no Seminário São Pedro Gonçalves, onde recebeu uma educação tipicamente europeia. Chegou a vestir o hábito franciscano, mas desistiu da vida religiosa e voltou para o Sertão do estado, onde testemunhou a dura realidade da fome, do desemprego e do analfabetismo, fatos que marcaram sua opção pela carreira de educador.

Compreendendo a educação como uma importante ferramenta para enfrentar os desafios sociais e transformar vidas, idealizou a Fundação Padre Ibiapina. O propósito era suprir a falta de acesso à instrução, especialmente nas áreas rurais e carentes



Acervo do Arquivo Afonso Pereira, em João Pessoa, local que Sales Gaudêncio considera “o grande laboratório da pesquisa”

do estado. Associou-se, posteriormente, à Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (Cnec), do renomado educador paraibano Felipe

Tiago Gomes. Unido a outros visionários, esteve também na fundação dos Institutos Paraibanos de Educação (Ipê), posteriormente conheci-

do como Centro Universitário de João Pessoa (Unipê).

Afonso Pereira articulou educação, cultura e ciência, e, reconhecendo o

caráter pedagógico da arte, estimulou o surgimento do Teatro do Estudante da Paraíba (TEP) e da Orquestra Sinfônica da Paraíba (OSP).

Incentivou a fundação do Observatório Astronômico da Paraíba (OAP) e participou da criação do *Jornal Correio da Paraíba*. Assumiu, ainda, a suplência como deputado estadual da Paraíba por períodos curtos, empenhando-se especialmente com projetos na área da educação.

Em 1966, Afonso Pereira foi eleito membro da Academia Paraibana de Letras (APL), onde chegou a exercer a presidência.

Já o Arquivo Afonso Pereira foi criado em 3 de janeiro de 1998, por iniciativa de Clemilde Torres, em comemoração aos 80 anos do marido. A iniciativa é uma entidade privada que abriga o acervo do seu patrono, revelando aspectos importantes da história da educação, cultura e ciências da Paraíba. Para mais informações, basta acessar a página oficial do projeto (arquivoafonsopereira.com.br).

Fotos: Reprodução/Arquivo Afonso Pereira

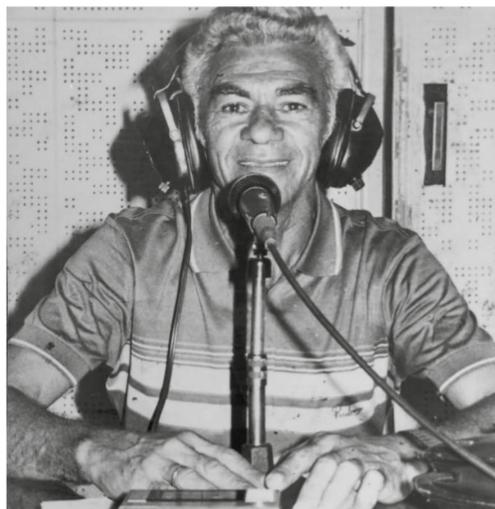
Arte da simplicidade da paixão pelo futebol

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

O futebol esteve nas veias e na voz de Lula Rodrigues, forasteiro que adotou a capital paraibana como a sua morada e nela construiu carreira como repórter de campo, conquistando a torcida dos botafoguenses e a simpatia, até mesmo, de seus adversários pelo jeito alegre e descontraído. A simplicidade e a paixão pela bola, aliada ao conhecimento de quem já esteve em campo, fizeram dele um exímio comunicador. Valendo-se dessas qualidades, que lhe davam acesso livre a dirigentes e jogadores do clube que cobria, Lulinha procurava manter informados os ouvintes, que ansiavam por saber de tudo sobre os jogos. “Tenha calma, tenha calma...”, dizia ele, ao iniciar a sua participação em uma resenha esportiva.

Luis Rodrigues de Souza nasceu em São Gonçalo do Amarante, cidade que atualmente integra a Região Metropolitana de Natal, no Rio Grande do Norte. Como jogador profissional, passou pelos principais clubes da capital potiguar, mas emplacou na cidade de Mossoró, onde atuou nos clubes locais, tornando-se conhecido como Lulinha Cachorrinho. Apesar de não ter chegado a atuar em clubes paraibanos, enfrentou o Treze e o Campinense.

Ainda em Natal, deixou a bola, mas não os campos, tornando-se re-



Na Paraíba, Lulinha, como era conhecido, trabalhou nas rádios Correio e Tabajara

pórter esportivo. Fez parte da equipe de transmissão de uma rádio local, comandada por Aldir Dudman, mas com a dispensa dos profissionais, boa parte transferiu-se para João Pessoa, atuando, inicialmente, na Rádio Correio. Pouco tempo depois, no entanto, Lulinha, seria levado por Geraldo Ca-

valcante para a Rádio Tabajara, onde ficou-se e deixou as suas marcas junto aos ouvintes pela maneira expressiva de se comunicar.

“Ele conhecia bem o futebol porque jogou e tinha uma facilidade muito grande de se aproximar das pessoas e fazer amizade rapidamente. E, como

repórter de rádio, esse era um ponto muito positivo, porque abria uma grande brecha para fazer matérias. Ele era um cara solto e criativo. Em determinados momentos, até humorístico, soltando algumas piadas”, conta Eudes Moacir Toscano, amigo com quem trabalhou na Rádio Tabajara e chegou a viajar junto para transmitir alguns jogos. Eudes destaca ainda qualidades como a inteligência e o profissionalismo do companheiro de profissão.

Lulinha ficou conhecido dos ouvintes pelos seus bordões memoráveis. Como setorista do Botafogo-PB, quando o time ganhava a partida e ele ia entrevistar alguém da equipe adversária — que sempre reclamava de algum lance no jogo ou da arbitragem —, Lula Rodrigues, brincando, costumava dizer: “O choro é livre”. Em outras ocasiões, quando o apresentador o chamava para apresentar o noticiário do Belo e pedia-lhe que contasse tudo e não escondesse nada, Lulinha sempre iniciava a conversa dizendo: “Tenha calma, tenha calma, Geraldo...”.

O jornalista Stefano Wanderley, da equipe esportiva da Rádio Tabajara, lembra que, quando iniciou na profissão, Lulinha foi extremamente acolhedor e o tratava muito bem, assim como todos os outros jovens profissionais que chegavam à emissora. “Ele era aquela pessoa experiente, então quando a gente queria tirar uma dúvida ele

sempre se prontificava a ajudar. A vida dele era para fazer a cobertura do Botafogo-PB. Ele vivia para isso, em função de dar suporte às notícias do time. Todo dia, ele ia para o treino e todo mundo, desde os jogadores à comissão técnica, se dava bem com ele por sua humildade e simplicidade”, relata o locutor.

Paixão alvinegra

O narrador esportivo Lima Souto, gerente do Departamento Esportivo da Rádio Tabajara, recorda como, no início de sua carreira, recebeu com alegria e satisfação a escala para viajar com Lula Rodrigues, a fim de transmitir os jogos do Botafogo-PB. “Lulinha foi um ícone, uma pessoa que a gente tinha estima, respeito e grande admiração pelo trabalho profissional. Era um cara espetacular, de um coração gigante e transmitia uma alegria onde chegava que era impressionante. Fazia amizade com todo mundo, do porteiro ao gerente, ou dono do hotel, do jogador ao presidente do clube. Ele tinha esse carisma”, conta o radialista.

Uma das lembranças que Lima Souto ainda preserva das viagens que fez com o repórter esportivo é de Lulinha avisando, no hotel onde estavam hospedados, que iria dar uma volta na cidade. Minutos depois, ele percebeu o motivo da saída: Lula tinha ido comprar bombons para distribuir na calçada, em frente ao hotel.

Em campo, o repórter demonstra habilidades que não deixava nada a dever a profissionais de renome nacional, contando com detalhes o que acontecia no decorrer do jogo. “Um bom narrador precisa de um grande repórter e Lulinha era esse profissional, pois detalhava cada jogada e tinha muita desenvoltura ao transmitir como o jogador colocava a bola para fazer gol”, relata o narrador.

Outro exemplo de humildade do repórter esportivo, lembrado por Souto, é que, ao final da transmissão dos jogos, como ainda não utilizavam microfone sem fio, Lulinha fazia questão de se adiantar, mesmo com a idade já avan-

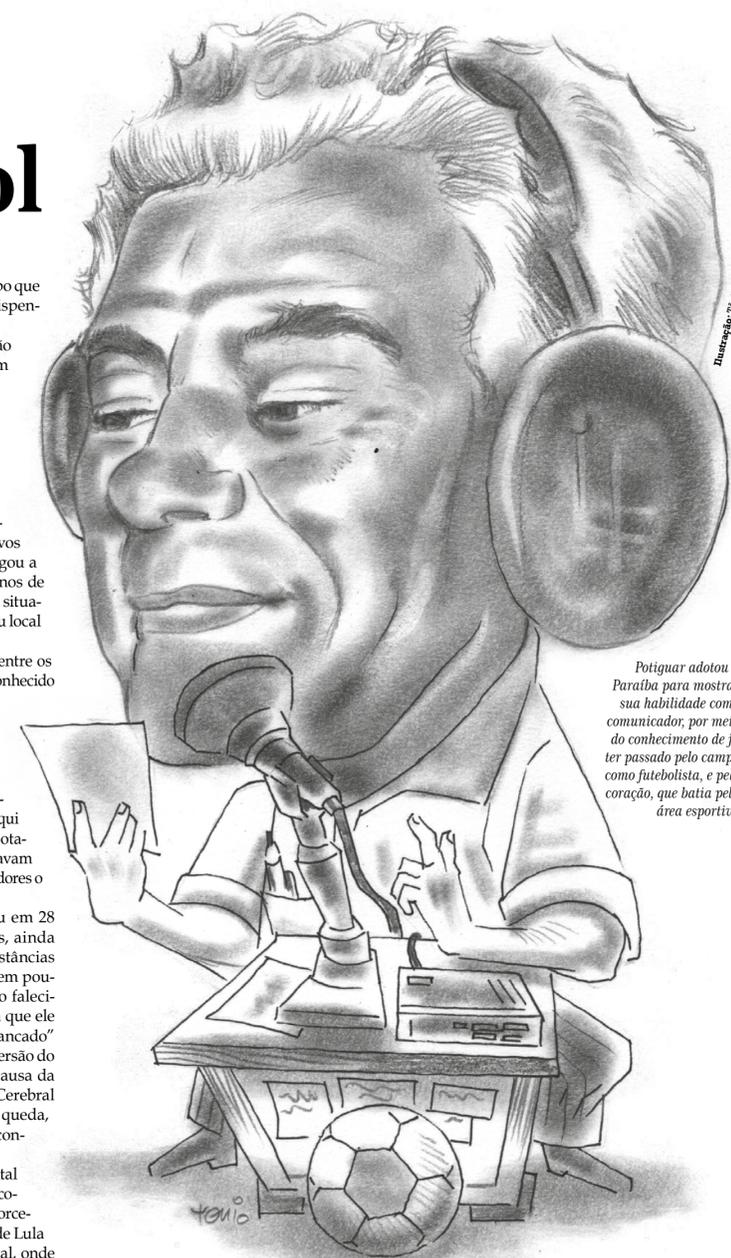
çada, para enrolar o extenso cabo que ligava a cabine ao gramado, dispensando ajuda do colega.

Alegre, sorridente, brincalhão e sempre fazendo piadas, assim era Lulinha: difícil encontrá-lo triste, dizem os que o conheceram. Até os torcedores adversários do Belo o admiravam pela paixão que mantinha pelo futebol. Trocava o microfone pela bola em certas ocasiões, como nos jogos pelo time da Associação dos Cronistas Esportivos da Paraíba (Acep), da qual chegou a ser tesoureiro e, nos últimos anos de vida, fazia da sede da entidade, situada no Centro de João Pessoa, seu local de dormida.

Eudes Toscano lembra que, entre os mais chegados, o repórter era conhecido como “Lulinha do Botinha” pelo amor e dedicação na cobertura da equipe do time que trazia no coração. “Tenho impressão de que, como ele jogou mais tempo no ABC de Natal, que é alvinegro, por isso quando chegou aqui na Paraíba apaixonou-se pelo Botafogo-PB. As portas do clube estavam sempre abertas para ele e os jogadores o amavam”, relata o amigo.

Lulinha Rodrigues faleceu em 28 de junho de 2002, aos 74 anos, ainda em plena atividade. As circunstâncias de sua morte ainda permanecem pouco precisas. No dia anterior ao falecimento, uma notícia informava que ele havia sido “barbaramente espancado” no bairro de Jaguaribe, mas a versão do laudo médico apontou como causa da morte um Acidente Vascular Cerebral (AVC) ocorrido em virtude de queda, já que seus pertences foram encontrados no local.

Depois de ser velado na capital paraibana, com homenagens de colegas de trabalho, jogadores e torcedores do Botafogo-PB, o corpo de Lula Rodrigues foi conduzido a Natal, onde se deu o sepultamento.



Potiguar adotou a Paraíba para mostrar sua habilidade como comunicador, por meio do conhecimento de já ter passado pelo campo como futebolista, e pelo coração, que batia pela área esportiva

Angélica Lúcio

Como fazer apresentações que engajam e comunicam com eficácia

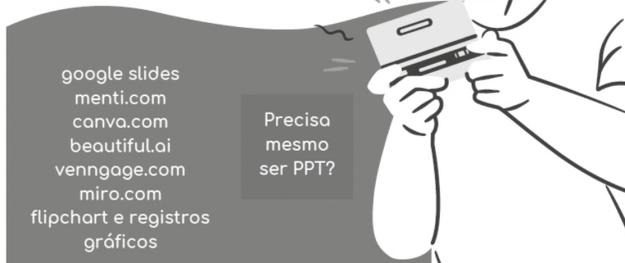
Nesta semana, ao participar de uma palestra online sobre *storytelling*, conheci algumas práticas muito úteis no momento de fazer uma apresentação. O material está presente no documento “12 dicas para fazer apresentações que engajam”, produzido pelo LA-BORA! gov, o qual reúne orientações valiosas para quem deseja aprimorar apresentações e conquistar a atenção da audiência com autenticidade e propósito. De forma geral, as dicas mostram que a comunicação precisa ser clara e envolvente para ser eficaz.

O documento está dividido nos seguintes tópicos: 1) *Slide* é de graça; 2) Defina a mensagem principal; 3) Defina as emoções que você quer despertar em sua audiência; 4) Defina o tom que você irá usar; 5) Defina a ferramenta; 6) Remova formalidades; 7) Minimalismo e simplicidade; 8) Hierarquize as informações; 9) Interaja com a audiência; 10) Faça a chamada para a ação; 11) Não tenham medo de errar; 12) É treino.

O destaque principal do material reside na mensagem: ela precisa ser clara, impactante e construída com base em dados que contém uma história — de preferência envolvente. Os dados, porém, não são o objetivo final, mas instrumentos para evocar emoções como segurança, alegria, surpresa e compaixão; em outras palavras, o intuito é criar uma ligação emocional, facilitando a compreensão da mensagem.

Mais: sabe aquela história de se preocupar com a quantidade de *slides*? Esqueça, afinal, *slide* é de graça! O essencial deve ser o foco no tempo e na mensagem que realmente importa para o público. No

05. DEFINA A FERRAMENTA



Quinta orientação presente no documento “12 dicas para fazer apresentações que engajam”

entanto, saiba que uma apresentação eficaz valoriza a concisão: cada *slide* deve conter uma única mensagem, evitando sobrecarga de informações, jargões e conceitos abstratos. A simplicidade e a clareza são, portanto, grandes aliadas. Como diz o documento, a história está em você, e os *slides* são apenas um guia. Além disso, o uso de ferramentas visuais (Google Slides, Canva, Menti, Miro) também podem ser adotados.

A autenticidade é outra recomendação do material do LA-BORA! gov. Assim, demonstrar vulnerabilidade, aceitar possíveis erros e mostrar-se como você realmente é contribui para criar empatia e estabelecer uma relação mais humana com a audiência. Durante a apresentação, o tom e a linguagem devem ser escolhidos com base no perfil da audiência. O tom pode variar entre formal, persuasivo ou animado, mas sempre com linguagem acessível e

adequada ao público-alvo, o que facilita a compreensão e o engajamento.

Na hora de finalizar a apresentação, é recomendável uma chamada para ação clara e específica: para solicitar apoio, propor parcerias ou indicar próximos passos. Esse convite direto à ação ajuda a transformar a atenção conquistada em resultados concretos. Por fim, o documento do LA-BORA! gov enfatiza a importância da prática constante e do *feedback*. Gravar apresentações e assistir ao próprio desempenho permite identificar pontos de melhoria, enquanto ouvir a opinião de outras pessoas contribui para a evolução contínua das habilidades de comunicação.

Em tempo: o LA-BORA! gov é o laboratório de gestão inovadora no Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos. Neste *link*, você encontra vários materiais interessantes produzidos por lá: www.gov.br/servidor/pt-br/assuntos/laboragov.



Por meio do QR Code acima, acesse o site oficial do LA-BORA! gov

Tocando em Frente

Pop rock made in Brazil — XIII

Dentre o que convencionamos chamar de *brazilian singers*, um nome aparece de forma — digamos assim — singular. É que brasileiro ele não era, porém, para “navegar na mesma onda”, naturalizou-se, assumindo duas nacionalidades: grego de nascimento e brasileiro por adoção. Konstantynos Kazakos, nasceu (1946) na cidade de Vathi, Ilha de Samos, sendo, portanto, conterrâneo de Pitágoras, conhecido filósofo e matemático helênico.

Como acontece com tantos outros futuros cantores, ainda garoto, em sua terra natal, iniciou-se nessa atividade, ao integrar corais de música, no caso dele, em música sacra em igrejas ortodoxas. Exercendo o pai dele a função pública de representante consular, a família circulava, em missão diplomática, por vários países latino-americanos, entre esses, o Brasil, onde veio a fixar residência.

Somente, na maioridade, em 1969, ele profissionalizou-se como cantor, compositor e instrumentista, optando pelo estilo pop romântico, vinculando-se, pelo menos, a duas gravadoras: a RGE/Young e a Sony/Polydisc. O marco inicial constante da fonografia de Patrick Dimon, nome adotado em função de exigências do meio artístico (gravadoras) da época, aconteceu



Com o nome artístico de Patrick Dimon, cantor é grego de nascimento e brasileiro por adoção

naquele mesmo ano, na Argentina, com o lançamento de um vinil (CS = compacto simples), com a música “Las Amorosas”, pouco divulgada por aqui.

As andanças pelo mundo e o padrão de vida familiar fizeram Patrick Dimon familiarizar-se com línguas diversas em que gravou inúmeros *hits* internacionais: português, es-

panhol, italiano, francês, inglês, grego e até em hebraico e armênio.

No padrão *pop rock made in Brazil*, os grandes destaques foram “Pigeon Without a Dove” (1979) uma adaptação dele para a profonia (ária do clássico) de Carlos Gomes, em “O Guarani”, que serviu de tema para a novela global *Pai Herói*; “She’s a Lady” (1980) e “Eternal Love”, tema da novela *Os ricos também choram* (SBT, 2005-06).

Poliglota, como já dito antes, ele gravou inúmeros sucessos nas versões originais: “Annie’s Song” (John Denver), “Come Prima” (Domenico Modugno), “Casa d’Irene” (Nico Fidenco), “Roberta” e “Champagne” (Pepino Di Capri), “Al Di La” (Emilio Pericoli), “Dio Come Ti Amo” (Gigliola Cinquetti); do *hit parade* sul-americano, Patrick Dimon registrou quase tudo, oferecendo aos discófilos um verdadeiro panorama de músicas tradicionais do cancionero latino, como “Aquellos Ojos Verdes”, “Ansiedad”, “Ay”, “Cosita Linda”, “El Bodeguero”, “Cachito”, “Cielito Lindo”, “Capullito de Aleli”, “Perfidia”, “Quizás Quizás Quizás”, “Besame Mucho”, “Quereme Mucho”, “Angustia”, “Ninguém me ama”, “Noche de Ronda”, “Adelita”, “Maria Elena” e muitos outros...

Enfim, ainda na ativa, Dimon fez jus a discos de ouro, platina e diamante, sendo bastante festejado pelo universo musical.

angelicallucio@gmail.com

Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br



Eita!!!!

TECNOLOGIA

Robô “made in USA” perde competitividade

Tarifas podem levar muitas empresas a terceirizarem a produção de vários itens

Agência Estado

As tarifas não estavam na pauta da Cúpula de Robótica, evento ocorrido nos EUA na semana passada, onde milhares de trabalhadores do setor de tecnologia se misturaram a variedades de robôs humanoides e outros tipos de robôs e conversaram sobre como construir e vender uma nova geração de máquinas cada vez mais autônomas. Pelo menos, não na agenda oficial.

Antes de responder às perguntas dos presentes, o palestrante principal, Aaron Saunders, diretor de tecnologia da Boston Dynamics, fez uma ressalva: “Eu sou o CTO, então não me perguntem sobre tarifas”. A multidão riu e obedeceu. Mas enquanto eles entravam no salão do centro de convenções de Boston, saudados por um humanoide de controle remoto feito pela empresa chinesa Unitree, era difícil ignorar a sombra das tarifas globais do presidente Donald Trump e as medidas de retaliação da China.

Tarifas são o “tópico número um que discutimos nos corredores com pessoas que conheço há muito tempo”, disse o organizador do evento Steve Crowe, presidente da Robotics Summit & Expo. “Acho que esse assunto está em alta, porque há muita incerteza sobre o que está por vir”.

A preocupação está enraizada na complexa anatomia de um robô, com motores e atuadores para mover seus membros, computadores para alimentar sua inteligência artificial (IA) e dispositivos de detecção para ajudá-los a reagir ao ambiente. Sensores, semicondutores, baterias e ímãs de terras raras estão entre os compo-

nentes mais sensíveis às disputas comerciais globais.

CEO da Tesla e conselheiro do presidente Trump, Elon Musk alertou investidores na semana passada que as contramedidas da China restringindo as remessas de ímãs de terras raras atrasarão o desenvolvimento dos robôs humanoides Optimus.

Mas alguns fabricantes de humanoides estavam vendo um possível lado positivo nas mudanças geopolíticas, à medida que as empresas americanas buscavam, com mais afinco, o fornecimento doméstico de peças e o desenvolvimento de robôs baseados nos EUA que pudessem automatizar fábricas e armazéns.

“Isso trouxe alguns inconvenientes para nossa própria cadeia de suprimentos, mas também abriu oportunidades”, disse Pras Velagapudi, diretor de tecnologia da Agility Robotics, sediada no Oregon. A empresa está começando a implantar seu robô humanoide, chamado Digit, em uma fábrica nos EUA administrada pela multinacional alemã Schaeffler, que produz componentes para a indústria automobilística.

Al Makke, diretor de engenharia dos sistemas de chassi da Schaeffler, disse que as tarifas podem levar muitas empresas a terceirizarem a produção de vários itens nos EUA. “Se isso acontecer, as empresas locais terão de lidar com altos custos de mão de obra e escassez de pessoal e, assim, a automação será ainda mais impulsionada”, disse. “E uma dessas faces da automação são os humanoides”.

Linha de produção

A maioria dos grandes robôs industriais emprega-

dos nos EUA é usada na fabricação de carros e vem de países como Japão, Alemanha ou Coreia do Sul.

Em 2024, as montadoras dos Estados Unidos instalaram 9,6% mais robôs em suas fábricas do que no ano anterior, de acordo com dados da Federação Internacional de Robótica.

Por enquanto, os humanoides ainda são um nicho, mas que desperta intensa curiosidade, em parte, graças à ficção científica. Um humanoide presente na conferência foi o G1, da Unitree. Vendido por US\$ 16 mil (R\$ 90,4 mil) e controlado remotamente por um funcionário, o robô apertou as mãos com fluidez, acenou para as pessoas e andou pelo salão de exposições, mas não vai movimentar caixas ou trabalhar em uma fábrica tão cedo.

Seus principais clientes fora da China são pesquisadores acadêmicos e alguns influenciadores de rede social, e as tarifas atuais de Trump, que totalizam 145% sobre a China, elevariam seu custo para os compradores americanos para cerca de US\$ 40 mil (R\$ 226 mil), disse Tony Yang, vice-presidente de desenvolvimen-

to de negócios da Unitree. “Ainda é um mercado muito restrito, mas acho que há um enorme mercado potencial no setor, até mesmo uso doméstico”.

Numa quadra de *pickleball*, participantes da conferência podiam pegar uma raquete e rebater bolas lançadas por um robô com rodas. Quando solicitado a descrever o que há dentro do robô Tennibot, seu criador também pensou em tarifas. “Peças moldadas por injeção, rebites, parafusos, porcas, rodas, motores, baterias”, disse Haitham Eletrabi, cofundador e CEO da Tennibot, com sede no Alabama. “A cadeia de suprimentos é muito complexa. Recebemos peças de todo o mundo. As tarifas estão adicionando muita incerteza”.

Além da rivalidade comercial entre os EUA e a China, que estava pesando sobre alguns participantes, Francesca Torsiello, da empresa de recrutamento Adapt Talent, notou mais cautela dos candidatos canadenses sobre aceitar empregos nos EUA em meio a um ambiente político tenso. “Canadenses achavam atraente vir trabalhar nos EUA. Agora, eles estão hesitantes”.

Charada

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: tecido (2) = pano + vegetação que brota do mato (2) = rama. **Solução:** visão ampla do ambiente (4) = panorama.

Charada de hoje: O pequeno (2) objeto de escuta (2) também serve de aumento para o som (4).



Ilustração: Bruno Chiossi

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)



Seis dos mais complicados enigmas matemáticos que continuam sem resposta

Sete problemas matemáticos e um milhão de euros. É este o desafio dos Prêmios dos Problemas do Milênio, os enigmas mais difíceis conhecidos no ano 2000, estabelecidos pelo Instituto Clay de Matemática (Clay Mathematics Institute — CMI), fundação sem fins lucrativos, com base em Cambridge, Massachusetts, nos Estados Unidos. Todos os problemas se debruçam sobre diferentes áreas e são essenciais para compreender vários aspectos, não apenas da matemática, mas também da física ou da informática, por exemplo. Até agora, apenas um foi resolvido — em 2010, o matemático russo Grigori Perelman (foto acima) provou a Conjetura de Poincaré. Mas quais são os outros?

Conjetura de Hodge

É uma ponte entre dois ramos da matemática, topologia e álgebra, que procura encontrar maneiras confiáveis de aproximar formas complexas. Em 25 anos, registaram-se poucos progressos nesse domínio, segundo Pierre Deligne, investigador do Instituto de Estudos Avançados de Princeton, nos Estados Unidos.

Conjectura de Birch e Swinnerton-Dyer

O problema relaciona-se com as propriedades das soluções de equações que definem o que é conhecido como uma curva elíptica. Essas curvas podem ser descritas por equações algébricas e têm propriedades que as tornaram úteis numa grande variedade de contextos. Aparecem no processo de fatorização de números grandes em primos e em vários tipos de criptografia.

Hiato de massa de Yang-Mills

O problema é relacionado com a física das partículas elementares — como é que as coisas que viajam à velocidade da luz não têm massa?

P vs. NP

É uma questão em aberto que tem a ver com o esforço computacional necessário para resolver certos tipos de problemas matemáticos.

Existência e suavidade de Navier-Stokes

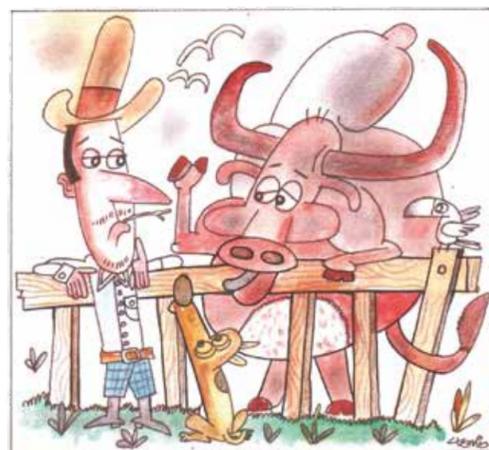
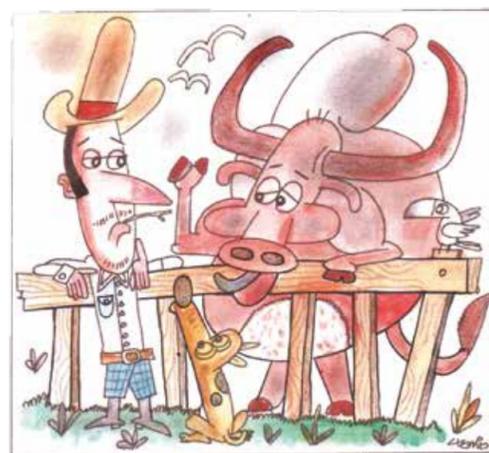
Esse problema investiga a fiabilidade das equações de Navier-Stokes, que são amplamente utilizadas para prever a forma como os fluidos fluem em várias circunstâncias.

Hipótese de Riemann

É o problema mais antigo, com mais de 116 anos. Essa teoria que continua sem provas afirma que existe uma forma de prever em que ponto da linha numérica aparecerão os números primos.

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Solução

1 - cauda; 2 - chapéu; 3 - costeleta; 4 - cerca; 5 - chifre; 6 - língua; 7 - bolso; 8 - pintas no cachorro; 9 - pimenta.